

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Título: Entre necas, peitos e picumãs: subjetividade e construção identitária das
travestis do Jardim Itatinga**

Autor: Santos, Paulo Reis dos

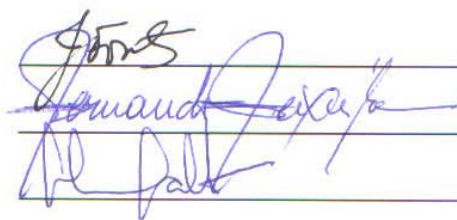
Orientador: Prof. Dr. Joaquim Brasil Fontes Junior

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação
defendida por Paulo Reis dos Santos e aprovada pela Comissão
Julgadora.

Data: 25 de fevereiro de 2008

Assinatura: .....
Orientador

COMISSÃO JULGADORA:



ano 2008

© by Paulo Reis dos Santos, 2008.

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Santos, Paulo Reis dos.
Sa59e Entre necas, peitos e picumãs : subjetividade e construção identitária das
travestis moradoras no Jardim Itatinga / Paulo Reis dos Santos. -- Campinas,
SP: [s.n.], 2008.

Orientador : Joaquim Brasil Fontes Júnior.
Dissertação (mestrado) -- Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Educação.

1. Travestis. 2. Gênero. 3. Identidade. 4. Sexualidade. 5. Violência. I.
Fontes Júnior, Joaquim Brasil. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade
de Educação. III. Título.

08-004/BFE

Título em inglês : Among necas, breasts and picumãs : subjectivity and identity construction of travestites who live in Jardim Itatinga

Keywords: Travestites ; Gender ; Identity ; Sexuality ; Violence

Área de concentração: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

Títuloção: Mestre em Educação

Banca examinadora: Prof. Dr. Joaquim Brasil Fontes Júnior (Orientador)

Prof. Dr. Silvio Donizetti de Oliveira Gallo

Prof. Dr. Fernando Silva Teixeira Filho

Profª. Drª. Regina Maria de Souza

Profª. Drª. Carmen Lúcia Soares

Data da defesa: 25/02/2008

Programa de pós-graduação : Educação

e-mail : re_pare@yahoo.com.br

RESUMO: Das chamadas minorias sexuais ou sociais, a travesti é a mais perversamente marcada pela identidade sexual, quase inexistindo nos estudos de gênero. Vivendo e se estruturando identitariamente a partir da ilegalidade e marginalidade, é difícil encontrá-la fora da prostituição.

Neste estudo, tendo por base o que Foucault chamou de *scientia sexualis* e *ars erotica*, analiso como os discursos verdadeiros desembocaram no sexismo, misoginia e homofobia, e busco compreender como elas se subjetivam e se constituem como sujeitos levando-se em conta os dos processos de resistência aos dispositivos de poder. Minha questão é: como as travestis, profissionais do sexo se estruturam identitariamente a partir do não-lugar social que ocupam no cenário urbano da cidade de Campinas?

Palavras-chave: travestis, gênero, identidade, sexualidade, violência.

ABSTRACT: Among the so called sexual or social minorities, the transvestites are the most perversely marked by their sexual identity, almost completely forgotten by gender studies. Living and structuring their identities from illegality and marginality, it is difficult to find them out of prostitution.

In this study, from what Foucault called *scientia sexualis* and *ars erotica*, I analyze the way truthful discourses lead to sexism, misogyny and homophobia, and I try to comprehend how this structural violence provokes the loss of transvestites' sense of citizenship and, at the same time, how they subject and build themselves throughout the processes of resistance to the mechanisms of power. My question is: how come transvestites, professionals of sex, structure their identities from the social no-place they occupy in the urban scenario in the city of Campinas.

Key words: Transvestites – gender – identity – sexuality - violence

Agradecimentos

O presente trabalho não seria cogitado, e menos ainda realizado, se não fosse o estímulo, incentivo e colaboração de inúmeras pessoas que me apoiaram e estiveram presentes em meu percurso de vida. A todos agradeço de coração. Saber-me querido e admirado tem me dado ao longo dos anos a estabilidade emocional necessária para continuar vivendo, aprendendo, produzindo, me divertindo e amando.

Primeiramente agradeço à vida pela generosidade de colocar em meu caminho inúmeras pessoas especiais;

Ao Prof. Dr. Joaquim Brasil Fontes Jr., orientador que me abriu as portas da academia, dando credibilidade e reconhecimento ao meu projeto inicial;

À professora da rede municipal de ensino Yone de Freitas que, em 2004, incentivou-me a enviar o projeto de mestrado para o GEISH – Grupo de Estudo Interdisciplinar de Sexualidade Humana da Faculdade de Educação da UNICAMP;

Aos meus leitores argutos, atentos, impertinentes e perspicazes: Thiago Duque, Bete Zuza e Willian Siqueira Peres;

Aos Professores Doutores Fernando Silva Teixeira Filho e Silvio Donizetti de Oliveira Gallo, pelas observações, orientações, críticas e sugestões no exame de qualificação;

À amiga Ana Sabbag pelas sugestões e subsídios de sua revisão, o que contribuiu para que o texto final expressasse com clareza e sutileza o meu pensamento;

A Donana, Sandra, Tiana e Cidinha pela maternagem, carinho e atenção nos momentos mais críticos de minha vida recente;

A Valdirene dos Santos e Juliano Silveira pelas horas gastas com a transcrição das conversas com minhas entrevistadas;

A todos que estiveram presentes ou passaram pelo IDENTIDADE, e assim contribuíram para minha compreensão de uma possibilidade de vida pautada no respeito ao outro, especialmente Maria Helena de Freitas, Paulo Mariante, Rodrigo Braga, Silvio Silveira, Lola e Kadu Buba;

À equipe da Secretaria Municipal de Cidadania, Trabalho, Assistência e Inclusão Social da Prefeitura Municipal de Campinas, pela compreensão, apoio e incentivo, em especial Ivanir Simionato, Márcia Maeda e Rita de Cássia;

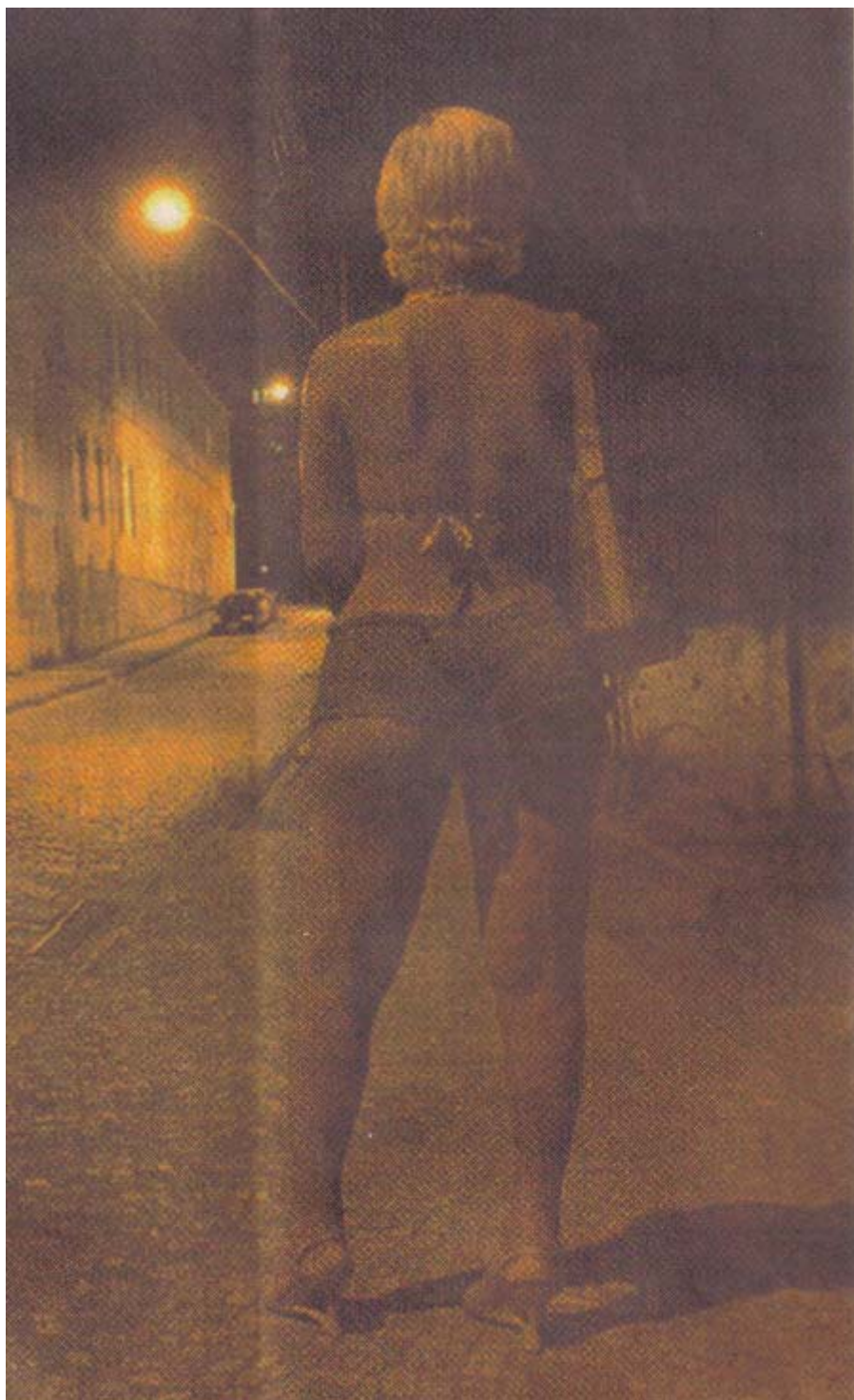
À equipe do Centro de Referência GLTTB, especialmente D. Conceição (pelos inúmeros cafezinhos), Camila Rosseto, Bárbara Delcanale e Valdirene dos Santos;

À cumplicidade de meus novos amigos Francisca de Paula, Maria Tereza de Arruda Campos, Lilian Cristine, Marcele e Gláucia, entre tantos outros.

À minha inestimável amiga Maria Inês Benitez, fundamental incentivadora e apoiadora de minha vida;

E, finalmente, ao Marcos Leme que, se fazendo presente em tempo integral, soube ser invisível, tolerante e compreensivo nos momentos mais críticos desta escrita, me acompanhando com seu carinho e companheirismo;

E de modo especial, às travestis integrantes do IDENTIDADE, que me mostraram que o sujeito e seu corpo são suportes de múltiplas possibilidades. Particularmente a Janaína Lima, amiga e companheira de inúmeras batalhas e a Denise Martins por ter-me acolhido em sua vida e aberto espaço para que eu adentrasse em sua intimidade.



"Costumo comparar a travesti a uma ilha, só que em vez de água, ela está cercada de preconceito por todos os lados".

Janaína Dutra

Militante do movimento pelos direitos humanos das travestis, falecida em decorrência das complicações da AIDS em 08/02/2004, aos 43 anos.

Sumário

Abstract.	III
Agradecimentos.	V
Sumário.	IX
Ai que meda! Ou, uma pequena introdução.	11
Com marginal não se conversa.	15
Travestis e putas. Ou, aqui o babado é forte!	41
O resto do esgoto da zona.	57
A travesti, o feminino, a violência e a resistência. Ou, como o menino virou prostitua.	79
(in) conclusão.	101
Anexos:	
I - Manifesto da comunidade do Bosque.	107
II - Código de ética e conduta das profissionais do sexo.	109
Bibliografia.	111

Ai que meda¹! Ou, uma pequena introdução.

Foi quando meu pai
Me disse:
"Filha, você é a Ovelha Negra
Da família"
Agora é hora de você assumir
Uh! Uh! E sumir!...

Ovelha negra
Rita Lee

Este estudo é o resultado de um longo e intenso trabalho desenvolvido com as travestis da cidade de Campinas, interior do estado de São Paulo. Num primeiro momento, enquanto militante do movimento de luta pelos direitos humanos de gays, lésbicas, travestis, transexuais e bissexuais, me aproximei desses sujeitos desenvolvendo trabalhos no campo da prevenção das DSTS/AIDS desde 1990. Depois, como coordenador do Centro de Referência GLTTB, da Secretaria Municipal de Assuntos Jurídicos e da Cidadania, atuei, em 2003 e 2004, como intercessor nos conflitos entre os moradores do bairro Bosque e as profissionais do sexo que ali atuam. A partir daí, voltei minha atenção mais especificamente para as travestis moradoras da casa da Adriana no Jardim Itatinga, a maior zona de prostituição da América Latina, grupo referencial desta dissertação de mestrado realizada a partir do GEISH - Grupo de Estudo Interdisciplinar de Sexualidade Humana da Faculdade de Educação da Universidade Campinas - Unicamp.

Todo este contato me possibilitou pensar e analisar os significados das práticas sociais e as discursividades que se produzem sobre as travestis moradoras na cidade de Campinas, ou que são por elas produzidas. Mais especificamente, o modo como, a partir das práticas regulatórias de gênero, elas se subjetivam e constroem suas identidades. Procuro assim, abrir caminhos para um outro olhar sobre estes sujeitos, daí a multiplicidade de vozes e discursos que aparecem ao longo do trabalho; são moradores, jornalistas, delegados, políticos, travestis, militantes, leitores dos jornais e teóricos pesquisados. O resultado é uma polifonia orquestrada pelas questões de gênero, tendo ao fundo a intolerância para com o diferente.

Para a realização desta dissertação, acompanhei as travestis moradoras da casa da Adriana, no Jardim Itatinga, que se prostituem nas ruas de Campinas e região, em diversos

¹ - Expressão utilizada pelas travestis, para expressar medo, receio de alguma coisa.

momentos do seu cotidiano, inclusive na “batalha”, ou seja, nos locais de prostituição. Realizei assim pesquisa qualitativa com orientação etnográfica e como técnicas, entrevistas individuais e em grupos, observação participante e diário de campo sobre a coleta de dados.

É importante salientar que utilizo o termo travesti no feminino: “a” travesti. Em primeiro lugar, em respeito ao fato de elas próprias se denominarem no feminino; valorizo, assim, a transformação corporal praticada por elas. Em segundo lugar, por ser uma das reivindicações do movimento nacional organizado pelas travestis; dessa forma me alinho na luta pelo respeito e garantia da construção do feminino entre elas. Dessa forma, procuro mostrar que é possível o ato político dentro da produção de um texto acadêmico, já que a categoria *gênero* é um produto simbólico e constructo cultural, e o corpo da travesti é construído no sentido de refletir os símbolos do feminino.

Minha dissertação divide-se em quatro capítulos, além da introdução e conclusão. O primeiro capítulo – *Com marginal não se conversa* – tem como proposta fazer um inventário da situação conflituosa entre os moradores do bairro Bosque e as travestis que ali se prostituem, nos anos de 2003 e 2004, quando atuei como intercessor do poder público local. Através de recortes de notícias publicadas nos jornais e de uma audiência pública, utilizo como pano de fundo em minha análise os conceitos *estabelecidos* e *outsiders*, elaborados por Elias & Scotson (1994). Neste capítulo procuro destacar as técnicas utilizadas pelos moradores (estabelecidos) para disseminar entre a população campineira a idéia de que as travestis (outsiders) possuem atributos associados a delinquência, violência, desintegração social, sendo, portanto, marginais e desclassificadas.

No segundo capítulo - *Travestis e putas: aqui o babado é forte* - procuro evidenciar minha inserção no campo onde se daria minha investigação: a casa da Adriana. A travesti Denise Martins² foi minha cicerone neste admirável e surpreendente mundo novo: a zona de Campinas e suas personagens, ruas, vielas, becos e histórias. Em nossas caminhadas pelo bairro, deparamo-nos constantemente com a presença do sujeito de minha pesquisa - as travestis - convivendo harmoniosamente com mulheres prostitutas.

Em oposição ao discurso bio-psicologizante, busco revelar alguns olhares sobre os estudos das questões de gênero e sua interface com a homossexualidade, identidade guarda-chuva que abrigou (e ainda abriga) diversas identidades e práticas

² - As travestis Denise Martins e Janaina Lima autorizaram-me a utilizar o seu nome próprio neste trabalho.

sexuais para além dos cânones heteronormativos. Assim procuro problematizar os argumentos essencialistas que não levam em conta os elementos culturais envolvidos no processo de construção identitária e subjetivação do sujeito.

De Judith Butler (2004) utilizei as noções de corpos abjetos, de Cascais (2007) os conceitos de sexismo, machismo, homofobia e suas implicações sobre a violência estrutural. Já em Jeffrey Weeks (2003) e Stuart Hall (2007) fui buscar as questões relativas à construção identitária e suas implicações para a vida dos sujeitos e, em Foucault (1985; 1999), a emergência dos discursos verdadeiros, sua institucionalização como verdades absolutas e o seu impacto na vida dos sujeitos, além dos conceitos sobre moral e ética.

No capítulo seguinte - *O resto do esgoto da zona* - através da biografia de Denise Martins, procuro desvendar os mistérios da transformação corporal do menino, do adolescente e a incorporação da identidade travesti, através da utilização de meios definitivos para a *montagem* do corpo, ou seja, a implantação de silicone líquido, o uso de hormônios, a apreensão e incorporação de um linguajar específico oriundo dos ritos afro-brasileiros, o *bajubá*, o qual utilizo em alguns momentos de meu texto. Através do relato de Denise, compreendemos que as construções social e sexual das travestis no âmbito do feminino são relatadas desde a infância por elas como uma inadequação à heteronormatividade. Em linhas gerais, abandonam a escola, depois são expulsas de casa e, na rua, são cooptadas pelas redes de exploração sexual, onde, através da transformação corporal, encontram finalmente seu lugar social na prostituição.

No quarto e último capítulo - *A travesti, o feminino, a violência e a resistência* - procurei problematizar os processos de transformação corporal a que as travestis se submetem para exibirem uma imagem feminina. A partir de então busquei compreender como este processo de reconfiguração do corpo se produz e quais suas implicações na subjetivação desses sujeitos.

A compreensão de que a vida das travestis, moradoras do Jardim Itatinga, e sua atividade prostitutiva se efetivam no circuito da ilegalidade dos discursos médico-jurídico, explicam o porquê de elas estarem constantemente em confronto com Lei e a ordem social, legitimando toda sorte de violências a elas destinadas. Através dos relatos dos sujeitos participantes de meu estudo, pude observar que a travesti constrói seu corpo e sua vida, portanto sua subjetividade, do lado de fora das relações sociais da cultura tradicional. Assim busquei suporte nas teorizações de Guacira Lopes Louro, sobre a margem e o centro e os procedimentos pedagógicos que formam os sujeitos sociais.

As entrevistas realizadas tanto no local de moradia como no trabalho (a rua e os postos de gasolinas nas rodovias que cortam a cidade) foram orientadas por um roteiro elaborado a partir de leituras e da observação direta da vida cotidiana das travestis do Jardim Itatinga, e foram analisadas com base nas referências teóricas e empíricas citadas.

Transformar os paradigmas críticos, ou no mínimo aceitar princípios não heteronormativos, instrumentalizou-me a desconstruir as representações uniformes sobre homens, mulheres, gays, lésbicas e travestis. E a melhor alternativa para isso foi a escuta sensível dos discursos dos sujeitos de minha pesquisa que hoje vivem, encenam ou sugerem outros tipos de sexualidade e de gênero, pois as travestis são o sujeito social depositário da capacidade humana de trocar, alterar, recriar e produzir suas identidades resistindo a toda sorte de interdições, humilhações, discriminações e violências, constituindo-se a partir de uma ética outra, para além do normal e do patológico.

Com marginal não se conversa!

Quero saber, pode contar
Vou espalhar, tem babado novo

(...)

Tem fulana namorando com beltrano
A novidade é Fafá com Luciano
Fabiana tá azarando o cunhado
Lá na rua todo mundo tá ligado
Tatiana tá usando silicone
Zé Roberto quando sai, vira Simone
Adriana acabou com o namorado
A vizinha tá de olho arregalado

(...)

E é um disse
Me disse
Me disse disse
(...)

Babado Novo
Alexandre Peixe, Cal Adan e Beto Garrido

Por volta das nove horas da manhã de domingo, 9 de novembro de 2003, um dia ensolarado, acordei com o telefone tocando. Sonolento, estiquei o braço alcançando o fone.

Era uma assessora da Coordenadoria da Mulher da Prefeitura Municipal de Campinas convocando a mim, coordenador do Centro de Referência GLTTB (Gays, Lésbicas, Travestis³, Transexuais e Bissexuais)⁴ para ir ao Bosque tradicional bairro da cidade, onde os moradores haviam marcado para aquela manhã uma caminhada com o intuito de chamar a atenção do poder público, e da população em geral, para o problema da prostituição das travestis no entorno do Bosque dos Jequitibás. Em virtude de minha convivência com esse grupo social aprendi a utilizar o artigo no feminino - “a” travesti - em oposição ao uso corrente - “o” travesti - pois as mesmas compreendem sua subjetividade como derivativa do feminino e de todas as multiplicidades que ele abarca.

³ - “As travestis geralmente não têm problema de identidade. O sexo psico-social corresponde ao sexo genital. O seu lado feminino faz com que a travesti cultue uma aparência feminina com seios e formas arredondadas, sem contudo, deixar de ter em algumas ocasiões atitudes tipicamente masculinas. Muitas vezes é difícil distinguir uma transexual de uma travesti. A condição humana tem fronteiras muito tênues entre o “ser” e o “estar” e a aparência de forma alguma pode ser a única responsável pela classificação de uma pessoa. O que torna alguém transexual ou uma travesti, é o seu modo de ser e sentir a vida, pensar e agir de acordo com sua cabeça.” (Grupo Gay da Bahia, s/data, p. 4)

⁴ Nessa época, o Centro de Referência GLTTB era um órgão da Secretaria de Assuntos Jurídicos e da Cidadania da Prefeitura Municipal de Campinas.

O Centro de Referência GLTTB surgiu como uma reivindicação do movimento homossexual da cidade de Campinas, através de um projeto apresentado, dentro da temática da cidadania, nas assembleias do Orçamento Participativo, iniciativa do governo do Partido dos Trabalhadores, que administrou a cidade entre 2001 e 2004. Sendo aprovado no ano de 2002, este serviço foi inaugurado em 31 de julho de 2003. Este foi o primeiro serviço público do país a ofertar assessoria jurídica, assistência social e apoio psicológico gratuitos a gays, lésbicas, travestis, transexuais e bissexuais, sendo que uma de suas funções é propor políticas públicas específicas.

Militante do movimento homossexual da cidade desde 1998, fui indicado por este segmento para ser o coordenador do Disque-Defesa-Homossexual, que acabou sendo incorporado ao Centro de Referência GLTTB. Por esta razão é que fui chamado, na manhã daquele domingo, para representar o poder público diante da manifestação dos moradores indignados com o comportamento das travestis que se prostituem nas ruas do bairro.

Após a caminhada, tive meu primeiro contato com a diretoria da SABB - Sociedade Amigos do Bairro Bosque – de quem ouvi reclamações sobre a algazarra provocada nas madrugadas pelas travestis.

A partir desse momento, passei a atuar como intercessor. Segundo Deleuze (1992) este um conceito-ferramenta, cheio de força crítica, capaz de gerar crise ao desestabilizar lugares e concepções cristalizadas. Uma das funções do intercessor é "ser claro e impor os 'dados' não só de uma situação, mas de um problema. Tornar visíveis coisas que não o seriam em outras condições" (DELEUZE, 1992, p. 158). Ele realiza sua ação na transversalidade, pois é pela diferença entre os termos (no caso, moradores e travestis que se prostituem) que a função intercessora se cumpre. Ele é um elemento de fora do sistema, que atravessa o campo, permitindo mudanças, produzindo assim um efeito de desestabilização.

Realizamos diversas reuniões com as cafetinas⁵ que atuam na cidade e outras travestis, no Centro de Referência GLTTB, e outras com os moradores na sede da SABB.

As conversas em ambos os lados sempre foram tensas e difíceis, pouco ou quase nada das decisões tomadas nas reuniões reverberaram nas atitudes das profissionais do sexo ou dos moradores. As duas partes em litígio cerraram fileiras nesta "batalha": um grupo não reconheceu o direito do outro.

⁵ - Donas de casas ou pensões onde moram grupos de travestis. Segundo o Novo Aurélio Século XXI - Dicionário da Língua Portuguesa: Caftina. S.f. *Bras.* Mulher que explora o comércio de meretrizes. [Var.; cafetina] (1999, p. 361)

Percebi, então, o poder dos moradores que utilizaram os meios de comunicação disponíveis (jornais de grande circulação, jornal do bairro, faixas e Internet) para disseminar uma campanha contra as forasteiras indesejadas, muitas vezes criando um clima de intolerância explícita.

Fruto desse poder foi a notícia veiculada no dia 22 de novembro de 2003, no Correio Popular, jornal tradicional da cidade, onde se lia a seguinte manchete de capa: “Vizinhança do Bosque denuncia cliente de travesti pela Internet”, chamando a atenção para matéria do Primeiro Caderno, página 4, “Internet denuncia clientela da prostituição”. No corpo do texto, o jornalista Gilson Reis diz:

Cansados de esperar por uma solução da Prefeitura Municipal ou da Polícia Militar, os moradores estão enviando mensagens pelo computador, que mostram placas dos veículos que freqüentam o local. Em outras mensagens eletrônicas, são enviadas fotos dos carros dos “freqüentadores”.

As mensagens eletrônicas são repassadas para outras pessoas em empresas, repartições públicas e entidades. A multiplicação da informação via Internet poderá ser eficiente a médio e longo prazo, na opinião de um dos idealizadores da ação via Internet, que preferiu manter seu nome em sigilo.

O internauta é morador daquela região e preferiu não se identificar. Segundo ele, o objetivo é inibir os visitantes e, com isso, diminuir a “freguesia”, que mantém, ou sustenta a situação indesejada para os moradores... “população paga impostos e não pode ter tranqüilidade (...)

Pelo texto da matéria nota-se que nenhuma travesti foi ouvida e nenhuma autoridade pública ou jurídica foi consultada sobre a legalidade desta ação dos moradores. Provocados por estes fatos, os leitores do referido jornal passaram também a opinar sobre o assunto e, assim, em 29 de novembro de 2003, na seção Cartas do Leitor, página 2, um morador do bairro declarou:



Neste sentido, Elias & Scotson (1994, p. 26) nos esclarecem o pânico que os moradores (estabelecidos) sentem das travestis (outsiders) que ousaram invadir seu espaço geográfico:

(...) O contato mais íntimo com eles (outsiders), portanto é sentido como desagradável. Eles põem em risco as defesas profundamente arraigadas do grupo estabelecido contra o desrespeito às normas e tabus coletivos, de cuja

observância dependem o status de cada um dos seus semelhantes no grupo estabelecido e seu respeito próprio, seu orgulho e sua identidade como membro do grupo superior. Entre os estabelecidos, cerrar fileiras certamente tem a função social de preservar a superioridade de poder do grupo. Ao mesmo tempo, a evitação de qualquer contato social mais estreito com os membros do grupo outsider tem todas as características emocionais do que, num outro contexto, aprendeu-se a chamar de “medo da poluição.”

Em sua edição de 4 de dezembro de 2003, o jornal diário Correio Popular traz a seguinte manchete de capa:



Na página 4, sob a manchete: “Bosque faz ‘apitação’ para protestar contra travesti”, matéria dos jornalistas Carla Silva e Johnny Inselsperger:

A guerra entre travestis e moradores do bairro Bosque deve ficar mais acirrada a partir das 21h50 de hoje, quando os dois mil apitos, distribuídos aos moradores dos prédios, irão soar por dez minutos para alertar a cidade sobre o problema da prostituição, tráfico de drogas e violência enfrentada pela comunidade há seis anos. E respeitando a lei do silêncio, eles irão piscar as luzes de suas casas com o intuito de “iluminar” as idéias dos responsáveis, não só pela segurança pública da cidade, mas também pela Prefeitura que, segundo eles, faz vistas grossas para o problema. Sem quererem ser identificados, com receio de represálias, já que são alvos de constrangimentos na porta de suas casas, os moradores disseram ontem que preparam um documento que será entregue nos próximos dias ao Ministério Público (MPE).

Essa matéria foi ilustrada com uma foto da fachada de um dos prédios do bairro, onde aparece uma faixa com os dizeres “Respeitem as nossas famílias”.



Faixa em edifício do Bosque protesta contra o problema da prostituição no bairro

A notícia termina dizendo:

Os moradores contam que a prostituição no bairro virou um grande negócio. Muitas vezes, microônibus trazem travestis de Sumaré e Hortolândia. Atualmente, cerca de cem profissionais trabalham em torno do Bosque dos Jequitibás”.

O aumento dos profissionais do sexo no bairro trouxe como consequência muito barulho, furtos, brigas, consumo de drogas, a falta de pudor - pois há travestis que ficam nus e se masturbam na rua -, além da desvalorização dos imóveis.

No dia 6, na página 4 do mesmo jornal, a jornalista Carla Silva divulga uma reunião em que autoridades tentarão “resolver os problemas que vêm atormentando a vida dos moradores”. Esta foi a primeira vez em que as “autoridades” foram ouvidas, ou que pelo menos as ações propostas pelo poder público foram divulgadas pela imprensa local.

Câmara ouvirá morador do Bosque

Semana que vem, autoridades estarão reunidas para um debate público no plenário do Legislativo

CARLA SILVA
Da Agência Anhangüera
carla@rac.com.br

A briga entre os moradores do bairro Bosque, em Campinas, com os travestis que atuam no bairro para fazer programas deve ganhar mais um capítulo na próxima quinta-feira. A partir das 9h, os comandos das polícias Civil e Militar, autoridades municipais, estaduais e federais, representantes da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), além do Judiciário deverão estar reunidos para um debate público. O encontro, que será no plenário da Câmara, tem a finalidade de resolver os problemas que vêm atormentando a vida dos moradores. Segundo eles, os travestis seriam os responsáveis pela violência, tráfico de drogas e homicídios, que vem acontecendo naquela região.

Moradores do Bosque durante o apitão de quinta-feira

“Vamos pedir para que as autoridades, principalmente as polícias, tomem uma postura. Vamos requerer que a polícia esteja atuando permanentemente no bairro e não apenas com blitz que são feitas uma vez ou outra”, reclamou a vereadora Terezinha de Carvalho (PMDB).

Na noite de anteontem, os moradores ocuparam as ruas do bairro. Com fogos de artifícios, as luzes dos apartamentos piscando e o som de dois mil apitos as famílias lutavam pela retirada dos homossexuais do bairro. Os moradores afirmam que o apitão realizado ontem é apenas a primeira parte de uma série de mobilização que será feita até que os travestis deixem o bairro e mudem para um lugar apropriado para eles.

Durante o protesto dos moradores, o clima chegou a ficar tenso por alguns minutos quando um grupo de adolescentes, moradores do bairro, se encontraram com um grupo de travestis na Avenida Aquidabã. A situação logo foi contornada e não houve confronto. É válido ressaltar que durante o protesto dos moradores e durante a permanência da reportagem da Agência Anhangüera de Notícias no bairro nenhuma viatura da Polícia circulou por aquela região.

No dia 8, em seu editorial, sob o título “A equação dos direitos nas ruas”, o Correio Popular, entre outras coisas, dizia:

Na noite de quinta-feira muitos moradores do bairro Bosque fizeram agitada manifestação pública – apitaco acompanhado de fogos de artifício e estouro de bombinhas, ao lado do pisca-pisca das luzes dos apartamentos – para protestar contra as consequências das atividades de travestis na área”.

(...) pois que a área acabou se transformando em ponto de encontro, referência para os clientes desse tipo de comércio sexual, de modo a converter-se em espaço propício a uma série de procedimentos que colidem com os padrões legais e morais, prejudicando fortemente os moradores.

(...) segundo esses moradores, com a chegada dos travestis foram aumentadas às situações de risco, sobrevieram os constrangimentos em face de atos indecorosos, a céu aberto (atentados ao pudor) tráfico de drogas, a violência, os homicídios.

De seu lado, os travestis dizem que são tratadas de forma truculenta, vítimas inclusive de ataques por vários meios, inclusive pedras. Disseram, na quinta-feira, que vão ficar em vigília, até que uma comissão do bairro venha falar com eles, para dialogar e resolver a situação.

(...) Não pode a prefeitura deixar as coisas como estão, já que os munícipes do bairro do Bosque estão reclamando contra consequências danosas para os moradores e exigem correção da situação.

Toda a rejeição vivenciada pelas travestis que se prostituem nas ruas do bairro Bosque, como em outros espaços da cidade, se insere no conceito de violência estrutural que, segundo Ana Paula Portella,

[é] aquela violência que se origina nas estruturas sociais e econômicas desiguais e injustas, reproduzindo-se através delas. Falamos aqui da violência da pobreza, da miséria e da desigualdade onde as vítimas são coletivos humanos [neste caso as travestis] e os agressores são indefinidos, despersonalizados e desmaterializados. Mas falamos também das diferentes formas de discriminação e preconceito que se enraízam nas relações sociais. (2007, s/p)

Pudemos perceber claramente o conceito de violência estrutural se concretizando, no dia 11 de dezembro de 2003, durante a realização de uma audiência pública sobre o caso na Câmara Municipal de Campinas. A vereadora Terezinha, auto-intitulada “delegada” (pois antes de exercer o mandato parlamentar havia sido delegada da Delegacia da Mulher e assim, pelo menos emblematicamente, se perpetuou no cargo, ao incorporar o substantivo delegada ao seu nome), presidiu o que ela chamou tecnicamente de *debate público*, convidando para compor a mesa o Dr. Luis Fernando Lobão Moraes, representando a Ordem dos Advogados do Brasil; o tenente coronel Reinaldo Pinheiro Silva, comandante do CPI II e o Dr. Renato Lauer, delegado de polícia titular do Décimo Distrito Policial de Campinas. Havia sido convidada também a Sr^a. Maria Cristina Von Zuben de Arruda Camargo, Secretária de Assuntos de Segurança da Prefeitura Municipal de Campinas, que enviou ofício justificando sua ausência.

A vereadora iniciou o debate dizendo:

(...) a Câmara sempre esteve aberta para todos os tipos de discussões que se quis

travar na cidade de Campinas, todos os conflitos sociais, ideológicos que ocorreram nesta cidade e que a Câmara foi acionada, ela se manifestou e abriu suas portas para a população. Esta reunião de hoje não é uma reunião que tem por finalidade tratar ou favorecer um grupo ou outro (CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINAS, 2003, p. 2.)

É importante frisar que, neste debate, cuja finalidade segundo a presidente da mesa não era favorecer um grupo ou outro, nenhum(a) representante das travestis ou de algum grupo do movimento social de luta pelos direitos humanos de gays, lésbicas, travestis, transexuais ou bissexuais da cidade foi convidado(a) a compor a mesa. Esta é uma atitude típica do processo de estigmatização: retirar a voz dos oponentes. Neste *debate público* todos falaram sobre as travestis: advogado, comandante da polícia civil, delegado de polícia e políticos.

Desta forma, fica patente a relação de desigualdade estabelecida pelas “autoridades” reunidas para discutirem e debaterem o comportamento “anormal” e desviante, portanto de menor valor social, de um grupo que neste momento divide o espaço urbano com outro, possuidor de maior valor/poder (financeiro, político, etc.).

Neste trabalho, proponho uma reflexão sobre as micro-políticas e micro-instâncias de poder, para além do discurso legislativo imposto pelos organizadores desse debate, pensando nas ações e práticas cotidianas que, no dizer de Foucault (1996), não são neutras, pois refletem os vários movimentos e interesses de busca pelo poder. Por isso questionar as verdades criadas pelos homens e difundidas na sociedade é de extrema relevância.

O discurso - como a psicanálise nos mostrou - não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também aquilo que é o objeto do desejo; e visto que - isto a história não cessa de nos ensinar - o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (p. 10)

Neste sentido também, valendo-se da sua maior capacidade de articulação política, a SABB aproveitou a oportunidade e lançou um manifesto (anexo I), cuja cópia foi distribuída entre os presentes ao evento.

Após a leitura do manifesto, a vereadora Terezinha disse:

Então neste manifesto, dá para se perceber o quanto essa instituição chamada Câmara Municipal é chamada a atuar, e a atuação que a Câmara pode fazer dentre outras medidas paliativas é colocarmos todos no mesmo nível de debate e procurarmos, para todos, uma saída, já que todos somos iguais perante a lei (CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINAS, 2003, p. 4)

Ao apelar para o artigo quinto da Constituição da República Federativa do Brasil

de 1988 ⁶, a presidente da mesa, apesar de dizer que todos somos iguais perante a lei, nos aponta que apenas os moradores (estabelecidos) e seus representantes (políticos e órgãos de segurança) são iguais e que as travestis (outsiders) estão excluídas desta igualdade cidadã.

Nesse sentido, Elias & Scotson (1994, pp. 22 e 23) nos dizem:

(...) o grupo estabelecido tende a atribuir ao conjunto do grupo outsider as características “ruins” de sua posição “pior” – de sua minoria anômica. Em contraste, a auto-imagem do grupo estabelecido tende a se modelar em seu setor exemplar, mais nômico” ou normativo – na minoria de seus “melhores” membros. Essa distorção *pars pro toto*, em direções opostas, faculta ao grupo estabelecido provar suas afirmações a si mesmo e aos outros; há sempre algum fato para provar que o próprio grupo é “bom” e que o outro é “ruim”.

Chamado a falar, o Tenente-Coronel Reinaldo Pinheiro Silva, comandante do CPI II, apelou para o caráter de uma polícia cidadã e de seu trabalho pró-ativo, cujo desafio é realizar uma ação preventiva aos delitos e entre outras coisas disse:

(...) Temos a certeza que pela força e pela violência não conseguiremos resolver este problema. (...) Este problema localizado é que vamos tentar aqui, e já que todos estão participando, tanto as pessoas que freqüentam o local como os moradores, eu acho que é uma grande saída. (...) Estamos todos abertos para conversar (CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINAS, 2003, p.6.).

Tanto as autoridades jurídicas, quanto os representantes dos órgãos de segurança apelaram para o diálogo e o compromisso com o respeito às leis e boas regras de um convívio social, cada um ao seu modo se dispondo a contribuir para a melhoria da relação e da convivência entre os estabelecidos/moradores e as outsiders/travestis.

Abrindo o debate para a platéia, a vereadora *delegada* Terezinha dá a palavra ao Dr. Paulo Mariante, Coordenador de Direitos Humanos do IDENTIDADE – Grupo de Ação Pela Cidadania Homossexual, uma ONG (Organização Não Governamental) que atua na cidade desde 1989:

(...) acho interessante fazermos alguns esclarecimentos. Foi citada uma moção aprovada na oitava conferência Nacional de Direitos Humanos (...) Ela foi resultante de duas ações, uma ocorrida em São Paulo e outra em Campinas (...) Um arrastão de travestis e isso dito pela própria mídia, com a presença, inclusive, de policiais que fizeram parte desta operação (...) mas posso relatar o que vi em Campinas, porque nós acabávamos de iniciar a abertura da 1ª Conferência Municipal de Lésbicas, Gays, Travestis, Transexuais e Bissexuais de Campinas e eu fui chamado ao telefone porque uma travesti havia sido presa. Quando cheguei no 1º DP, tinha quase vinte travestis, o que significa para Campinas um arrastão. Ao tentar descobrir o que tinha acontecido e a

⁶ - CAPÍTULO I DOS DIREITOS E DEVERES INDIVIDUAIS E COLETIVOS: Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade (...)

informação que pude obter (...) é que havia denúncias (...) e que algumas travestis estariam praticando ato obsceno. A pergunta feita: todas as travestis estavam praticando ato obsceno? Não, algumas. Então, todas pagam por algumas? Por essa razão a moção reclamou sim, de uma ação discriminatória, arbitrária e ilegal (...) O que está sendo feito ou o que estiver sendo feito de ilícito nenhum de nós se colocará contrariamente à devida apuração como disseram, muito bem, os representantes da polícia, nos termos da lei (CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINAS, 2003, p. 48).

Logo após a contextualização da situação realizada por Paulo Mariante, a presidente da audiência pública chama a próxima pessoa inscrita a falar:

(...) Então, nós temos agora, através da Adriana Magalhães, temos a possibilidade das autoridades e dos moradores que representam o CONSEG [Conselho de Segurança] ouvirem um representante dos travestis, agora sim foi definido aqui, do Bosque. Então, está aí a Adriana que pode estabelecer esta intermediação entre as conversas. Obrigado Adriana, tenha a palavra: (CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINAS, 2003, p. 53)

Adriana sobe ao púlpito e, pela primeira vez na história da cidade a voz de uma travesti ecoa no plenário da Câmara Municipal de Campinas:

(...) Eles nunca me viram pelada lá no Bosque, fazendo programa. Nunca. Então todas não podem pagar por uma. Se eles chegarem, porque tem um morador que não gosta que uma travesti fique na porta da casa dele, ele pede e ninguém fica diante de sua casa. E não precisa ficar parada, pode ficar transitando, qualquer rua aqui do centro que você ande, os clientes param...Para acabar com isso, vai ter que acabar primeiro com os clientes. Porque se a gente não ganhar, nós vamos procurar outro lugar, mas enquanto nós estivermos ganhando nós vamos continuar naquele lugar (CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINAS, 2003, p. 54).

A vereadora “delegada” Terezinha fala:

(...) Mas, estes que fomentam este submundo não dão a cara para bater e nisso vocês tem méritos porque assumiram, realmente uma condição e tem a dignidade suficiente de vir aqui e dizer, como você disse, eu não ando nua, mas você deve reconhecer, Adriana, que tem gente que está andando (...) Qual é a sua sugestão para que a população se sinta menos incomodada?” (CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINAS, 2003, p. 55)

Adriana responde:

(...) Então eu acho que todas vestidas, a polícia tem a parte dela. Está pelada, leva, e todas as vezes que estiver sem roupas a polícia deve levar. As que não estiverem sem roupas devem ser deixadas ali, sossegadas. (...) mas, não do jeito como eles estão fazendo porque há alguns policiais que agem de forma errada. Nos dizem: se vocês não saírem daqui nós vamos dar “borrachadas” nas regiões em que vocês tem silicone, vamos estourar a sua prótese (CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINAS, 2003, p. 56)

Adriana Magalhães responde ao coronel Lúcio e à plenária:

Então, o que eu posso tentar agora para melhorar um pouco para eles, para não haver mais desavenças, é irmos depois das vinte e uma horas, e evitar ficar pelada... a gente pode conversar com todas e entrar num acordo... Eu realmente não fico e a gente pode entrar num acordo com as outras que tem esta mania. Já que o negócio está ficando feio pro nosso lado e tentar melhorar. (CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINAS, 2003, p. 61)

Para finalizar o debate, é chamada a falar a advogada do Centro de Referência GLTTB da Prefeitura Municipal de Campinas, Dra. Cristiane Simões:

(...) Eu vim aqui para comentar que na primeira manifestação que os moradores do Bosque fizeram, o Centro de Referência GLTTB foi chamado a estar lá e tentar um diálogo com os moradores e nós lhes propusemos fazer reuniões isoladas com eles e com as travestis e depois em conjunto para tentarmos chegar a um denominador comum (...) Nós já fizemos uma primeira conversa com as travestis, inclusive a Adriana, que veio falar aqui, estava presente (...) Estamos sempre em contato com a Associação dos Amigos do Bairro Bosque, também para intermediar e agora nosso próximo passo é sentar com os moradores, com a representação do CONSEG, com a Associação para saber a posição deles com relação a tudo isso e depois fazer uma reunião conjunta, que já aproveito para convidar todos aqui a participarem. A OAB, as delegacias, a Polícia Civil, a Militar, a Guarda Municipal, a Câmara, para sentarmos e discutirmos para fechar este pacto de boa convivência, que penso ser a melhor saída pra tudo isso (...) E por fim só queria salientar uma coisa: a moção de repúdio apresentada pelo vereador Romeu Santini. Na última linha, no final do documento ele formula uma frase da seguinte maneira; estudar formas de erradicar a prostituição masculina daquela região transferindo-a para uma área confinada. Eu só queria lembrar que na história do homem já houve experiência neste sentido, de transferir pessoas de um lugar para uma área confinada porque elas incomodavam, eram os campos de concentração. Então acho que temos que prestar atenção com certa propostas que apresentamos porque a gente pode retornar para um momento da história (...) no qual a perseguição aos homossexuais é completamente apagada porque isso não é trazido nos livros de história, e houve uma perseguição muito grande, muitos foram mandados para os campos de concentração e mortos junto com os judeus, com deficientes físicos e com todos os que incomodavam a raça ariana (CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINAS, 2003, p. 66)

Ao terminar este debate público, a vereadora Terezinha disse:

(...) em Campinas eu acredito que seja uma minoria, uma minoria, que freqüentando o Bosque, afronta os moradores, contra os conceitos de moralidade pública que impera no local
(...) De qualquer maneira quero falar que esta casa continua à disposição de todos e que se nós nos ajudarmos e denunciarmos aqueles que praticam uma ilegalidade, perturbando aqueles que querem trabalhar, em todos os sentidos. Todos nós podemos ser fiscais e denunciarmos mesmo aqueles que estão violando a Lei e estão atrapalhando uns aos outros. Muito obrigada a todos os senhores e uma boa tarde. (CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINAS, 2003, p. 69)

No dia seguinte, 12 de dezembro de 2003, o jornal Correio Popular, em sua página 9 traz matéria com a manchete "Câmara promove debate sobre o Bosque", e subtítulo "enquanto moradores pedem saída dos travestis das ruas do bairro, grupo homossexual propõe atitude mais 'comportada' nas ruas", ilustrada com a foto abaixo:



O travesti 'Adriana Magalhães' em depoimento no plenário da Câmara Municipal

No corpo do texto, o jornalista Fábio Gallacci diz:

O problema que se arrasta há anos entre os moradores da região do Bosque dos Jequitibás e os cerca de 50 travestis que atuam no local durante a noite ainda parece estar longe de ser resolvido. Apesar disso, um primeiro passo foi dado ontem, durante um debate público realizado no plenário da Câmara Municipal de Campinas. Por intermédio de um representante, os travestis se comprometeram a iniciar suas atividades um pouco mais tarde, a partir das 21 horas, e evitar os trajes sumários pela rua. Até então o que se tem visto pelo bairro é uma movimentação começando já às 19h, mesmo com o céu claro, e muitos andando praticamente nus pelas calçadas (...)

"Vamos nos reunir para discutir o assunto e espero contar com o apoio de todos já que a situação está ficando muito ruim para o nosso lado", confirmou o travesti 'Adriana Magalhães' de 31 anos, natural de Goiânia (GO) e que atua há quase uma década na região do Bosque. "Saio com uma média de sete a oito clientes por noite. Como também atendo chamados pela Internet, ganho uns R\$ 2,5 mil por mês", disse.

A comunidade do bairro Bosque, por sua vez, quer a saída imediata de todos os profissionais do sexo de sua vizinhança. O grupo aproveitou o encontro de ontem para divulgar um manifesto onde solicitava apoio das Polícias Civil e Militar, além da Guarda Municipal para, segundo o texto distribuído, "reforçar a segurança do bairro e resgatar a auto-estima de seus moradores que tiveram seus direitos cassados e vivem hoje em verdadeira prisão domiciliar.

(...) "A impressão que tenho é que nós, moradores, é que estamos infringindo a lei. Fala-se muito em Direitos Humanos, mas fomos nós que perdemos os nossos. Não temos nada contra os homossexuais, só queremos sossego. Depois das 18h, ninguém mais tem a coragem de sair a pé pelo bairro", desabafou uma moradora, que vive no Bosque há doze anos e fez questão de não se identificar: "A situação começou a piorar de uns seis anos para cá", reforçou.

De acordo com o coronel Reynaldo Pinheiro da Silva, responsável pelo Comando de Policiamento do Interior – 2 (CPI-2), da Polícia Militar (...) "o diálogo sempre vale a pena, mas são necessárias soluções práticas para resolver a questão" (...).

Em sua edição de janeiro de 2004, na página 1, o jornal Interbairros, de propriedade de alguns dos membros da diretoria da SABB, com circulação dirigida ao

bairro Bosque e adjacências e distribuição gratuita, traz em seu editorial:

Desde de sua fundação em agosto de 2003, a Sociedade Amigos do Bairro Bosque, SABB, vem lutando pelos interesses do Bairro Bosque e adjacências. A maior preocupação vem sendo direcionada à segurança dos moradores do Bairro, em virtude do crescimento da violência pelo aumento da frequência de travestis nas áreas residenciais do Bairro.

Somado a este advento, os moradores reclamam que têm suprimido o direito de ir e vir de suas próprias residências pelo fato de serem constantemente aterrorizados por delinquentes que acabam permanecendo pelas ruas do Bosque e adjacências por estarem próximos às ações anárquicas promovidas pelos frequentadores noturnos em busca de prazeres sexuais, muitas vezes de forma explícita e em plena rua.

(...) Um dos objetivos da SABB é manter-se atuante na erradicação da prostituição que assola o bairro, cobrando de cada Vereador de nossa cidade atitudes que possam resolver esta situação e trazer de volta a tranquilidade que existia nas ruas do bairro antes da convivência com os travestis" (...) a cobrança constante aos órgãos municipais, principalmente à Câmara Municipal dos Vereadores, é a única forma de viabilizar um solução para esta situação e também medir quem realmente estará fazendo algo e lutando pelos interesses dos moradores dos Bairros Bosque e Proença, hoje com mais de 20.000 eleitores, completa a Diretoria da SABB".

O jornal Interbairros, em sua edição de abril de 2004, na página 4 traz a seguinte matéria: Faixas “ Respeitem nossas Famílias” em nova campanha:



Moradores indignados, travestis acuadas. Elas aceitam se deslocarem para ruas mais escuras do bairro e a chegarem para trabalhar após as 19 horas. Em reunião com algumas travestis e cafetinas realizada em 8 de abril de 2004 no Centro de Referência GLTTB, foi colocado em discussão o Código de Ética das Profissionais do Sexo Seguro, recebido da ATRÁS, Associação das Travestis de Salvador e, após a sua leitura e discussões, ficou estabelecido um Código de Ética e Conduta das Profissionais do Sexo

(anexo II), para aquelas que trabalham no bairro Bosque. Mas como impor uma conduta regrada de acordo com valores morais conservadores a um grupo social que está à margem da vida social pequeno-burguesa e que tem como regra de vida justamente a transgressão a esses mesmos padrões? As travestis sofrem uma gama de violências - institucional, psicológica - e humilhações, subjetivadas em seu modo de ver e de estar no mundo e que estão inscritas em seus corpos e maneiras de ser, numa evidência de tudo o que viveram. Por isto mesmo, em pouco ou quase nada este Código de Ética das Profissionais do Sexo contribuiu para a melhoria da relação entre os estabelecidos/moradores e as outsiders/travestis, ou para "normalizar" a conduta daquelas que se prostituem nas ruas do bairro Bosque.

Em 27 de abril de 2004, durante reunião do Conselho Comunitário de Segurança do bairro, com cerca de 150 moradores e algumas autoridades policiais, o representante da Polícia Civil, delegado Hamilton Ca-Viola Filho propõe alterar a direção do tráfego de algumas ruas do bairro para impedir o trânsito, e o fechamento de outras com cavaletes, pois assim o acesso dos clientes às travestis seria dificultado.

Num dado momento, sou chamado para falar sobre as conversas mantidas com as travestis pelo Centro de Referência GLTTB. Retomo neste momento o papel de intercessor e informo à platéia sobre o estágio das conversações. O burburinho aumenta. Elevo meu tom de voz, falo do Código de Ética das Profissionais do Sexo estabelecido, do compromisso das profissionais do sexo a chegarem ao local de trabalho após as 19 horas, o deslocamento das mesmas das ruas centrais do bairro e sua concentração na Avenida Aquidabã, onde não há prédios residenciais. Por fim, proponho uma reunião geral entre eles, moradores/estabelecidos e as travestis/outsideers que se prostituem nas ruas do bairro para resolverem os seus impasses, tendo em vista uma convivência pacífica.

Diante de inúmeros dedos apontados para mim, a vereadora "delegada" Terezinha vocifera: *Com marginal não se conversa!*

A vereadora "delegada" Terezinha deveria estar ali para dialogar com os estabelecidos no sentido de encontrar um termo conciliatório para a situação. No entanto sua atitude foi o contrário do que se esperaria de uma parlamentar, ela incendiou ainda mais os ânimos contra as travestis. Parafraseando Deleuze, ali eu fui apenas um elemento de fora que atravessou o campo, produzindo um efeito de desestabilização nas posições.

No dia 29 de abril de 2004, o jornal Correio Popular traz em sua capa a chamada sobre a polêmica proposta do fechamento das ruas do bairro:



No Caderno Cidades, a página 4 traz matéria ilustrada pela foto abaixo e dedicada à polêmica do fechamento das ruas do Bosque proposto pelo diretor de trânsito da Empresa Municipal de Desenvolvimento (EMDEC), Robert May Neto em reunião acontecida dois dias antes.



(...) taxativo ao afirmar que a mudança no trânsito das imediações do Bosque não irá resolver um problema que é basicamente social. “Difícilmente uma área de engenharia irá resolver o problema. Se conseguirmos hipoteticamente encontrar uma forma de coibir o trânsito dos clientes dos travestis no local, isso vai apenas levar as pessoas para o bairro vizinho e transferir o problema para outro local, não é a solução (...)”.

Na mesma página, a coluna Ponto de Vista apresenta dois olhares sobre o fechamento das ruas do bairro:

PONTO DE VISTA



Não é o caminho

JANAÍNA LIMA

O fechamento de alguma via e a mudança de trânsito de ruas do Bosque não vai impedir que os clientes dos travestis circulem pelo local. Se as meninas estão lá é porque há clientes e eles vão arrumar um jeito de circular na região.

O problema é que existem alguns maus elementos no meio das meninas e eu acho que quem tem que resolver esse problema é o Poder Público, a polícia. O que não pode acontecer é generalizar e acreditar que todas as meninas fazem coisas erradas; a maioria delas sabe se comportar. Os moradores não querem é que os travestis fiquem por ali, mas o que pode ser feito? Não pode tirar todo mundo à força, mas acho que fechar rua também não é o caminho.

Janaina Lima é coordenadora dos travestis do Grupo Identidade

PONTO DE VISTA



Solução de longo prazo

ANDRESSA ARLOTTI GLÃO

Eu acredito que o fechamento da rua do Bosque e a mudança da direção de algumas ruas do bairro não vão resolver de imediato o problema da prostituição no bairro, mas acredito que em longo prazo vai minimizar o problema. Pode ser que, mais tarde, eles (travestis), percebendo que está caindo o movimento de clientes, resolvam mudar de lugar. Acho que essas mudanças podem reduzir o movimento nas ruas, mas acredito que outras medidas também sejam necessárias para aumentar a segurança nas ruas do bairro. Uma dessas medidas é melhorar a iluminação das ruas e criar um local próprio para os travestis. Eles poderiam se concentrar em um bairro mais afastado do Centro, como o exemplo do Jardim Itatinga.

Andressa Arlotti Glão é pedagoga e moradora do bairro do Bosque

O medo que permeia a atividade profissional das travestis que se prostituem, antes de ser um sentimento imobilizador, às vezes se reveste de uma força motriz para estar na noite.

O perigo as espreita nas ruas e esquinas da cidade: inúmeras são as histórias de grupos que nas madrugadas lhes atiram pedras, garrafas pet com urina, e também já ouvi relatos de que jogam um tipo de ácido. Outras vezes o perigo se faz presente na cantada de algum pretenso cliente.

A partir de sua pesquisa entre um grupo de travestis de Porto Alegre, Benedetti (2005, p. 47) nos diz:

a violência parece ser um código legítimo e possível no mundo da noite, tanto pelo anonimato como pela possível impunidade que caracteriza esse contexto. Ações violentas, físicas ou simbólicas, são dirigidas diariamente contra as travestis. Elas também vivenciam cotidianamente situações de exclusão e estigmatização pautadas pela violência, o que lhes dá certa legitimidade para utilizar esse artifício. A violência, ainda que assuste e seja reprovada no universo trans, não causa tanto espanto. Algumas situações violentas são, inclusive, entendidas pelas próprias travestis como a única solução para um impasse.

Na “batalha”⁷ a vida não é fácil e não há garantias de sobrevivência quando se entra em um carro: o cliente é sempre um indivíduo estranho e desconhecido. Outras vezes, o programa acontece no mato, em algum imóvel abandonado ou ali mesmo, no automóvel, o que aumenta a vulnerabilidade de quem sobrevive de programas sexuais.

Por viver em um constante e intenso processo de marginalização, os fatores restritivos à atividade prostitucional da travesti talvez expliquem porque sua identidade sexual se tornou uma categoria profissional negada e estigmatizada.

A partir de sua observação da dinâmica social vivenciada pelas travestis da Lapa, no Rio de Janeiro, Silva comenta a violência sofrida por esse grupo social: “Pode-se entender o quanto isso deve irritar quem se expõe, com tanto arrojo, a enfrentar todos os preconceitos e a passar todas as humilhações em nome da fidelidade a si mesmo”. (SILVA, 1993, p. 99)

Além da violência explícita ou velada, e do medo, a solidão é sua companheira constante. A travesti não tem amigos e nem confidentes. Em geral, romperam vínculos com sua família de origem e moram em casas de cafetinas ou pensões onde a afetividade é muito tênue e as relações são marcadas sob o signo do lucro, como na situação relatada a seguir.

Durante minha pesquisa de campo, em uma de minhas idas à casa da Adriana, então administrada por Denise Martins, no Jardim Itatinga, a maior zona de prostituição da América Latina, encontrei duas travestis discutindo, pois uma havia usado a calcinha de uma outra sem pedir permissão para fazê-lo. A dona do lingerie simplesmente cobrou cinco reais de aluguel, dizendo-se amiga da outra, senão o preço seria mais alto.

Por tudo isto, segundo algumas delas, uma travesti não sobrevive além dos 30 ou 35 anos de idade. Morrem em decorrência da AIDS, das drogas ou são assassinadas, como

⁷ - Vender serviços sexuais nas ruas e avenidas.

Shaiane, de 16 anos, que foi vítima de um suposto cliente na noite de sexta-feira, 1º de maio de 2004, numa rua do Bosque.

Ela foi levada para o Hospital Municipal Mário Gatti, mas faleceu no sábado e seu corpo foi levado para o IML. Na segunda-feira, Denise Martins e Janaína Lima, militantes do IDENTIDADE - Grupo de Ação pela Cidadania de Lésbicas, Gays, Travestis, Transexuais e Bissexuais⁸ da cidade, procuraram o Centro de Referência GLTTB, informando o fato. Seus familiares moravam em Vinhedo e tentamos localizá-los, pois os mesmos deveriam reconhecer o corpo ou ela seria enterrada como indigente, o que acontece com a maioria das travestis.

Dois dias depois, após uma infinidade de telefonemas, nos dirigimos ao cemitério dos Amarais, onde seu corpo foi sepultado. Numa cerimônia simples, um ex-seminarista militante do movimento homossexual da cidade fez questão de rezar por sua alma na presença de umas três ou quatro travestis e uns três ou quatro militantes antes que seu corpo fosse levado à sepultura. Seu pai e uma tia foram localizados e também acompanharam o enterro. Embora houvesse testemunhas do assassinato e as mesmas tivessem descrito o assassino para os policiais, até hoje o caso não foi solucionado e o assassino encontra-se solto.

Quando viva, Shaiane fora um incômodo e sua existência foi notada apenas na hora de sua morte, ao tornar-se mais um dado estatístico da violência numa grande cidade. Era menor de idade, saíra da casa dos pais e nas ruas fora levada a se prostituir; não encontrou outra possibilidade ou quem sabe optou conscientemente pela transformação corporal e pela prostituição.

De qualquer modo era marginal e para quem está à margem da ordem social, virar um número nos dados estatísticos sobre violência urbana, um nome num formulário atestando seu óbito ou num inquérito que será arquivado sem solução do caso, e no mínimo algumas lágrimas, é tudo que pode lhe proporcionar quem está no centro.

No dia 3 de maio de 2004, o jornal Correio Popular informa:

⁸ - Em sua Assembléia Geral de 12/11/2004, o grupo alterou seu nome de IDENTIDADE – Grupo de Ação pela Cidadania Homossexual, para IDENTIDADE – Grupo de Ação pela Cidadania de Lésbicas, Gays, Travestis, Transexuais e Bissexuais, como estratégia de visibilidade para estas identidades sexuais.

Travesti de 16 anos é assassinado no Bosque

Morte acentua polémica sobre o fechamento de ruas no bairro para impedir o acesso de clientes em busca de 'programas' à noite

Carla Silva
Acompanha
Da Agência Anhanguera

um homem negro, vestido uma camisa florida, se aproximou de "Shaiane" e deu uma facada na barriga, fugindo em seguida. A vítima foi socorrida por uma ambulância até o Hospital Dr. Mário Gatti, mas não resistiu aos ferimentos e morreu na sala do Pronto-Socorro. Até as 18h de ontem, o enterro do adolescente ainda não tinha sido marcado porque nenhuma pessoa da família reclamou junto ao Instituto Médico Legal (IML). A autoria do crime ainda é desconhecida.

Orfício
A presidente da Sociedade Amigos do Bairro Bosque, Cláudia Valente, afirmou ontem que junto com membros do Conselho de Segurança (Conseg) União Centro-Leste vai encaminhar um ofício à Secretaria Estadual de Segurança Pública solicitando um reforço do patrulhamento da polícia militar no local.

"No final do ano passado, encaminhei ao secretário (Gen. Paulo de Castro Abreu Filho) um dossiê relatando o problema que vive o bairro. A pedido dele um major da Polícia Militar procurou a associação para conversar sobre a questão da segurança na região", comentou. Ela completou que o crime vai trazer à tona novamente a problemática da segurança no bairro diante da atividade dos travestis. Cláudia ressaltou que a entidade está trabalhando junto com o Centro de Referência Homossexual de Campinas para estabelecer medidas que disciplinem a presença dos travestis na região do Bosque dos Jequitibás.

Segundo a presidente, foi acertado com os representantes dos homossexuais que os travestis ficariam apenas na Avenida Aquidabã a partir da Microcamp em direção ao Bosque. "O objetivo dessa medida era que os travestis não ficassem espalhados pelo bairro. Mas os moradores já avistaram vários travestis em locais fora da área que foi acordada", disse ela, acrescentando que a medida foi adotada enquanto não há uma resolução sobre o local para o qual os homossexuais serão transferidos.

Ela afirmou que a entidade que representa os homossexuais também destacou o código de conduta que seria seguido pelos travestis. Contudo, as mesmas sugestões que constam do código já foram propostas em outra época, mas só vigoraram durante dois meses. O problema, segundo Cláudia, é que muitos travestis vêm de fora de Campinas.

"Há muitos homossexuais que vêm para a região do Bosque, mas moram em outras cidades", salientou a presidente. Porém, o assassinato do rapaz assusta os moradores e expõe a violência que se instalou na região.

"NÔMADES"
O membro do Centro de Referência Gays, Lésbicas, Transsexuais e Bissexuais de Campinas, Paulo Reis dos Santos, também afirmou que muitos travestis que ficam na região do Bosque dos Jequitibás vêm de outros municípios. "Uma dificuldade encontrada no trabalho é realizarmos com os travestis foto de muitas delas serem nômades. Cada final de semana vamos realizar o trabalho de conscientização e prevenção de travestis de outros lugares do Bosque", comentou.

Santos informou que a entidade realiza um trabalho de conscientização junto aos homossexuais e também moradores do Bosque. Ele lembrou que tem há muito preconceito de gri que passam pelo local e praticam os travestis. Para o membro do Conselho, essa situação gera conflitos. "Como muitas vezes vêm de fora, elas não têm contato com o local. E às vezes sabem do trabalho que realizamos junto aos moradores do bairro e o grupo", comentou.



Travesti espera por clientes em calçada da Av. Aquidabã: morte acirra debate sobre segurança

A partir desse assassinato, desencadeou-se na cidade uma onda de combate à exploração sexual de menores de idade, tanto que o jornal Correio Popular publicou matéria em seu Primeiro Caderno do dia 4 de maio de 2004, das jornalistas Carla Silva e Patrícia Azevedo, intitulada "Assassinato evidencia prostituição infantil" e com o subtítulo: "Disque-Denúncia já recebeu 180 telefonemas que relatam casos de exploração de menores em diversos pontos de Campinas." Na matéria, as jornalistas entrevistaram uma "ex-cafetina":

"Sendo bom profissional e bonito, a idade fica em segundo plano"... a declaração de um travesti que dirigiu uma casa de prostituição localizada na região central de Campinas. Pagando uma diária em torno de R\$ 20,00, os travestis têm um lugar garantido para dormir e levar os seus clientes sem constrangimentos. As casas onde atuam as cafetinas funcionam como um hotel e a circulação de clientes é liberada (...)

O enterro de Shaiane foi notícia em 5 de maio de 2004, tanto no Correio Popular quanto no Diário do Povo, ambos de propriedade da Rede Anhanguera de Comunicações. Em ambas as matérias, travestis declararam: "A gente ainda não sabe direito o que aconteceu. Ela não mexia com ninguém, não aprontava e de repente acontece isso". No jornal Correio Popular, as jornalistas Carla Silva e Patrícia Azevedo dizem que duas travestis que presenciaram o assassinato afirmam que ela

(...) foi morta com uma facada na noite de sábado na Avenida Aquidabã, e acusam os dois guardas municipais que atenderam a ocorrência de omissão de socorro.

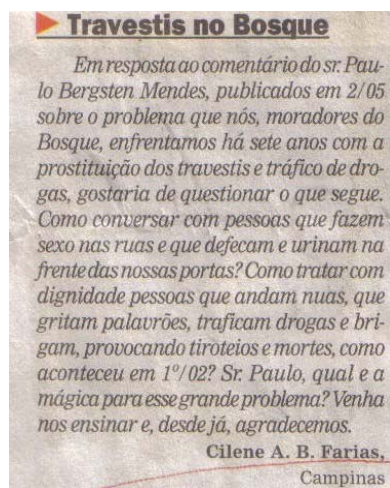
Segundo o relato dos travestis, uma viatura da Guarda Municipal foi acionada logo após o crime, quando trafegava pela Avenida Aquidabã. “Nós paramos a viatura quando os guardas passaram pela avenida. Quando eles desceram, já começaram a zombar da gente, perguntando se deveriam chamar de ‘senhor’ ou ‘senhora’,” reclama um deles.

Depois de terem visto que Shaiane estava ferida, os guardas teriam se recusado a removê-la para um hospital. “Eles não quiseram levar ela para o hospital e não chamaram o socorro” acusa outro travesti.

(...) A assessoria de imprensa da GM nega as acusações e diz que a viatura que atendeu a ocorrência acionou o SAMU por rádio e aguardou no local a chegada do socorro.

Até o final da noite de ontem, nenhum suspeito do assassinato havia sido preso.

No dia 6 de maio de 2004, o jornal Correio Popular apresenta uma carta de uma moradora/estabelecida:



Dias depois, em uma reunião na sede da SABB ouvi a reclamação sobre uma travesti que havia se mudado para o bairro há pouco tempo e que colocava o sofá na calçada para tomar banho de sol, segundo os moradores, nua, e que ia à padaria, durante o dia, trajando um micro vestido de renda sem forro e com os seios e o restante do corpo à mostra.

Xandinha Brasil era o nome desta forasteira, que, com sua chegada intempestiva na cidade, desequilibrou a frágil harmonia dos acordos firmados até então e a relação amistosa estabelecida entre o Centro de Referência GLTTB e a SABB. Segundo informações de algumas travestis ela tinha vindo à cidade para organizar a bagunça e começou a cobrar pedágio⁹ das travestis locais, colocando em xeque a autoridade das cafetinas nativas/estabelecidas.

Em reunião no Centro de Referência GLTTB, em 8 de setembro de 2004, Janaína

⁹ - Taxa que as profissionais do sexo pagam para as cafetinas, e em alguns casos cafetões, para poder exercer seu ofício nas ruas.

Lima, algumas cafetinas e eu combinamos realizar uma conversa com todas as travestis que se prostituem no Bosque, para tratar da relação das mesmas com os moradores, na sexta-feira seguinte, 11 de setembro, às 22h, na esquina da rua onde morava Xandinha Brasil. Quando um pequeno grupo estava reunido, ela foi chamada e compareceu levando no colo um poodle branco.

Havia cerca de trinta travestis com os ânimos exaltados no local. Xandinha chegou atropelando as falas tanto de Janaína Lima, quanto as minhas. Procurando monopolizar a discussão, Xandinha Brasil não nos permitiu expor o motivo daquela reunião àquela hora da noite, no meio da rua, atrapalhando o trabalho das *meninas*. Balançando os peitos enormes, disse ser advogada e, portanto, conhecedora de seus direitos. Falou que ninguém fazia nada pelas travestis e que viera à cidade para colocar ordem no pedaço.

As outras, indignadas, partiram para cima dela. Um rapaz deu uma voadora, batendo com os pés em suas costas. Uma das cafetinas presentes tirou a sandália dos pés e bateu com ela no rosto de Xandinha Brasil, cujo corpo balançou chacoalhando no ar o poodle que estava em seus braços. Ela escapou, saiu correndo, entrando em sua casa e trancando o portão aos berros:

- Eu vou matar esses filhos da puta, não vai sobrar ninguém nesta rua!

Houve um corre-corre na rua. Em seguida, ouviram-se alguns tiros. Entrei no carro e fui embora...

Mais tarde meu telefone celular tocou; era Janaina Lima me chamando para ir à 5ª Delegacia de Polícia, para onde um grupo de travestis se dirigia para registrar um Boletim de Ocorrência contra Xandinha Brasil.

Por esta época tirei férias do trabalho e de toda esta confusão. Quando retornei, fiquei sabendo que a cafetina que havia batido no rosto de Xandinha Brasil com a sandália levou três tiros e estava hospitalizada, e que seu namorado, o tal rapaz da voadora, fora assassinado.

A situação nas ruas do bairro Bosque se complicou. As travestis que não pagavam o tal pedágio para a Xandinha, tinham que abandonar seus “pontos de batalha” ou levavam uma surra.

No dia 6 de outubro de 2004, o telefone do Centro de Referência GLTTB tocou insistentemente. Eram as travestis solicitando nossa presença na 10ª Delegacia de Polícia, para onde haviam sido levadas.

Ao chegar à Delegacia, encontrei um grupo de dez a quinze travestis que me

disseram esperar pelo delegado para prestar esclarecimentos. Acompanhei um policial até a sala do Dr. Renato Lauer, Delegado Titular. Ele me contou que um grupo de travestis havia acusado a Xandinha Brasil de cafetinagem¹⁰, extorsão e agressão física, e que neste momento ele as estava interrogando para apurar os fatos. Disse-me ainda que a própria estava em outra sala da delegacia, e sem que eu esperasse, levou-me para vê-la.

Nesse nosso primeiro e único encontro, ela me disse não entender o que estava fazendo ali, que era uma trabalhadora, uma pessoa honesta e que vivia com a renda de seu trabalho e de seu marido que era segurança particular, e que se eu defendia as travestis, deveria dizer ao delegado que ela era inocente de tudo de que a estavam acusando.

O delegado então me garantiu que iria apenas colher os depoimentos e que todas seriam dispensadas.

Eduardo Gregori, repórter do Correio Popular, me liga na quinta-feira da semana seguinte, 14 de outubro de 2004, à noite:

- Paulo, o que você tem a me dizer?
- *Sobre o quê?*
- Você ainda não sabe?
- *Do quê?*
- A Xandinha Brasil foi assassinada agora há pouco, na Rua Uruguaiana. Ela estava num táxi. O motorista foi baleado e está no hospital. Tinha uma outra travesti no carro que conseguiu fugir.
- (...)
- Pois é, eu queria saber o que você tem a dizer e qual será a posição do Centro de Referência GLTTB ?
- *Eu não tenho nada a declarar, mas vamos pressionar as autoridades competentes para que investiguem o caso.*

Desligo o telefone. Ligo para advogada do Centro de Referência.

No Caderno Cidades, do Diário do Povo, à página 5, a manchete foi: "Tragédia anunciada: travesti é executado durante emboscada e taxista que transportava a vítima leva tiro no peito".

¹⁰ - Com relação à cafetinagem, o Código Penal Brasileiro pune os seguintes comportamentos:
Art. 228 - Induzir ou atrair alguém à prostituição, facilitá-la ou impedir que alguém a abandone;
Art. 229 - Manter, por conta própria ou de terceiro, casa de prostituição ou lugar destinado a encontros para fim libidinoso, haja, ou não, intuito de lucro ou mediação direta do proprietário ou gerente;
Art. 230 - Tirar proveito da prostituição alheia, participando diretamente de seus lucros ou fazendo-se sustentar, no todo ou em parte, por quem a exerça.



Em 15 de outubro de 2004 a chamada de capa do jornal Correio Popular foi:



E no Caderno Cidades, página 5, uma foto emblemática ilustra a matéria sobre o fato:

► VIOLÊNCIA

‘Guerra’ de travestis termina em assassinato no Bosque

Alexandra Brasil, conhecida como Xandinha, foi morta com vários tiros

A recente “guerra” entre dois grupos de travestis fez a sua primeira vítima, no final da noite de ontem, no Bosque, bairro famoso pela prostituição de homossexuais. O travesti Alexandra Brasil, conhecida como Xandinha, estava dentro de um táxi quando foi assassinado com vários tiros. O motorista do carro, baleado no peito, foi levado inconsciente ao Hospital Municipal Dr. Mário Gatti. Até as 23h de ontem, o quadro era estável e seu nome não tinha sido revelado. Um segundo travesti, que estava no táxi, escapou da morte correndo pelas ruas do Bosque. O caso foi registrado no plantão do 1º Distrito Policial, no Centro.



Tamanco deixado no local do crime: tiroteio na Uruguaiana

Em 20 de outubro, o Jornal Correio Popular traz na capa a seguinte chamada:

Travesti suspeito de crime tem prisão decretada

O travesti Adriana, batizado Pedro Adriano Magalhães, teve a prisão decretada. Adriana é apontada como responsável pelo assassinato do travesti Xandinha e do taxista Ariovaldo Celestino Guzzi, no último dia 14. Já o Conselho Comunitário de Segurança pediu reforço do policiamento no Bosque. **Primeiro Caderno 7**

Na página 7 do Caderno Cidades a matéria, não assinada, comenta que, apesar de Adriana estar sendo acusada pelo assassinato de Xandinha, sua advogada “disse que já tem testemunhas do crime, apontando que sua cliente não cometeu os crimes”.

Não sei se é um guarda de rua, ou trabalhador de um restaurante que

testemunhou o crime. No momento do crime, Xandinha estava batendo num travesti. Ele (a testemunha) passou na hora e viu um Pálio de onde desceram dois homens que atiraram”, disse a advogada.

Ela explica ainda que está juntando os documentos provando que o travesti Adriana não estava na cidade no momento do crime. A advogada de Adriana revelou que pretende entrar hoje na Justiça com uma petição solicitando a revogação da prisão temporária (...)



O jornal Correio Popular do dia 21 de outubro de 2004, no Caderno Cidades, traz a seguinte matéria:



Após esses acontecimentos, o clima no Bairro Bosque piorou e os avanços alcançados conjuntamente pelas travestis (outsiders) e os moradores (estabelecidos), através da intercessão do Centro de Referência GLTTB, retrocedeu. Optamos estrategicamente por aguardar que os ânimos se arrefecessem. No entanto, não perdemos o vínculo com algumas das travestis que atuavam como profissionais do sexo na cidade.

Aconselhada por sua advogada, Adriana Magalhães saiu da cidade e ainda aguarda o desfecho de seu processo. A travesti que testemunhou contra ela no processo de assassinato de Xandinha Brasil tempos depois retirou a acusação.

Em dezembro de 2005, fui convidado pela Coordenadoria de Travestis e Transexuais do IDENTIDADE para o encerramento das atividades daquele ano. Seria realizada uma oficina sobre cidadania para as travestis, profissionais do sexo, moradoras da casa da Adriana¹¹, no Jardim Itatinga, e após, aconteceria um churrasco.

Já havia estado naquela casa em outras ocasiões, mais foi nesta tarde de sábado que pela primeira vez entrei por seus corredores e cômodos. Fiquei impactado com a precariedade das instalações, a economia de móveis e a inadequação das meninas com talheres e louças, assim como a presença de diversos animais domésticos se alimentando diretamente dos pratos e mãos que lhes ofereciam pedaços de carne.

Ao final daquela tarde lembrei-me das conceituações de Foucault e mais especificamente do conceito de dispositivo (1996, p. 244), que para ele é:

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre os elementos.

Assim fiquei me perguntando sobre quais dispositivos de poder estariam produzindo e ao mesmo tempo sendo produzidos pelas moradoras da casa da Adriana, no Jardim Itatinga?

Ao ser acolhido por elas, novas possibilidades de compreensão das relações humanas se apresentaram para mim, e, tempos depois, alteraria a questão indicada inicialmente em meu projeto de mestrado. Agora, a partir desta experiência e aproximação, minha questão se reduziu a: Como se constituem subjetivamente e como se dá a construção identitária das travestis, profissionais do sexo, moradoras na cidade de Campinas, mais especificamente as moradoras da casa da Adriana, no Jardim Itatinga?

¹¹ - Embora Adriana não esteja na cidade desde o assassinato de Xandinha Brasil, em outubro de 2004, ela mantém sua casa funcionando no bairro do Itatinga, administrada por Denise Martins e Cris.

Para respondê-la, deliberadamente contrariando a vereadora auto-intitulada “delegada” Terezinha, decidi - naquele momento - freqüentar o Jardim Itatinga, conhecer, conversar e conviver com aquelas marginais!

**Travestis e putas.
Ou, aqui o babado¹² é forte!**

E quanto ao que você me disse
Eu me lembro sorrindo
Vendo você tão séria
Tentar me enquadrar, se sou isso
Ou se sou aquilo
E acabar indignada, me achando totalmente impossível
E talvez seja apenas isso:
Chovendo por dentro
Impossível por fora

Eu me lembro de você descontrolada
Tentando se explicar
Como é que a gente pode ser tanta coisa indefinível
Tanta coisa diferente
Sem saber que a beleza de tudo
É a certeza de nada
E que o talvez torne a vida um pouco mais atraente

Uma Delicada Forma de Calor
Música de Lobão,
Cantada por Zeca Baleiro

Já tinha ouvido falar do Jardim Itatinga, mas não o conhecia de perto. Em 2001, entrevistei Denise Martins para o site do IDENTIDADE, e, nesta ocasião, ela me contou que, ao chegar a Campinas em meados da década de 1980, foi morar na zona por não ter outra possibilidade de moradia, e ali encontrar os seus pares. Na época do nosso primeiro contato, ela possuía um bar onde as travestis, nas madrugadas, ao retornar do trabalho, faziam uma espécie de happy hour.

Em 2002, Beto de Jesus, na época presidente da APOGLBT – Associação da Parada do Orgulho GLBT - havia se candidatado a Deputado Federal e solicitou minha ajuda para sua campanha aqui em Campinas. Entrei em contato com Denise e marcamos uma visita ao Jardim Itatinga para uma conversa com as travestis que freqüentavam o seu estabelecimento comercial.

Na data marcada, fomos numa caravana de três carros e umas sete ou oito pessoas. Eu estava curioso, ansioso e ao mesmo tempo receoso por adentrar naquele espaço de permissividade sexual. Ao chegar ao bairro, as músicas bregas em altíssimo som enchiam o ar. As luzes dos néons vermelhos das fachadas coloriam os corpos das garotas expostos nas calçadas. Muitas estavam com roupas sumárias, outras apenas de calcinha

¹² - Babado, entre outras coisas significa, para as travestis, confusão, surpresa ou algo surpreendente.

fio-dental com os seios à mostra, algumas apoiadas nas janelas dos carros estacionados, enquanto os motoristas passavam a mão no meio de suas pernas, em seus seios e nádegas.

O bar da Denise possuía uma economia de móveis que beirava o simplório, uma mesa de bilhar, uma prateleira com alguns litros de conhaque, pinga e outras bebidas menos nobres atrás de um balcão. Ao fundo, do lado esquerdo de quem entrava, um corredor com alguns quartos onde as meninas (travestis e mulheres prostitutas) faziam programas sexuais. Tinha também uma eletrola, dessas em que se coloca uma moeda, aperta-se um botão e a música surge num volume ensurdecedor. Umas duas ou três mesas, de propaganda de bebida, e cadeiras de metal completavam a decoração.

Permanecemos ali, conversando com Denise e as meninas por mais ou menos duas horas. As travestis chegavam, sentavam em volta de nossa mesa, participavam da conversa, tomavam cerveja, enquanto uma ou outra que trazia algum cliente se dirigia a um dos quartos.

Retornando para nossas vidas, o Beto de Jesus não teve o número suficiente de votos necessários para sua eleição e algum tempo depois eu fui alçado ao cargo de coordenador do Centro de Referência GLTTB.

Por causa do meu trabalho, acompanhei de perto as questões envolvendo as travestis que se prostituem na cidade, mais especificamente aquelas que trabalham nas imediações do Bosque dos Jequitibás entre 2003 e 2004. Por esta época também, o IDENTIDADE iniciou o projeto Cidadania na Pista, financiado pelo Programa Estadual de DST/HIV/AIDS, cujo foco era a ressocialização de um grupo de travestis. Entre as ações propostas havia oficinas de prevenção as DSTs, de cidadania, visitas a museus, bares, restaurantes e cinemas. Participei de algumas dessas reuniões, onde foram discutidos assuntos sempre pautados por elas.

A partir das ações do projeto Cidadania na Pista, pelas oficinas realizadas pelo Centro de Referência GLTTB e uma ou outra ação pontual no local de prostituição das travestis, fui adentrando na realidade em que vivem e no entorno social que as constituem como sujeitos.

Em razão desta vivência como militante é que fui convidado a participar do encerramento das atividades das ações do IDENTIDADE, no final de 2005, na casa da Adriana no Jardim Itatinga, onde Denise já fora alçada ao cargo de co-administradora.

Minha escolha pelas travestis, profissionais do sexo moradoras na casa da Adriana, no Jardim Itatinga, enquanto grupo referencial deste estudo, foi orientada por minha inserção junto às mesmas, o que facilitaria as observações diretas e indiretas.

Com o assassinato de Xandinha Brasil, comentado no capítulo 1, e o desaparecimento de Adriana do cenário, Denise transformou-se numa espécie de preceptora das meninas, administrando a casa. De toda sorte, logo após o churrasco, conversei com ela sobre minha intenção de realizar a pesquisa para este trabalho com as moradoras da casa que ela “gerenciava”. Discorri sobre o meu projeto e o que pretendia observar para posterior análise. Dias depois, ela me disse não haver problema algum.

Podemos pensar que a travesti é a figura que afronta o binarismo homem/mulher e/ou macho/fêmea, de tal modo que seus corpos são impensáveis diante dos discursos médico-jurídicos nos quais a travesti aparece como um fetichista que faz uma inversão dos comportamentos, pois, sendo homem, incorpora formas de expressão e existência do feminino no corpo masculino. O olhar médico considera este *distúrbio* como uma espécie de enfermidade da mente (perversão sexual) e um vício moral, pela insolência particularizada aos padrões de costumes e às regras de conduta social. Se são assim, como poderiam ter tanto um estatuto ontológico quanto epistemológico?

Como um caso atípico, as figuras travestidas representam-se e são representadas pelos *outros*, incluindo-se aí o imaginário social e os discursos científicos. Como objeto capturado por códigos de enunciados, o corpo da travesti passa a ser observado como uma *página em branco problemática*, na qual as ciências médicas e psicológicas inscrevem teorias. Este ato científico de desenvolver saberes sobre um *problema* (os ditos distúrbios, desvios, anomalias, etc.) implica uma necessidade de cura, uma medicalização. O saber médico procura solucionar a *anormalidade* justamente normalizando-a, seja através da terapia, da intervenção cirúrgica ou pela simples divisão sistemática e objetiva das *irregularidades*. A idéia de regra e ordem natural das coisas possibilita focalizar o local, o percurso da diferença e de seus efeitos.

A travesti e suas práticas de construção corporal vêm se contrapor ao discurso médico que ordena e estrutura os corpos, seres e comportamentos entre normais e patológicos. Do ponto de vista da medicina o sujeito e sua expressão no mundo são apenas objetos passivos de diagnósticos. Então o homem biológico que altera suas formas corporais para corresponder ao seu desejo interno de feminização desloca a perspectiva médica e propõe um novo espaço de conhecimento, onde a travesti possa ser entendida como um sujeito social que se permite intensificar sua existência.

Podemos inferir, com Hall (2003, p. 12) que

(...) um tipo distinto de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final deste século [XX], fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnicidade, raça e nacionalidade que nos deram

localizações sólidas como indivíduos sociais. Estas transformações estão também modificando nossas identidades pessoais, enfraquecendo o próprio sentido de nós mesmos enquanto sujeitos integrados.

Contrariar (recriar) os fluxos biológicos de um corpo, identificado e dissecado no saber médico a partir da lógica ordenada que estrutura o discurso patológico é criar novos fluxos. Sendo assim, a travesti surge como a exceção, como um corpo autônomo desejante e aprovador de si. Nesta perspectiva estética e subjetiva, sua experiência erótica surge como a expressão de um corpo que deseja e se singulariza ativamente, para além do *normal e patológico*.

A travesti é a escultura de um corpo indócil que põe em questão seu próprio organismo e sua função. Em seu jogo de aparências, este corpo embaralha os papéis simbólicos *naturalizados* por um contexto sócio-cultural. Através deste corpo contra-natura, perdem-se as representações do masculino - visto que excedeu a própria natureza e negou seus papéis simbólicos - e do feminino - já que se trata de uma feminilidade estéril onde inexistente a condição biológica de gerar. O que fica? Um vazio sempre incerto, que dá vazão à multiplicidade e ao excesso, que afirma o desindividualizar-se no artifício e na singularidade; exceção como abundância, abertura e não encerramento patológico.

Não se trata de uma essência masculina imitando a mulher (harmonizando os pólos contrários), mas deve-se observar na travesti a cinética, o movimento de transfiguração de si e a invenção de um feminino. Na visão de Guattari (1986, p. 73),

(...) não se trata de uma problemática simbólica - no sentido da teoria freudiana, que interpretava certos símbolos como sendo fálicos e outros maternos - e sim de algo que está no próprio coração da produção da sociedade e da produção material. Eu o qualifico de devir feminino por se tratar de um economia do desejo que tende a colocar em questão um certo tipo de finalidade da produção das relações sociais, um tipo de demarcação que faz com que se possa falar de um mundo dominado pela subjetividade masculina, no qual as relações são justamente marcadas pela proibição desse devir.

Ao estudar os processos de subjetivação das travestis, ou seja, o olhar do outro e aquele que se lança sobre si mesmo, procuro compreender os mecanismos sociais que as constituem, colocando-as num regime de invisibilidade, fazendo-as inexistirem, mas provocando, por isso mesmo, sua existência, isso é, sua insistência em devir alguma coisa, mas não sendo, pois que embaralham o regime binário - homem/mulher - de produção das identidades sexuais.

Em suas análises, Foucault (1999) demonstrou que o saber está ligado às questões do poder e que é por meio do discurso que a verdade se efetiva. No caso das travestis, o problema parece ser o de interrogar quais os regimes de verdade que as estão constituindo.

O autor se preocupa não com o que é verdadeiro, mas com as regras segundo as quais aquilo que se diz sobre um objeto se transforma em verdadeiro ou falso, ou os tipos de discursos que elas acolhem e fazem funcionar como verdadeiros: os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros ou falsos, a maneira como uns e outros são sancionados, as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade e também o estatuto daqueles que têm o poder de dizer aquilo que funciona como verdadeiro.

Penso que analisar a emergência destes sujeitos no cenário urbano da cidade de Campinas, mais precisamente a partir do final da década de 1990, destacando os modos operativos das tecnologias e práticas de si que os produzem, pode levar a uma compreensão ampliada dos dispositivos da sexualidade. Por sua vez, isso permite também identificar o modo como sexo, sexualidade, relações sexuais e identidades sexuais se apóiam em determinados saberes e são sustentados pela constituição de uma rede de *discursos verdadeiros* cuja função é a manutenção de uma *verdade* que serve de suporte para os processos de regulação social que se exercem sobre os indivíduos e seus corpos.

Desta forma, os significados dados à sexualidade são socialmente organizados e produzidos por uma variedade de discursos que nos informam o que é sexo, o que ele deve ser, o que pode e o que não pode ser. Por consequência, a sexualidade a partir dos estudos foucaultianos não tem nada de verdadeiro, natural ou imutável. Segundo o autor, "o dispositivo da sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar [os sujeitos] de modo cada vez mais global..." (FOUCAULT, 1985, p. 101).

Foi num dado contexto do século XIX, onde houve um enorme investimento para se determinar o que se constituía em um corpo normal (saudável) e outro anormal (doente ou defeituoso), que emergiu a divisão rígida entre homossexual e heterossexual. Neste cenário, a sexologia à época demarcou o que era "pervertido". Nisso definiu duas tarefas:

(...) tentou definir as características básicas do que constitui a masculinidade e a feminilidade normais, vistas como características distintas dos homens e das mulheres biológicos e em segundo "ao catalogar a infinita variedade de práticas sexuais, ela produziu uma hierarquia na qual o anormal e o normal poderiam ser distinguidos. (WEEKS, 2007, p.63)

Em *Inventando o Sexo*, Laqueur (2001) realizou um longo estudo sobre a evolução dos conceitos de corpo e gênero, dos gregos até o século XX. Nesta obra, o autor nos fala das transformações históricas pelas quais a relação entre corpo masculino e feminino passou através dos tempos. Segundo ele, o discurso que dominou as ciências até

o século XVII "construiu" o modelo de sexo único, no qual o corpo feminino era uma versão inferior e invertida do masculino, entretanto enfatizava a importância do prazer sexual feminino no processo de reprodução. Para que a fecundação fosse bem sucedida, o prazer e o orgasmo feminino eram fundamentais. Já no século XIX, os debates políticos e médicos trouxeram à tona o modelo de dois corpos essencialmente diferentes: homens e mulheres passaram por uma radical oposição de suas sexualidades onde foi apagada a necessidade do prazer sexual da mulher para a existência da fecundação. Segundo Laquiere, este foi o momento histórico em que emergiu a diferença absoluta entre homens e mulheres: não mais um sexo e dois corpos diferentes, mas dois sexos e dois corpos individuais, o masculino e o feminino.

Os termos homo e heterossexualidade foram inventados, até onde se sabe, por Karl M. Kertbeny, um escritor austro-húngaro. Eles foram utilizados pela primeira vez publicamente, em 1869, numa tentativa de "colocar na pauta política da Alemanha (que em breve seria unificada) a questão da reforma sexual, em particular, a revogação das leis anti-sodomitas" (WEEKS, 2007, p. 61). A criação destes substantivos foi uma estratégia rudimentar, logo incorporada pela nascente disciplina da sexologia, ao definir a homossexualidade "como uma forma distinta de sexualidade: como uma variante benigna, aos olhos dos reformadores, da potente, mas imprecisa e mal definida noção de 'sexualidade normal'"(ibidem).

Até então, a atividade sexual entre pessoas de mesmo sexo biológico era tratada sob o conjunto geral de comportamento sexual conhecido como sodomia, geralmente vista não como a atividade de um tipo particular de pessoa, mas como uma possibilidade para qualquer pessoa pecadora.

A tentativa de definir mais rigorosamente as características do "pervertido" (termos descritivos tais como "sado-masochismo" e travestismo" para as atividades relacionadas com o sexo emergiram no fim do século XIX, ao lado de termos como "homossexualidade" e "heterossexualidade") foi um elemento importante naquilo que estou chamando de institucionalização da heterossexualidade nos séculos XIX e XX. Essa definição era, em parte, um empreendimento sexológico". (WEEKS, 2007, p. 63).

A partir daí, a nascente sexologia tomou para si a tarefa de definir as características biológicas básicas que constituiriam a masculinidade e feminilidade normais. E, ao catalogar a interminável variedade de práticas sexuais, produziu uma hierarquia onde o anormal e normal poderiam ser distinguidos. Para a sexologia, a escolha do objeto heterossexual estava estreitamente ligada ao intercuro genital. Outras atividades sexuais ou eram aceitas como prazeres preliminares ou eram condenadas como aberrações.

Quando as ciências classificaram, elas normalizaram e elegeram um modo de subjetivação que, na maneira do entender foucaultiano é a constituição do sujeito na trama histórica. Por exemplo: ser "homem", "branco", "heterossexual" passa então a ser normal e "natural", enquanto tudo o que se diferencia destas características será considerado como negativo, diferente, o outro - aquele que precisa viver com e/ou atravessado por esta(s) diferença(s).

Neste processo, as diferenças, a diversidade e as identidades (de sexo, raça, etc.) passam a ser essencializadas, cristalizadas e naturalizadas. Entretanto, estas diferenças não têm esse caráter essencial, pois não são fixas, únicas, estáveis e permanentes. São efeitos de um processo de produção e de relação social e histórica. Uma diferença é sempre uma diferença, que existe independentemente de ser ou não aceita, ou que a aceitem como "normal ou anormal".

Louro (2007, p. 11) nos diz que "a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política", portanto ela é aprendida, construída durante toda a vida, de diferentes maneiras por diferentes sujeitos. Contudo ressalta a autora:

(...) os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros - feminino ou masculino - nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade - das formas de expressar os desejos e prazeres - também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade. (Ibidem)

Estabelecendo comportamentos, posturas, verdades e saberes sobre o ser masculino ou feminino, a família, a escola, a igreja e a mídia utilizam várias técnicas que vão disciplinando, regulando, controlando e normalizando os corpos. A isso, Foucault chama de subjetivação, processo pelo qual a relação consigo, por meio de um certo número de técnicas, permite constituir-se como sujeito de sua própria existência.

É importante salientar ainda que o corpo é o meio pelo qual nos tornamos visíveis e, também, é por ele que os outros nos reconhecem, ou é por ele que, para os outros, somos o que somos. O corpo é, portanto, o meio pelo qual o ser age sobre o mundo. É no corpo que incidem as práticas que operam sobre ele. Assim, essas 'práticas de si' produzem também um tipo particular de corpo de mulher, de homem e aquele que sai dos parâmetros do corpo marcado como "normal": o corpo da travesti.

Ao tratar da constituição desse sujeito, percebemos que o que está em jogo é uma produção deficitária diante de construções instáveis, ambíguas e por vezes bastante contraditórias que performam as experiências vividas.

A partir dessa reflexão, podemos compreender, com Costa (2004, p. 77) que

(...) o sujeito contemporâneo padece de um fascínio crônico pelas possibilidades de transformação física anunciadas pelas próteses genéticas, químicas, eletrônicas ou mecânicas. O corpo físico, em sua dimensão de esquema, volta a ser julgado como causa real da ferida narcísica, mostrando a compulsão do eu para causar o desejo do outro por si mesmo, mediante a idealização da própria imagem.

O fato é que os conteúdos e as formas de abordagem precisam calcar-se nos fatos vivenciados por estes sujeitos, não necessariamente individualizando-os, mesmo porque as posições e os lugares que ocupam oscilam conforme os discursos de que se apropriam e as oportunidades que vão tendo, o que interfere diretamente no modo como se constituem e se subjetivam.

Assim, entendemos que

De modo mais geral, toda organização "dissidente" da libido deve assim compartilhar de um devir corpo feminino, como linha de fuga do socius repressivo, como acesso possível a um "mínimo" de devir sexuado, e como última tábua de salvação frente à ordem estabelecida. Se insisto nesse ponto é porque o devir corpo feminino não deve ser assimilado à categoria "mulher" tal como ela é considerada no casal, na família, etc... inversamente, tudo o quebra as normas, tudo o que rompe com a ordem estabelecida, tem algo a ver com o homossexualismo ou com um devir anima, um devir mulher, etc. (GUATTARI, 2007).

Quando o conceito de *gênero* foi assumido pelo movimento feminista, trouxe à luz toda uma gama de assuntos que dizem respeito à pobreza, saúde, educação, democracia, etc. Assim, as discussões de gênero deixaram de ser assunto exclusivo de mulheres para ser assunto de toda sociedade. Muitos dos aspectos que colocam as travestis em situação de vulnerabilidade social estão relacionados à produção discursiva sobre o julgamento moral das práticas sexuais de todos nós.

Para as travestis, tais implicações morais resultam numa precarização de suas condições de vida, haja vista que a maioria aponta a necessidade de abandonar o lar em função das violências físicas, morais e psicológicas a que estavam submetidas na convivência familiar. Uma vez na rua, elas se defrontam com a dificuldade para encontrar moradia, problemas de acesso a serviços de saúde, exclusão escolar, local de encontros sexuais precários e insalubres e muitas relatam se prostituir por absoluta falta de oportunidade de emprego.

De uma maneira geral, a prostituição tem sido estudada como uma chaga social, como um produto da dupla moral sexual machista, sempre abordando a exploração do corpo da mulher ou como um comportamento desviante, marginal e delinquente.

A identidade social daqueles que escapam da norma é formada não apenas pelo olhar regulador dos membros que se encontram dentro do conforto da norma, mas também pela leitura que estes indivíduos fazem do quadro social, o que muitas vezes diverge das normas estabelecidas. Entretanto, o desvio não está localizado no indivíduo ou no ato da pessoa, e sim na identificação, no jogo de atribuição de valores e divergências entre um grupo social e outro.

Neste sentido, a travesti se subjetiva e se estrutura a partir de dois desvios básicos: o primeiro consiste em que, ao estar imersa numa sociedade machista, ela foge do papel de macho, do provedor e, ao feminilizar seu corpo, este perde seu local social, indo para o limbo, lembrando Buttler (2003), para a coisa abjeta, inexistente e não importante; e, no segundo desvio, ao adentrar na prostituição, torna-se uma chaga social, uma praga que precisa ser extirpada. A partir da resistência à norma social estabelecida e da violência com que ela opera na construção identitária dos sujeitos sociais é que a travesti torna-se o sujeito que social que é, positivando em sua existência esses dois desvios.

O estudo empreendido por Gaspar nos indica uma possibilidade de entendimento dos procedimentos adotados pelos moradores do bairro Bosque, inventariado no primeiro capítulo deste estudo, no sentido de mostrar que

Prostituição é, pois a "sujeira" que deve ser varrida para um lugar onde não perturbe a ordem estabelecida, não pode conviver com a ordem por oferecer risco de contágio, mas também não deve ser destruída por ser necessária à conservação da idéia de ordem. (GASPAR, 1985, apud DOUGLAS, 1976, p. 13).

Porém, pelo próprio caráter ontológico do comportamento humano, os indivíduos não se permitem controlar por todo o tempo pela ordem normativa. A capacidade de interação entre os indivíduos e de interpretar as normas produzem sempre novos significados, novas expressões e novas relações de poder.

Assim é que, na cidade de Campinas, as travestis profissionais do sexo prostituem-se preferencialmente nas ruas do bairro Bosque e, historicamente, vêm sendo rechaçadas pelos moradores. As ações praticadas pelos residentes do bairro como o "apitaco" ocorrido em 4 de dezembro de 2003, ou a impunidade dos assassinatos de Shaiane em 1º de maio e de Xandinha Brasil em 14 de outubro de 2004, relatadas no capítulo anterior, inscrevem-se no que se convencionou chamar de violência estrutural, aquela que tem por finalidade destruir, ofender ou coagir, e que é observada na má distribuição de renda e cria um crescente número de miseráveis que vivem os efeitos da violação dos direitos humanos.

Diante deste quadro social, surge a questão: *que modalidades de experiência e de existir estão sendo elaboradas pelas travestis campineiras?* Com este trabalho pretendo trazer à luz sua *resistência* a um determinado *regime de verdade* que se impõe sobre toda a sociedade campineira, sendo essa *resistência* propulsora de outros regimes de verdade concorrentes.

O trabalho que apresento trata das questões que dizem respeito à constituição da sexualidade e das identidades travestis na cidade de Campinas. E sexualidade está vinculada diretamente

(...) a um dispositivo histórico (...), à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder. (FOUCAULT, 1985, p. 100)

Ao escolher e delimitar o objeto de meu interesse acadêmico e, mais ainda, onde se daria a arena de pesquisa - o Jardim Itatinga - fui buscar embasamento teórico para a análise que pretendo empreender dos dados recolhidos em campo, em leituras de teses, dissertações, textos sobre diversidade sexual, estudos de gênero e teoria *queer* e uma vasta bibliografia foucaultiana. Foi neste momento que vislumbrei a questão que nortearia meu trabalho de campo.

Paralelamente, comecei a investigar a história da formação do Jardim Itatinga. Julguei que seria fácil e tranquilo encontrar dados referentes ao bairro, pois o mesmo possui uma história recente e o interesse dos estudiosos sobre o tema da prostituição, para mim, naquele momento, fosse algo certo. O primeiro local em que procurei material histórico foi no Centro de Memória da Unicamp. Em seus arquivos encontrei apenas uma pasta, com uns poucos recortes de jornais com notícias recentes sobre o tráfico no bairro, falta de infra-estrutura, etc.

Em minhas andanças conheci dona Estrela uma cafetina e moradora no bairro desde longa data, dona da casa em que Denise e Adriana moraram quando chegaram em Campinas. Ela me contou um pouco sobre sua história pessoal e me mostrou um trabalho escolar de uns alunos de jornalismo da PUC sobre a constituição do Jardim Itatinga.

Nossa conversa aconteceu em seu bar, num final de tarde. Sentados numa mesa, regando nossa conversa com cerveja gelada ela revela, baixando o tom da voz: *Como é que eles conseguiram isso?* Temerosa, me diz que os estudantes investigaram tudo, até um assassinato que ocorrera muito tempo atrás, localizando inclusive o acusado do crime que morava no Rio de Janeiro.

Pergunto sobre o “livro” e ela vai buscá-lo, desaparecendo por entre as cortinas de uma porta no fundo do bar. Volta, senta na cadeira à minha frente e hesita em entregá-lo a mim. Denise aquiesce, dizendo que eu era seu conhecido, de confiança e que jamais delataria meus informantes.

Desconfiada, ela me entrega uma reprodução xerográfica do texto. Olho, folheio e comento uma ou outra passagem e peço este material emprestado para que eu o copie. Ela cede. Logo em seguida volta atrás se dizendo temerosa com as conseqüências daquele gesto. Solicito, então, que ela mesma tire um xerox e me diga o valor gasto para que eu possa ressarcí-la. Peço que entregue a cópia para a Denise e digo que voltarei ao Itatinga na semana seguinte. A encadernação chegou-me às mãos mais de um mês depois, com os nomes dos autores cobertos com corretivo.

O medo é uma reação protetora do ser humano, mas, nesse caso, foi simplesmente uma fantasia de Estrela pensar que aquele texto poderia lhe trazer algum constrangimento. Ou ignorância, pois um texto acadêmico como aquele já se encontra para livre consulta na Internet. Talvez temesse entregar aquele texto a terceiros, pois continha a revelação de um crime famoso acontecido naquele bairro que poderia de alguma maneira comprometê-la. Foi seu instinto de proteção e preservação da própria pele que a fez apagar os nomes e alguns dados daquela pequena brochura.

De toda forma, para explanar com rigor sobre a história da constituição do Jardim Itatinga, em meados dos anos de 1970, debaixo de uma forte repressão política e liberação erótica (lembremo-nos da pílula-anticoncepcional, do divórcio, da pornochanchada e do DOI CODI-Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna, órgão repressivo do Regime ditatorial brasileiro que se inaugura em 1964), seria necessária uma outra pesquisa, com mais tempo cronológico, talvez outra metodologia, outro referencial teórico. Por isso abandonei esta idéia.

Considerando ser o tema da prostituição das travestis, e mesmo o de sua subjetividade e constituição identitária, pouco explorado academicamente, a pesquisa direta em arquivos e outros centros de documentação tornou-se indispensável. Entre as principais fontes consultadas, o arquivo do Centro de Referência GLTTB forneceu um grande número de informações retiradas dos jornais, seja da grande imprensa ou da imprensa de bairro, ou de documentos dos projetos desenvolvidos por este serviço, assim como os arquivos da Câmara Municipal de Campinas, do IDENTIDADE e bibliotecas da Unicamp.

As entrevistas com as participantes de meu estudo foram orientadas por um roteiro pré-definido, elaborado a partir das leituras realizadas e da observação direta da vida cotidiana das travestis do Jardim Itatinga. Utilizei como principal instrumento o registro oral das entrevistas, transformando a seguir as gravações em material escrito, que foi analisado e interpretado com base nas referências teóricas e empíricas abordadas. Utilizei também o registro fotográfico como flagrante de determinados traços da vida das travestis e da sua atividade.

Durante toda a elaboração deste trabalho não me interessava a prostituição das travestis como problema social e também não foquei este fato dentro de uma perspectiva funcionalista, o meu objeto de interesse foi a constatação do fenômeno como forma de comportamento e pensar nos limites impostos pela sociedade para a continuidade de sua existência. Nesta perspectiva, tornou-se essencial para mim, estabelecer contatos em proximidade de status. A experiência da observação participante foi deflagradora das imagens e das conversas mais absorventes e reais do cotidiano destes sujeitos como no trecho abaixo:

Pesquisador – Sim, mas quando você tem seus amigos, seus familiares, você tem isso em torno de você, você tem um conforto emocional, por mais que você leve umas porradas, uns tapas na cara, tem sempre um colo pra você chegar e chorar... Então como é que é pra Denise, quando você leva umas porradas da vida, dos policiais, de clientes, com quem você chora?

Denise – Como eu sempre tenho que ser forte por conta de quem está a minha volta, eu não tenho com quem chorar, não tenho com quem desabafar...

P – Quer dizer que a Denise não tem fragilidades?

D – Não, eu sou frágil, tem coisas que me magoam, me destroem, hoje, apanhar da polícia, como eu apanhava. Dói mais porque eu não entendia, e hoje quando eu me lembro, não me dói tanto porque eu entendo, antes eu não pensava nessa questão do machismo, da exclusão...

P – Porque você vai pensar no processo depois, não quando tá passando por ele.

D – Eu não entendia como uma pessoa podia ser má, me pegar lá na pista [local de prostituição] e levar pra me bater. Não me conhecia, não sabia das minhas virtudes, das minhas qualidades, não sabia dos meus defeitos e essas pessoas me levavam como se eu não fosse um ser humano! Como se eu não fosse gente! Eu apanhava lá sem ter feito nada, ou ficava presa a noite inteira sem ter feito nada e aquilo me magoava (...) e no outro dia você se arrumava e ia lá pra esquina de novo, porque tinha que pagar o aluguel, tinha que comer e não tinha pai nem mãe pra te dar comida todo dia, amigos pra te dar comida todo dia e você tinha que correr atrás, então apanhando ou não tinha que estar lá...

P – E doenças, porque tinha gripe, febre, dor de barriga...

D- Tinha que trabalhar com febre, dor de barriga do mesmo jeito, porque você tem que sobreviver e isso não mudou não, hoje para as travestis é a mesma coisa, elas não tem amparo, com febre ou sem febre, doendo a barriga ou não, tem que trabalhar, a menos que ela tenha a diária dela paga de um dia pro outro, que ela tenha um pouco de dinheiro pra pagar...

(Caderno de campo, 05/04/2006).

A zona é um território livre para as travestis, onde encontram moradia e liberdade para ter uma vida social. Possuem liberdade de ir e vir e sua figura faz parte da paisagem local; confinadas neste bairro durante o dia, as travestis moradoras da casa da Adriana são mais um elemento na história da prostituição da cidade de Campinas.

O Jardim Itatinga nasce de um movimento conservador da cidade, orquestrado entre o poder público, Igreja Católica e o silêncio da classe média, com o objetivo de limpar a cidade das chagas representadas pelas prostitutas que atuavam em vários pontos, inclusive no centro. Surgiu do desmembramento de uma antiga fazenda de café. Em meados da década de 1970, as prostitutas foram ali confinadas, mas com o progresso, a cidade cresceu e a periferia se aproximou do centro. Mesmo assim, as travestis que alugam vagas na casa da Adriana, administrada pela Denise, só vêm ao centro para trabalhar.

No bairro há um forte comércio informal. São sacoleiras comercializando lingerie, outras vendendo roupas, salgadinhos e inúmeras quinquilharias.

Numa tarde ensolarada, sentados na calçada, para uma perua Kombi recheada de cosméticos. As *meninas* se alvoroçam, escolhem perfumes, esmaltes, batom, e uma delas me pede a sugestão sobre a tonalidade de um pó de arroz. Outra me diz que um batom, daquele que ela escolheu, no centro da cidade custaria três vezes menos. Pergunto-lhe porque não juntam o dinheiro e vão ao centro comprar os cosméticos, já que sairia muito mais barato. Ela me responde que não sabe andar na cidade e que ali ela não precisava pagar na hora, que o vendedor marca e depois elas acertam.

Num outro dia, uma vendedora de lingerie vem cobrar uma travesti que lhe está devendo o pagamento de algumas calcinhas. A dinâmica do bairro é muito intensa, com clientes circulando o tempo todo, transformando-as em *workaholics*: ali a prostituição é *full time*. Inúmeras vezes elas me deixaram falando sozinho, iam até a rua da Neca fazer dez (os clientes lhes fazem sexo oral por dez reais, ou são elas que o fazem para eles pelo mesmo preço), ou melhor, fazer um programa barato para comprar comida, ou ter meios para custear o transporte para o trabalho noturno. Elas não guardam dinheiro e nem se preocupam com isto, sobrevivem dia-a-dia. Fazem hoje para sobreviver hoje.

Denise as orienta o tempo todo, como uma verdadeira preceptora. Prepara-as para vida prostitutiva, indica a roupa mais adequada para o tom de pele, tipo físico ou qual blusa ou que top combina com o quê. Em alguns momentos sinto que há um certo carinho maternal em sua atitude, e percebo que realmente ela fica chateada quando se vê obrigada a expulsar alguma delas por mau comportamento.

Diante destes fatos, cheguei a uma conclusão sobre o trabalho social realizado pelas cafetinas. Acolhem os meninos afeminados renegados pela família e sociedade em geral. Investem tempo, paciência e dinheiro moldando um corpo que será utilizado no mercado prostitutivo a serviço dos prazeres desta mesma sociedade. Assim, são criados e alimentados os monstros, ou criaturas que, discursivamente servem de modelo para o que o restante da sociedade não deve ser.

É a margem reafirmando o centro. Desta maneira, as travestis são mais que corpos abjetos, como nos diz Butler (2003), são sujeitos abjetos, desprezíveis, execráveis e que devem desaparecer, tanto que em toda minha militância, ouvi várias histórias de travestis que foram assassinadas e, no entanto, nunca soube de nenhum assassino que tenha sido preso, ou condenado.

Nesse sentido, a violência tanto em sua forma concreta quanto simbólica atinge as travestis que transitam nos espaços de prostituição, dentre as quais cabe mencionar os assaltos e as agressões físicas e/ou verbais. Sem contar a exposição constante às chamadas doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), principalmente a AIDS.

Diante desse contexto, a experiência humana nos territórios prostitucionais envolve perigos diversos. Nesses ambientes de comercialização do prazer sexual, as tensões e os conflitos entre travestis, clientes e indivíduos homofóbicos fazem da pista¹³ um espaço de riscos e insegurança que inspira grande medo àqueles que o habitam ou dele se utilizam no exercício do direito de ir e vir.

Ouvi de minhas entrevistadas muitos relatos sobre violência sofrida nos locais de batalha, o que as obriga a estarem sempre alertas, numa tensão permanente no local de trabalho. Recorrem às drogas (maconha e cocaína) e o álcool (cerveja e pinga) com regularidade para estimulá-las no trottoir, talvez para encorajá-las para as contingências da pista. Essas condições psicológicas e climáticas explicam o fato de as travestis se colocarem¹⁴ com frequência para o exercício de um ofício ironicamente classificado como fácil pela moral social.

Minha pesquisa de campo aconteceu entre os meses abril de 2006 e março de 2007. Neste período, em cada incursão, encontrava novas meninas morando na casa, enquanto outras, ou haviam partido para a Europa ou outras cidades, ou haviam sido expulsas por algum delito cometido. Mesmo assim, foi possível identificar no grupo

¹³ - Ruas, avenidas, travessas, rodovias e todo o tipo de logradouro público que serve à passagem de veículos e pedestres e no qual os sujeitos em questão executam o trottoir

¹⁴ - Se drogarem ou embebedarem.

pesquisado as distinções entre as identidades travesti e transexuais, e mesmo que algumas tenham se auto-identificado como transexuais, neste estudo tais categorias não serão diferenciadas, pois o meu objetivo é proceder a uma abordagem na qual o corpo prostituído masculino apresenta-se enquanto imagem feminina.

Em minha convivência, encontrei um grupo bastante receptivo às minhas dúvidas e questionamentos intermináveis. Mostraram-se abertas e amigáveis e logo fizeram questão que eu me integrasse ao grupo, tanto que num de nossos primeiros encontros se deu a seguinte cena:

A - Oi
Pesquisador - Oi
Denise - É você que quer dá pra ele? Paulo, ela quer dá pra você.
Pesquisador - O quê?
D - Ela falou que queria dar pra você!
Pesquisador - Há, há, há...
D - Lembra que eu falei...
Pesquisador - Não, eu não lembro de nada!
D - Lembra que eu falei que tinha uma que queria fazer a passiva com você?
Pesquisador - Não... Não me venha...
D - Lembra que eu falei que tinha uma que queria fazer a ativa e aquela ali passiva? Então, a passiva é aquela ali.
(?) - O babado é ativa e passiva...
Pesquisador - Não sei de nada.
D - Ela queria ir pra cama com você fazendo o papel de ativa e aquela ali de passiva.
Pesquisador - E eu não quero saber de nada!
(Caderno de campo, 05/04/2006).

A partir do momento em que aconteceu a cena descrita acima, estabeleceram-se relações de amizade, confiança e cumplicidade. Estas falas foram acompanhadas com uma brincadeira com alguns consolos (pênis de borracha e/ou silicone) enormes, um negro, um vermelho e outro "*natural*". A brincadeira espirituosa serviu como um rito de passagem, pois ao tomarem conhecimento de minha identidade homossexual, sentiram-se à vontade em minha presença, propiciando maior integração entre nós.

Através do meu contato com este grupo de profissionais do sexo, e da análise das entrevistas, meu objetivo é expor a travesti que - para além do corpo capturado pelo saber médico, da afirmação dos próprios desejos e da zombaria das normas - pode expressar-se aquém e além dos conceitos de normalidade e patologia.

A aceitação plena do caráter ambíguo do corpo (e por extensão da própria vida) é um meio para exercitar a multiplicidade e reconhecer a variedade de fluxos que atravessam e embaralham as identidades forjadas pelas forças disciplinares. Esses fluxos desejantes que movem os corpos indóceis talvez sinalizem nestes tempos de mudanças e

deslocamentos das certezas, uma abertura e um estímulo para que o sujeito contemporâneo assuma a tarefa de esculpir-se, de produzir-se aquém ou além do diagrama do poder.

O campo me mostrou que a travesti moradora do Jardim Itatinga, que se prostitui, não se considera vítima de um sistema opressor, mas exerce uma profissão diferente das demais exercidas por outros sujeitos. Assim, este estudo não possui a pretensão de esgotar todos os olhares possíveis sobre o tema da travesti que se prostitui, mas apenas levantar questões que possam colaborar para a compreensão da constituição social deste sujeito.

Espero que meu trabalho possa contribuir para ampliar os conhecimentos sobre as pessoas que cruzam e deslocam as fronteiras do gênero, numa perspectiva cultural pluralizada, afastando-as das imagens exóticas e das perspectivas vitimizantes que ainda são correntes no senso comum.

O resto do esgoto da zona¹⁵.

Como que ce fala
Que eu tou fadada
A ser um monstro
Que eu não sou?

(...)

Como que ce fala
Que sou praga
De urucubaca
Se eu não sou?

(...)

Viu!
A praga pregou
E não desprega mais!

Praga
Dante Ozzetti e Luiz Tatti

No início de 2000, eu era coordenador de comunicação do IDENTIDADE e estávamos estruturando o site da ONG. Na reunião de pauta, sugeri uma matéria sobre as travestis da cidade e me falaram de uma tal Denise, que morava no Jardim Itatinga e que tinha um trabalho com as travestis da cidade.

Consegui seu contato telefônico com o pessoal do Programa Municipal de DST/AIDS. Liguei para ela e marcamos uma conversa num final de tarde. Não a conhecia pessoalmente e lembro-me ter ficado impressionado com sua presença e seu discurso coerente, de alguém que sabia seu lugar na sociedade e cobrava para si e para os demais o respeito que todo cidadão merece ter de seus governantes e de seus semelhantes.

Nossa conversa inicia-se pela origem: Ela nasceu A. Martins, quarto filho de uma família enorme:

Denise - (...) eu tenho nove irmãos, eu sou o quarto, descendo o degrau da escada, depois de mim tem uma menina, a única menina também, somos todos rapazes. Minha mãe costuma dizer que na família tem uma mulher e meia. Uma filha e meia (...) ¹⁶ (Entrevista para o site do IDENTIDADE).

Ela me contou que, quando criança, na escola em Goiânia, tinha muitos amigos, mas que se sentia discriminada pelos seus colegas por causa de seus modos femininos e, naquela época, não entendia o que se passava.

¹⁵ - Zona de prostituição.

¹⁶ - Daqui para frente, todas as falas de Denise que aparecem sem referência foram retiradas da entrevista para o site do IDENTIDADE.

A. Martins/Denise contou também que seus irmãos a humilhavam, a agrediam, chamando-a de mulherzinha, bichinha ou de veadinho. Ela, assustada, pois não sabia do que a estavam chamando, o que aquelas palavras significavam:

Denise - (...) tive uma briga muito séria com um irmão que me chamava de bicha e eu nem mesmo sabia, não entendia direito o que estava acontecendo comigo. E eu não tinha atração por nenhum outro menino ainda nessa época. Não sentia atração. Tinha comportamentos femininos como todo homossexual na infância e adolescência. Mas na verdade eu não sabia ainda de toda essa maratona que eu ia pegar pela frente (...) e foi um conflito muito grande porque eu... eu não me relacionava bem com meus irmãos porque eu achava que eles não tinham que ter essa atitude (...) porque eu não fazia nada, não namorava com ninguém, com nenhum rapaz..., não sabia nada direito (...) tinha até umas pretendentes na escola, as meninas queriam namorar comigo! (IDENTIDADE, 2003).

Apoiando-nos numa visão próxima à de Foucault (1996), podemos considerar que o poder não atua simplesmente oprimindo ou dominando as subjetividades, mas operando na sua própria construção. Assim, devemos vincular o caráter formativo ou produtivo do poder aos mecanismos de regulação e disciplina que ele instaura e procura conservar. No caso do menino A. Martins, citado acima, vemos aí um corpo infantil sendo sujeitado pela ação do dispositivo da sexualidade, que, para Foucault, é o dito e o não dito que normatiza a sexualidade e estrutura o desejo. Através das expressões *mulherzinha*, *bichinha*, *veadinho*, a subjetividade desse será o efeito dessa violência prévia, sem a qual ela não poderia ter surgido.

As técnicas sociais disciplinares, aplicadas neste caso, focavam apenas, de forma violenta para uma criança, a sua construção identitária a partir de seu sexo biológico. Assim, a tecnologia empregada socialmente para corrigir o incorrigível acaba por reforçar o estigma da diferença em relação aos outros meninos de sua idade. À criança resta experimentar este *jeito estranho* propriamente dito, como uma inadequação ao meio social, mesmo quando este menino não sabe como um homem ou uma mulher fala, senta, anda ou carrega os seus cadernos.

A família, a escola e a sociedade em geral vão sujeitando o indivíduo para que este ocupe o lugar - de homem ou de mulher - que lhe cabe no meio social. Dentro desta lógica, estrategicamente, os meios de comunicação de massa – especialmente a televisão - assim como os brinquedos, os jogos eletrônicos, o cinema, a música, etc., formam um conjunto de procedimentos pedagógicos que vão educando subliminarmente meninos e meninas a incorporarem os gêneros masculino e feminino. Desta maneira, *naturalmente*, vamos reconhecendo o eu e o outro, aquele diferente de mim, no qual eu inscrevo todas as marcas das diferenças daquilo que me constitui como sujeito, onde eu me reconheço como

o *normal* e o outro o *anormal*.

A sociedade ocidental tem operado, em relação à sexualidade, com uma identidade que é classificada e legitimada historicamente como normal, por isso mesmo, quase invisível: a heterossexualidade de classe média e judaico-cristã. E quando Simone Beauvoir (1967) diz que não se nasce, mas torna-se mulher, ela está nos dizendo que somos o resultado do processo histórico-cultural da sociedade em que vivemos, colocando por terra o conceito natural dos gêneros masculino e feminino. Mas, mesmo assim, vale lembrar que tanto a normalidade quanto a diferença são também sociais, culturais e historicamente construídas.

Se for a partir da constituição biológica que se criam e se constituem os gêneros masculino e feminino, problematizar o corpo como algo produzido na e pela cultura lançamos a novas perspectivas analíticas, pois rompe com sua naturalização, colocando-o como objeto de estudo que pode ser observado, analisado, classificado, explicado e tratado.

Dentro desta linha de raciocínio, discutindo o pensamento de Judith Butler, Bento (2006, p.90) nos diz:

O gênero adquire vida a partir das roupas que compõem o corpo, dos gestos, dos olhares, ou seja, de uma estilística definida como apropriada. São esses sinais exteriores, postos em ação, que estabilizam e dão visibilidade ao corpo. Essas infundáveis repetições funcionam como citações, e cada ato é uma citação daquelas verdades estabelecidas para os gêneros, tendo como fundamento para a sua existência a crença de que são determinados pela natureza.

Voltando a A. Martins, foi na adolescência que ele começou a sentir atração pelos outros rapazes. Com 15 ou 16 anos de idade, ele foi trabalhar com uma senhora que fazia artesanato e vendia seus produtos na feira, ainda em Goiânia. Neste momento, seus sentimentos internos se definiram, dando espaço para a *homofobia* internalizada, que segundo Pereira & Leal (2007),

(...) é a sensação de vergonha face à perspectiva de ser identificado como gay. Esta sensação de vergonha pode ser o resultado do confronto com possíveis ameaças externas e internas e o bem-estar emocional do indivíduo vai depender da maneira como ele as gere.

A nossa racionalidade sobre sexo é subjetivada por medos, preconceitos, mitos e moralismo cristão. Nossa cultura nos diz cotidianamente, que qualquer comportamento sexual fora do padrão heteronormativo, ou seja, fora das regras que normatizam a heterossexualidade como modo “correto” de estruturar o desejo, é marcado pelo signo do desvio, ausência de higiene e pecado, em outras palavras é uma doença.

Denise - Então assim... e pra mim foi complicado, porque aí foi, pra mim... a revelação de mim mesmo, né? Agora já era eu mesmo querendo me crucificar, me condenar, porque eu sentia atração por outros meninos. Já não eram os meus

irmãos, era eu mesma, assim, num conflito pessoal. Essa mulher que eu fazia artesanato com ela (...) ela me encaminhou para um psicólogo, e eu fiz tratamento de um ano com esse psicólogo, e com o passar do tempo eu fui deixando a terapia e fui descobrindo que não tinha nada de errado comigo. (IDENTIDADE, 2003).

Todo conhecimento e experiência com a loucura organizados no decorrer do século XIX proporcionaram no início do século XX, à psiquiatria, *know how* suficiente para enquadrar os desvios da norma heterossexual, não mais como crimes e sim como doença e, dessa forma, sendo doentes, o pederasta, o sodomita ou uranista não eram mais culpados por suas transgressões.

Em 1869, na Alemanha, o escritor Karol M. Kertbeny definiu e diferenciou as práticas homossexuais e heterossexuais. Essas definições foram apropriadas pelas ciências médicas e jurídicas fazendo surgir a figura clínica do "homossexual", instaurando assim, a homossexualidade como categoria científica.

Trevisan (1986, p.109) nos relata que, em 1938, o

(...) médico-legista Leonídio Ribeiro [publicou em *Etiologia e tratamento da homossexualidade*, que a mesma] passou então a ser estudada à luz da ciência, verificando-se que se tratava de uma anomalia caracterizada por uma preferência, do ponto de vista sexual (...) que um indivíduo manifesta de modo ativo, passivo ou misto, por outro indivíduo do mesmo sexo (...) as práticas de inversão sexual não podiam continuar a ser consideradas ao acaso, como pecado, vício ou crime, desde que se demonstrou tratar, na maioria dos casos, de indivíduos doentes ou anormais, que não deviam ser castigados, porque careciam, antes de tudo, de tratamento.

No curso "*Os anormais*", Foucault (2001, p. 75) nos diz:

(...) para situar essa espécie de arqueologia da anomalia, que o anormal do século XIX é um descendente desses três indivíduos, que são o monstro, o incorrigível e o masturbador. O indivíduo anormal do século XIX vai ficar marcado - e muito tardiamente, na prática médica, na prática judiciária, no saber como nas instituições que vão rodeá-lo - por essa espécie de monstruosidade que se tornou cada vez mais apagada e diáfana, por essa incorrigibilidade retificável e cada vez mais investida por aparelhos de retificação.

Enquanto Bento (2006, p. 45), comentando Austin sobre o poder da linguagem em criar realidades, nos diz que:

(...) é necessário apontar que a linguagem não tem somente a função de descrever a realidade, devendo ser compreendida como uma modalidade produtora de realidades. No caso da linguagem científica, a tarefa de desvelamento dessa função é consideravelmente complexa, pois sua eficácia consiste na idéia da suposta capacidade da ciência em descrever uma dada realidade de forma neutra.

As considerações, tanto de Foucault quanto de Bento, levam-me a refletir sobre o discurso médico e os efeitos de verdade que ele possui. Assim sendo, fui buscar conhecer

o CID - Classificação Internacional de Doenças e de Problemas Relacionados à Saúde, editado pela OMS - Organização Mundial de Saúde, que atualmente encontra-se em sua 10ª edição. No capítulo sobre Transtornos Mentais e Comportamentais encontramos:

F64.1 Travestismo bivalente

Este termo designa o fato de usar vestimentas do sexo oposto durante uma parte de sua existência, de modo a satisfazer a experiência temporária de pertencer ao sexo oposto, mas sem desejo de alteração sexual mais permanente ou de uma transformação cirúrgica; a mudança de vestimenta não se acompanha de excitação sexual.

Transtorno de identidade sexual no adulto ou adolescente, tipo não-transsexual. (CID 10, 1996, p. 358)

F65.1 Travestismo fetichista

Vestir roupas do sexo oposto, principalmente com o objetivo de obter excitação sexual e de criar a aparência de pessoa do sexo oposto. O travestismo fetichista se distingue do travestismo transexual pela sua associação clara com uma excitação sexual e pela necessidade de se remover as roupas uma vez que o orgasmo ocorra e haja declínio da excitação sexual. Pode ocorrer como fase preliminar no desenvolvimento do transexualismo. Fetichismo com travestismo". (CID 10, 1996, p. 359)

Apesar do estigma social da homossexualidade e do CID 10, o terapeuta que cuidou de A. Martins, instrumentalizou-o para viver plenamente seus desejos, fossem eles quais fossem. E esta nova postura transformou algo em seu interior e ele não pôde mais sufocar inteiramente seu desejo sexual:

Denise - Não, o psicólogo me deixou à vontade ele me deixou ... assim (...) me fez compreender que não tinha nada errado comigo, né. Que havia alguma coisa errada era com as pessoas que não me aceitavam da maneira como eu era. Ele me ajudou muito, acho que ele não vai saber disso nunca, coitado! Mas ele me ajudou bastante. Eu fui largando a terapia no decorrer do que eu fui percebendo que eu estava amadurecendo em cima daquilo, em cima do meu comportamento; trabalhando na feira eu conheci rapazes e achava até interessante sentir atração por eles. (IDENTIDADE, 2003).

A experiência sexual humana, assim como sua expressão, é constantemente transformada, tanto social quanto individualmente. A transitoriedade dos significados sexuais é intrínseca a um processo fluído e flexível experimentado por indivíduos ou grupos. Nossas escolhas ou opções situadas neste processo estão atreladas a diferentes sistemas culturais e são simultaneamente formadas e moldadas por relações de poder.

E foi em meio à sua clientela da feira que A. Martins encontrou um outro sentido para sua sexualidade. Ali mesmo, no cenário cotidiano de sua vida; e assim começou a desembaraçar os fios que iriam tecer a trama de sua nova existência. E ela não estava, e ainda não está, sancionada de forma positiva para a sociedade ocidental heteronormativa:

Denise - (...) eu me lembro dessas fantasias assim, eu fantasiava muito a sexualidade, porque eu não tinha ninguém pra conversar comigo, me explicar as coisas, e eu fui aprendendo muito que a pulso [à força], né? Tudo o que eu aprendi foi a pulso Eu encontrei, vendendo artesanato na feira ... Um dia eu estava lá e apareceram dois travestis, e os dois se beijavam, se beijavam e eu não entendia nada, porque eles estavam os dois no papel feminino e se beijando eu não entendia, não entendia nada (...) e eu tentando encontrar o masculino e o feminino, né? E eu não conseguia achar, mas esses travestis (...) eles, eles acabaram me ajudando porque eles deixaram o endereço, compraram da minha mercadoria e deixaram o endereço. Falaram que eu tava perdendo tempo lá vendendo artesanato, que eu poderia ganhar muito mais. E eu menino, mas o meu cabelo já estava assim crescendo e tal, mas assim, num tinha traço nenhum de mulher assim, era um rapazinho, um garoto. E foi aí que eu fui conhecer a casa desses travestis. Lá eu vi eles se arrumarem, se vestirem, se produzirem, entendeu? E nasceu assim esse desejo, né? Foi nascendo o desejo. Foi aí que começou a confeccionar na minha mente essa questão do travesti. Eu já estava com 17 para 18 anos. E esses travestis... um dia ficou combinado que eu ia lá e eles iam me arrumar pra eu sair com eles. (IDENTIDADE, 2003).

Nesse processo, há um esvaziamento dos conteúdos pejorativos e desqualificantes de sua inadequação ao gênero masculino. A. Martins, ao se descobrir travesti, possibilidade identitária até então desconhecida, não se sente mais inapto para o convívio social. Podemos ressaltar, de acordo com Guattari (2007), que Denise, ao se desligar

das disputas fálicas, inerentes a todas as formações de poder [se engajou] segundo [as] modalidades possíveis, num tal devir mulher (...). De modo mais geral, toda organização "dissidente" da libido deve assim compartilhar de um devir corpo feminino, como linha de fuga do *socius* repressivo, como acesso possível a um "mínimo" de devir sexuado, e como última tábua de salvação frente à ordem estabelecida.

Resta-lhe, entretanto, reelaborar novos significantes que dêem sentido à sua vida e a seus sentimentos em relação a sexo e a sexualidade, portanto há uma obra a ser elaborada com o que resta de suas convicções e certezas.

Denise - Aí eu fui lá um dia e eles me vestiram, por coincidência me vestiram de cor de rosa... e eles me vestiram e eles me levaram pro ponto onde eles trabalhavam, e daí eu achei que iria fazer o papel feminino... e foi aí que eu tive outro conflito... Você sabe porquê? Assim que eu entrei naquele carro... (você não vai colocar isso na Internet, hein!)... Assim que eu entrei no carro, o homem colocou a mão, entendeu? Na parte que eu queria esconder de mim, foi direto já pegou lá, entendeu?... Eu desci do carro xingando o homem, falando pra ele me respeitar, quem ele pensava que eu era, e eu desci do carro xingando o homem, quem ele estava pensando que eu era pra ficar pegando em mim, ficar querendo pegar em mim? Falei que não era mulher, mas ele queria pegar mesmo assim! ...E foi aí que desci do carro fui lá contar pra elas e elas falo, cê quer saber de uma coisa? Eu acho que você tem que continuar fazendo artesanato mesmo, porque se você for pra rua você vai morrer de fome, que aqui, a gente faz é isso... E foi assim que eu comecei a ter minhas primeiras relações sexuais ... na prostituição, umas no papel feminino, outras no papel masculino e assim foi ... fiquei na prostituição desde os 18 anos... (IDENTIDADE, 2003).

Ele vai aprendendo com seus novos amigos as possibilidades da mutação física permitida por toda a engenhosidade humana. Seu corpo se transforma num esquema de causa e efeito para causar o desejo no outro mediante a construção de uma nova imagem de si mesmo.

E este processo de transformação engloba a assimilação de uma nova cultura que, além da linguagem corporal e gestual, significa embrenhar-se também pela linguagem codificada a partir dos cultos religiosos afro-brasileiros, e especialmente termos vindos do ioruba-nagô, utilizada de norte a sul do Brasil, conhecida como bajubá, pajubá ou bate-bate, como também observou Benedetti (2005, p.103) entre as travestis de Porto Alegre; Silva (1993, p.78) na Lapa, no Rio de Janeiro e Pelúcio (2005, p. 217) em São Carlos, interior do estado de São Paulo, assim como entre minhas entrevistadas em Campinas em 2006. No título e redação deste trabalho, utilizo alguns dos termos advindos deste linguajar. Desta maneira, A. Martins vai se constituindo simultaneamente no coletivo e no individual como um novo sujeito.

O corpo é o *locus* a partir do qual o indivíduo expõe publicamente sua intimidade. Mesmo esta individualização da aparência é uma construção cultural, onde a imagem pessoal, segundo Butler (2003, p.194), se transforma em performance, ou seja:

Em outras palavras, atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na *superfície* do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são *fabricações* manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos.

Numa sociedade massificada como a nossa, pertencer a um grupo social como os punks, gays, patricinhas, executivos, funkeiros, doutores universitários, etc. nos proporciona um conforto psicológico, ao mesmo tempo em que exige que incorporemos signos – roupas, gestos, dialetos, etc. – que nos remetam ao coletivo, onde nossa individualidade é marcada pela performance pessoal, e a qualquer momento é possível medir o ineditismo de nossa singularidade e individualidade.

Denise - Então, aí a mudança do corpo se deu... na minha opinião o corpo, ele foi assim a minha ferramenta de trabalho... os seios... o quadril... os cabelos longos... eu acho que isso foi ferramenta de trabalho. Assim como o pedreiro tem a sua pá, a sua colher para confeccionar a casa, eu tinha aquilo como ferramenta, os seios o cabelo muito luxuoso... um corpo muito bem cultuado... porque na prostituição eu tinha um corpo muito bem cultuado para atrair e seduzir a clientela. (IDENTIDADE, 2003).

O exercício de se construir e se constituir como um novo sujeito, para uma travesti, significa vigiar exaustivamente tudo em si que foge do padrão visual do feminino:

cabelos, unhas, seios, nádegas, barba, etc. Tudo o que o espelho mostra de masculino neste corpo e que não pode ser eliminado tem que ser escondido. Na minha convivência com as travestis é comum vê-las com pinça nas mãos lutando contra o “chuchu”, ou barba.

As travestis realizam, continuamente, um investimento sobre seus corpos, através de roupas, cabelos, adornos, perfumes, tatuagens, cosméticos, próteses, implantes, plásticas, modelagens, dietas, hormônios, lentes de contato, etc., o que lhes confere o caráter performático de gênero. Utilizando todos esses artifícios e tecnologias, esses sujeitos estão longe de serem identitariamente estáveis e definidos, o que dificulta, e muito, sua aceitação pela sociedade.

A experiência da travesti perde suas marcas exóticas, se consideramos que ela é a beneficiária e tributária de toda uma tecnologia que não foi criada primeiramente para ela e que a ela chegou residualmente:

Pesquisador - Você colocou silicone?

Denise - Coloquei, tomei hormônio durante muito tempo, durante esta época...

P - O silicone que você colocou foi prótese ou líquido?

D - Nos seios prótese e no quadril, líquido!

*P - Você sabia dos riscos?*¹⁷

D - Sabia, sabia dos riscos, porque assim era comum naquela época, hoje assim é... a população de travestis ... ela está assim ... Como é que eu vou te falar... na época em que eu me assumi, a população era maior de travestis ... a aids, a violência, o preconceito e a discriminação tiraram de circulação muitos travestis, muitos, né? Então hoje é uma geração totalmente nova. (IDENTIDADE, 2003).

Entre os dias 19 e 23 de setembro de 2003, realizamos algumas oficinas no Centro de Referência GLTTB, dentro do Projeto de Redução de Danos para Usuários de Silicone Líquido e Hormonioterapia, efetivado em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde, com cerca de 30 travestis da cidade, para conhecermos o processo de reconfiguração do corpo masculino em um corpo de travesti. De comum acordo, criamos uma personagem fictícia, Márcia X, e sua vida foi recheada com as experiências e relatos ouvidos. Trago aqui, trechos dessa biografia para ilustrar os procedimentos utilizados nessa transformação corporal:

É nesse período que Márcia X começa a tomar hormônio feminino¹⁸. Seu corpo começa a arredondar e seu peitinho a despontar. Suas amigas a ensinam a usar

¹⁷ Atualmente o uso de silicone industrial para injeção nos tecidos não é aprovado pela ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária). Contudo seu uso clandestino é amplamente difundido, podendo ser adquirido com facilidade. O silicone utilizado pelas travestis para a modelagem do corpo é de uso automotivo ou farmacêutico. Seu nome técnico é óleo de silicone 47v (dimethylpolisiloxane). É um produto orgânico sintético, com cadeia de carbono intercalada por átomos de silício inerte, não podendo ser metabolizado pelo organismo humano.

¹⁸ - Anacilin, Androcur, Ciclo 21, Perlutan (antigamente tomava-se hormônio de vaca, segundo a fala de uma das travestis). Às vezes o uso desses hormônios provoca o crescimento da mama, engorda, incha, causa um descontrole hormonal, irritação, zumbido no ouvido, dores no estômago, eliminação dos pelos do corpo,

Pirelli¹⁹ para acentuar as formas femininas. Aos poucos ela vai aprendendo a se maquiar, se depilar e se pentear.

(...)

Na convivência com suas amigas travestis, ela conhece os macetes da rua, pois lhe é cobrada uma diária, o prato de comida e as roupas que a dona da casa onde mora lhe obriga a consumir.

Nessa mesma noite ela decide se “bombar”²⁰. Suas amigas indicam uma bombadeira²¹ de confiança para fazer seus peitos e bunda.

No dia seguinte, Márcia X sai de casa à tarde e procura o endereço que suas amigas haviam lhe dado²².

A bombadeira conversa com ela, combinam o preço e lhe pede que volte no dia seguinte com agulha, seringa, álcool, papel higiênico, algodão, faixas de gaze, um vidro de esmalte ou super bonder e xilocaína.

No dia seguinte, Márcia X volta com os produtos que a bombadeira lhe pediu. A mulher manda-a deitar na maca, no meio da sala. Com um pincel atômico desenha um semicírculo sob os peitinhos de menina-moça, passa um pouco de xilocaína no local.

Some por uma porta e volta com um frasco plástico aberto numa mão e um copo americano na outra. A bombadeira espanta Gianecchini, um vira lata que aparece na porta. Derrama o líquido viscoso no copo. Pega uma agulha enorme²³, enche o tubo da injeção com o silicone²⁴ e começa a injetar o líquido dentro do semicírculo desenhado no peito. O local aplicado incha. A bombadeira retira a agulha e faz nova aplicação ao lado da anterior, e repete o processo por várias vezes.

Depois de fazer os dois peitos, pega a faixa de gaze e amarra-a bem apertado abaixo das mamas, e entre elas coloca um pedaço de madeira redonda para que o líquido sob a pele não escorra. Márcia quase não consegue respirar. Os novos seios estão vermelhos, inchados e quentes, ela está com febre. A bombadeira recebe o valor cobrado, dispensa-a dizendo-lhe para tomar uma dipirona e dormir de costas, tomando cuidado para não amassar os novos peitinhos, que, afinal de contas ficaram tão bonitinhos não é?

À noite, a dor e a febre não a deixam dormir. Ela toma antibióticos e olha para o teto, orgulhosa de suas novas formas. No dia seguinte a dor diminui, assim como o inchaço e o vermelhão. Márcia X fica uns 10 dias de molho, em casa, quando volta para as ruas, é uma nova pessoa.

No mês seguinte, ela decide “fazer a bunda”. Volta à bombadeira, com o material solicitado mais uma calcinha dois números menor que o seu. Márcia veste a calcinha, que lhe aperta a cintura e as coxas (para que o silicone não escorra). Passa pelo mesmo processo anterior, só que agora as injeções são nas nádegas, aumentando seu contorno e seu volume.

fraqueza, sono, fome, frio, inflamação na garganta, dor de cabeça, tontura, inflamação no pênis, perda da fome, ou aumento da fome. Algumas travestis presentes nas oficinas declararam que os hormônios as deixam femininas não só por fora, mas psicologicamente também.

¹⁹ - Espuma no formato de seios, ancas e nádegas, usada por baixo das roupas.

²⁰ - Ato de injetar silicone líquido no corpo. Atualmente o uso de silicone industrial para injeção nos tecidos não é aprovado pela ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária). Contudo seu uso clandestino é amplamente difundido, podendo ser adquirido com facilidade. O silicone utilizado pelas travestis para a modelagem do corpo é de uso automotivo ou farmacêutico. Seu nome técnico é óleo de silicone 47v (dimethylpolisiloxane). É um produto orgânico sintético, com cadeia de carbono intercalada por átomos de silício inerte, não podendo ser metabolizado pelo organismo humano.

²¹ - Indivíduo, geralmente uma cafetina, que injeta silicone líquido nas travestis jovens.

²² Algumas cafetinas obrigam as travestis a se “bombarem”, a colocar silicone industrial nos seios e nas nádegas. Umas financiam a aplicação, outras são as próprias bombadeiras. Este procedimento visa apenas o lucro, tanto nos custos da aplicação em si, quanto na prostituição do corpo modelado.

²³ - Agulha para aplicar injeção em animais, de uso veterinário.

²⁴ - Há dois tipos de silicone industrial: o /1.000, mais denso, e o /350, mais líquido.

Márcia X volta para casa, toma decadron²⁵ e fica deitada de bruços por uns dez dias. Este é o sofrimento da beleza a que tantas travestis se submetem. Seu corpo ganha, assim, contornos mais femininos, o que a valoriza ainda mais diante das colegas de profissão.

Nas ruas ouve histórias de colegas em que o silicone não ficou no lugar e saiu com o suor, outra que o óleo foi parar no pulmão, outra que escorreu perna abaixo, parando no tornozelo. Sorte sua seu corpo não ter passado pelo processo de rejeição.

Ela agora, mais confiante de seus atributos físicos, vai para as ruas expondo-os na batalha pela conquista dos clientes. (PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS)

As travestis se permitem o acesso a novos domínios sexuais, éticos e estéticos, além da intensificação e a descoberta de novos prazeres. Disfarce e mascaramento são atos performáticos que multiplicam as possibilidades do humano esculpido em si mesmo.

A partir de sua pesquisa entre um grupo de travestis da Lapa, no Rio de Janeiro, Silva (1993, pp. 134-135) nos diz:

Não tem travesti sem hormônio... a justaposição de tais falas, sua continuidade, me sugere estar contida na cabeça “delas” a idéia de que, sob todos esses enormes riscos, comprova-se a identidade “feminina delas”. Ao contrário das mulheres, seus atributos físicos são obtidos graças a uma renhida luta contra a natureza [biológica].

Já não deixam, porém, aflorar “nelas” o homem natural [biológico]. Este é policiado milimetricamente, como um jardineiro combate urtigas, capim, pragas e toda uma variedade de formas vegetais e animais que a natureza deixa aflorar e se estender irregularmente sobre o jardim.

Uma natureza “feminina” assim aflora diferente da natureza feminina que se desenvolve naturalmente segundo ritmos, fases e ciclos naturais. A natureza “feminina” do travesti ganha corpo, se consolida, se arredonda no cotidiano, minuto a minuto, no milimétrico (pêlo a pêlo) combate a tudo que tenta brotar do homem subjacente. Esse combate, se iniciado na adolescência, confunde-se quase com os ciclos naturais, criando uma natureza “feminina”.

Tanto que em seus discursos reconhecem a pouca eficácia do método quando não é iniciado tenramente. Esse elogio do precoce início da produção do travesti não deixa de ser uma forma sofisticada de reintroduzi-lo no domínio da natureza. A possibilidade lógica – e que, nos discursos, se vislumbra como uma insinuação antropológica – é que o “feminino” é mais FEMININO que o feminino porque o primeiro é uma minuciosa e permanente (segundo a segundo) construção consciente, enquanto o feminino se produz natural e inconscientemente.

O que significa reiterar que se tem consciência de que não se é mulher, com maquiagem, cabelos cumprido, vestido, calcinha, sutiã, seios, quadris, corpo depilado, eletrólise feita, voz fina e, sobretudo, toda uma biografia “feminina”?

O discurso aí é soterrado por uma avalanche de signos, índices, símbolos que tornam a afirmação racional uma provocação.

Ao reconfigurar o seu corpo, a travesti embarca na clandestinidade onde imperam o crime e as perversões, as depravações, os contatos físicos entre párias que tanto aterrorizam aqueles que buscam a virtude humana. Livre das normas do bom viver, este corpo soterrado pelos signos disciplinares domesticadores desenha uma outra cartografia,

²⁵ - DECADRON - Comprimidos/elixir é usado principalmente em afecções alérgicas e inflamatórias e outras doenças que respondem aos glicocorticóides.

num outro espaço. Ser travesti é resistir, constantemente, às normas da cultura oficial e às *Leis da Natureza*.

As ciências vão falar das condutas desviantes, apesar da sexualidade ter sofrido uma mudança gradual de um problema orgânico e fisiológico para a normalização da diversidade sexual humana. Citando Conceição S. Mousnier, com base no laudo da Sociedade de Ginecologia e Obstetrícia do Estado do Rio de Janeiro, o advogado Chaves (1994, pp.128-129), dois anos antes da edição do CID - 10, define "o" travesti pelo:

(...) comportamento fetichista, com o uso de roupa cruzada, em uma alternância de papéis masculinos e femininos, levando vida dupla, manifestando tolerância em relação a ambos os comportamentos [o advogado também reconhece, amparado na literatura médica, a vontade nos travestis de transgredir a própria imagem feminina hegemônica no imaginário social, pois] cultuam uma aparência bizarra, excêntrica, parodiando grotescamente as mulheres, sem, contudo nutrirem interesse em se parecer com uma mulher normal.

Os apelidos, pseudônimos ou nomes de guerra femininos são comuns entre as travestis, e assim como cabelos cumpridos, unhas pintadas e maquiagem, ajudam a definir uma identidade que corresponda à imagem padrão, às vezes hiper-realista da mulher. Segundo Garcia (2000, p. 94),

(...) o prenome, normalmente, está no mito de um artista famoso, conhecido. Assim, a fábula do encantamento pede passagem para um universo lúdico. Numa reforma analógica, a substituição radical do nome auxilia a construção imaginária de uma outra identidade, manifestando sua representação simbólica.

Numa de minhas idas ao Jardim Itatinga, procuro confirmar a informação de que o nome das travestis é dado por uma "madrinha":

Denise - Antigamente era, antigamente era a cafetina que batizava. Sempre a cafetina era uma travesti mais velha na cidade, né? Sempre foi uma que batizava a outra. Eu mesmo já cheguei a... quando as meninas chegaram aqui na zona, na minha casa, às vezes chegava até sem ter um nome na cabeça, eu falava não, vamos encontrar um nome fino, um nome assim de destaque, que chame atenção, que você se olhe no espelho e tenha a ver com você. E aí fazia, às vezes em tom de brincadeira. Eu lembro de uma vez que a gente tava comendo e... sabe aquele molho da salada? Quando sobrou aquele molhinho da salada eu peguei e joguei na cabeça dela assim, eu te batizo com o nome tal. Entendeu como é que é?

Pesquisador - Mas aí tem essa coisa da madrinha... proteger...

D - Mas hoje em dia a escolha é muito especial, hoje em dia, as meninas se assumem muito mais novas, né? (Caderno de campo, 12/08/2006).

Mais adiante ela confidencia sobre o processo de escolha de seu nome:

Denise- (...) o meu nome foi escolhido pela minha irmã. Eu, na verdade, eu escolhi o nome Delma ... mas logo (...) saiu aquela música "Telma eu não sou gay" ... então foi andar na rua e as pessoas olhando para mim e dizendo: Delma eu não sou gay, Delma eu não sou gay. Aí eu falei não, eu preciso urgentemente mudar este nome. E qual vai ser meu nome? (...) Aí, a minha irmã caçula, ela é muito agarrada comigo, ela falou assim: Não, seu nome vai ser Denise M. E todo mundo passou a me chamar de Denise M. e eu não sabia porque ela tinha

colocado Denise M. As pessoas... eu chego na boate e as bichas Deniseme, Deniseme (...) Eu achava que era Deniseme, eu escrevia eme. Denise, aí outro "m" e depois o "e". Eu pensava que era junto: Deniseme, o nome todo. Mas não, era porque o M é de Denise Martins ... e aí nesse dia também a gente ficou testando a rubrica. Como escrever sabe?

(?) - Assinar o cheque

D - Foi muito legal a construção do nome. Já fazem muitos anos isso. Eu acho que de Delma, que era naquela época da minha transformação também. Mas aí foi bom. Eu me sinto muito feliz com o nome de Denise Martins. E eu conheço um monte de Denises, elas são muito parecidas comigo. Todas assim parecidas em temperamento, no jeito de ser, de ver a vida, de querer cuidar das pessoas. (Caderno de campo, 12/08/2006).

Denise chega à Campinas em 1986. Fica uns seis meses, já no Jardim Itatinga, em uma casa, se prostituindo. Retorna para Goiânia e volta definitivamente, para se instalar na cidade.

Denise - Eu vim trabalhar numa casa como profissional do sexo e aí era uma casa assim, que tinha muitas... só mulheres, não tinha travestis na casa, só mulheres. Eu era a única travesti da casa...

Eu vim [para o Jardim Itatinga] em Campinas porque eu ... eu já conhecia ... tinha referências daqui, né? Já tinham me contado. Eu vim pra conhecer. Conheci, inclusive, a primeira vez eu vim fiquei nessa casa mesmo e a segunda vez eu fiquei na mesma casa...

Então, naquela época, assim, havia muitas travestis no bairro, várias casas tinham travestis, casas de travestis e assim, tinha uma casa onde os travestis que usavam drogas, eles discriminavam os que não usavam. Os que usavam drogas eram os que mandavam no pedaço ... eles mandavam no pedaço, eles tinham fama de valentão, de que batia. Naquela época eles usavam cocaína, né? Pra cheirar, maconha pra fumar, tomavam pico nas veias, misturavam cocaína, tomavam back [injetar cocaína líquida nas veias]. (Caderno de campo, 05/04/2006)

A vida humana, onde quer que floresça, é alicerçada por códigos próprios do lugar, e os mesmos devem ser assimilados e respeitados pelos forasteiros. Para sobreviver ao Jardim Itatinga, Denise, a outsider, teve que desvendar o diagrama e os códigos que regem as relações entre profissionais do sexo da cidade e deste bairro:

Pesquisador - E como é que era, por exemplo, você que veio de Goiânia, como é que era recebido alguém que veio de fora, você veio de Goiânia...

Denise - Ah... tinha todos esses problemas né, dependia da casa onde você morava pra você descer²⁶ nos lugares pra trabalhar, você tinha que morar na casa de alguma [cafetina], de alguém, essa pessoa tinha que ter nome, né? Geralmente as casas eram de... de bichas, muitas vezes, né?.

P - Mas assim... Essas casas existiam onde, onde tinha casas?

D - Tinha aqui e tinha no centro da cidade, no centro da cidade tinha uma perto do terminal central... que era do Luisão... um gay, ele tinha uma casa ali, era uma pensão perto da rodoviária, naquela rua ali próxima da Fepasa. E ali ele alugava quartos para travestis, então lá moravam muitas travestis e tinha as que usavam drogas, as que não usavam, moravam ali junto com ele, essas eram a maioria, no centro da cidade... No centro da cidade era assim, as bichas [travestis] podiam descer, mas assim...

P - Quando você fala podiam descer, o que é isso?

²⁶ - Ir para os pontos de prostituição da cidade.

D - Poder ir no ponto trabalhar, elas podiam ir no ponto trabalhar.

P - Onde é que era?

D - Só que naquela época, não tinha esse negócio de serem donos da rua ou donos dos pontos, porque naquela época a polícia perseguia muito, todo mundo, né?

P - Mas onde que eram os pontos?

D - Os pontos eram na Moraes Sales na época, era na Moraes Sales, ali, era entre a Dr. Quirino, é Dr. Quirino lá em cima, que desce do Cambuí? É Dr. Quirino né... Dr. Quirino e a Anchieta que é a avenida da Prefeitura.

P - Era naquele pedaço?

D - Era... era naquele pedaço e aí subia aquelas ruas pra cima ali, aí tinha a praça do Largo São Benedito ali né, umas ficavam próximas ali da praça até a Duque de Caxias. Naquela época... Naquela rua que... Que tem... Ali aquele hotelzinho que chama Hotel Brasil, que chamava Hotel Brasil ali... sabe? Naquela rua paralela a Moraes Sales, do lado de baixo.

[...]

P - E aqui no Itatinga, como é que era?

D - Aqui era assim, tinha umas travestis que faziam ponto numa esquina aqui da rua, todas eram de uma casa só, que era de uma travesti chamada Neuza. E essa travesti era uma travesti muito considerada aqui no bairro, respeitada pelas pessoas, pelos... todo mundo do bairro e aí essa travesti, logo assim, um tempo depois que eu cheguei, ela foi pra França, ficou pra lá uns dois anos. Só depois que ela voltou. Então as travestis dessa casa eram as donas do ponto. Eu morava numa casa, inclusive pelo fato de eu fazer, eu ficar nesta casa só de mulheres e eu ficar no portão, fazer sala igual às mulheres, fazer o horário da casa, essa coisa de boate lá, elas não gostavam muito de mim. Elas achavam que eu era muito assim... né? esnobe e coisa e tal! Mas não era isso, é que naquela época eu não conhecia a... eu tinha vindo há pouco tempo pra essa vida de prostituição, eu tinha saído pela primeira vez da casa dos meus pais...

[Silêncio ...].

P - E as travestis que moravam aqui no bairro, só faziam programa aqui no bairro ou...?

D - Não, faziam aqui no bairro, muitas iam pro centro da cidade, quer dizer, porque a casa tinha muitas travestis, então umas ficavam aqui, outras iam pro centro e... aí, e... e aí assim, umas ficavam aqui no bairro, umas iam pro centro da cidade e outras iam pras rodovias. Naquela época as travestis já faziam ponto nas rodovias. E então tinha a balança que elas ficavam, né, aquela balança lá de Sumaré, elas ficavam ali, elas ficavam lá no pedágio de Limeira também, muitas daqui iam lá pro pedágio de Limeira e iam pro posto 67 que é lá em Jundiá e outras pro Padre Anchieta, que é o Aparecidinha, naquela época umas já iam...

P - As relações das travestis com as outras profissionais do sexo, com as mulheres, com as prostitutas daqui, como é que era?

D - Não... sempre...

P - Tinha atrito, não tinha atrito?

D - Não, não tinha muito atrito assim não. Entre as mulheres e as travestis não, só que assim, as travestis é... sempre não se misturavam, onde tinha mulher era mulher, onde tinha travesti era travesti, nunca foi junto.

P - Tá, mas você morava numa casa que tinha só mulheres...

D - Eu morava, mas...

P - Era tranqüilo?

D - Era tranqüilo, só tinha eu de travesti lá na casa.

P - Sim, mas aí chegava um cliente, como é que era a disputa pelo cliente?

D - Naquela época, todos me confundiam com mulher, eu era muito jovem ainda, então eles me confundiam com mulher, então eu ia com um cliente e fazia companhia pra ele até o momento em que ia começar o programa, porque naquela época não tinha esse negócio de oferecer o programa primeiro. Primeiro você mostrava a casa, oferecia as bebidas da casa e tal, naquela coisa de fazer companhia pro cliente, beber e tal aí é que rolava o clima de ir pro programa. Aí quando ia negociar o programa que você sentia se o cliente tinha percebido ou não, se ele tivesse percebido né, tudo bem, se ele não tivesse percebido aí você

falava que era travesti e aí se ele não gostava, automaticamente você já colocava uma outra menina pra fazer companhia pra ele, se levantava e ia pra frente novamente.

P - No geral, como é que era? Tá... aí o cara chega, ele não reconhece você, ele não reconheceu como travesti. Como que ele reagia quando ficava sabendo que não era uma mulher? Que não tinha uma buceta?

D - Ah! Ele ficava decepcionado, aí ele dizia que não era o que ele queria e tal. Tinha uns que pagava a conta e ia embora, não queria nenhuma menina que você colocasse lá... e coisa e tal.

P - Não rolava nenhuma violência?

D - Não, não, comigo nunca rolou não! Mas muitas vezes quando eu faturava assim, quando eu ficava na rua, por exemplo, o cliente levava até no motel. Só que no caminho do motel ele ia conduzindo o diálogo e aí quando ele perguntava se eu tinha filhos, se eu já tinha sido casada é que eu percebia que ele tava... pensando que eu era mulher. Aí eu tinha que contar e às vezes voltava, muitas vezes voltava.

P - Ah! Mas na... Tá, tudo bem... mas não acredito que seja tão tranquilo assim. Tá certo que você tinha um monte de coisa, mas não era muito decepcionante pro cara que quer comer uma buceta chegar lá e encontrar a Denise?

[Ela não responde a pergunta, se esquivou].

D - Então, geralmente, quando eu fazia ponto lá na praça, então eu não... eu sempre ficava assim, mais perto das mulheres que das travestis, quando eu fazia ponto lá no centro. Então era comum de confundir eu com mulher, tanto que muitas vezes a polícia tava fazendo batida no centro, levava todas as travestis e não me levava. Só depois de um tempo é que eles foram descobrir que eu era travesti também, aí que eles passaram a me levar. Mas naquela época eles não levavam as mulheres, era difícil eles levarem as mulheres, mas sempre levavam as travestis. (Caderno de campo, 05/04/2006)

A heteronormatividade induz ao preconceito e à discriminação contra o diferente, legitimando-os através de padrões culturais que explicitam hierarquias e moralismos. A desqualificação e o desrespeito social impostos ao diferente ferem profundamente a dignidade do outro, causando muitas vezes além da dor, atitudes de revolta. Muitas atitudes preconceituosas, discriminatórias e violentas em torno do que é entendido como sexual, para as travestis, tendem a ser naturalizadas e, muitas vezes, até prestigiadas e não entendidas necessariamente como violências. Um exemplo disto é o processo de reconfiguração do corpo, ou a aplicação de silicone industrial com agulhas de veterinário, por meio de dezenas de agulhadas para se fazer um peito ou uma bunda.

Culturalmente, as práticas eróticas são sancionadas socialmente e organizadas em torno do que se instituiu como comportamento "normal" do indivíduo. Assim, o anormal será sempre a referência institucionalizada para se tratar com o estranho. Ser ou não ser normal tem a ver com a nomeação das identidades aceitas coletivamente, e, para um indivíduo é sempre um temor ter uma identidade desqualificada pelos outros.

Desta maneira, os indivíduos *normais* têm um valor moral e prestígio social que lhes garantem o gozo do direito de ter sua integridade física e sua dignidade de pessoa

humana preservadas. Para as travestis, que estão fora deste padrão ético e moral de normalidade, restam apenas os desmandos e arbitrariedade.

As percepções coletadas entre minhas entrevistadas em Campinas apontam a falta de oportunidade de trabalho, de alternativas de lazer e a grande vulnerabilidade à violência, o que se traduz na morte precoce de tantas adolescentes, como a relatada no capítulo inicial deste trabalho. De fato, os estudos realizados por Denizart (1997, p. 67) entre as travestis do Rio de Janeiro; Benedetti (2005, p. 47) em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul; Silva (1993, p. 84) na Lapa, no Rio de Janeiro, Oliveira (1994, p. 89) no pelourinho, em Salvador, Bahia, Pelúcio (2005, p. 229) em São Carlos, interior do estado de São Paulo e Peres (2004, p. 116) em Londrina, no Paraná, nos dão conta do grau de violência sofrida diariamente e que é naturalizada, invisibilizada e sancionada pela heteronormatividade.

A acentuada vulnerabilidade às várias facetas da violência aparece claramente no relato de Denise Martins sobre seu processo de assujeitamento às condições de vida na zona e na cidade de Campinas:

Pesquisador - Mas a relação com a polícia naquela época?

Denise - Naquela época você não podia ficar parada no centro da cidade, a polícia não deixava. Tinha um preconceito tão grande contra travesti que eles vinham, enchiam o camburão e levavam todo mundo pro distrito. Às vezes você chegava lá e não tinha, não tinha assim, nenhuma ordem do delegado ou da delegada naquela noite pra levar travesti lá. Muitas vezes nós estávamos lá sentadas, a delegada tinha vindo de outra ocorrência e a delegada falava assim: - "Mas quem trouxe essas pessoas pra cá? Porque trouxe essas pessoas pra cá?" Era só porque eles passavam na rua, via a travesti e levava... Aí eles desciam, eles batiam, eles não podiam ver a gente que mandavam a gente andar, circular - "não pode ficar parada aí". Descia e revistava a bolsa da gente com violência muitas vezes.

P - E aqui no Jardim Itatinga?

D - Aqui no Jardim Itatinga, também era a mesma coisa, eles davam batida nas travestis, muitas vezes... Tinha um posto de gasolina, ainda tem, e as travestis iam lá pra esse posto, eu me lembro que muitas vezes a polícia ia lá pra bater nelas, eu me lembro de eu na casa fazendo ponto e a polícia batendo na travesti na frente da casa e eu lá na sala, sentadinha, assistindo televisão. E eu podia fazer o quê? Nada! Ia apanhar também se eu fosse lá, muitas vezes...

P - E eles não mexiam com as mulheres?

D - Não, a polícia pegava as travestis e levava lá pra Joaquim Egídio, pra Souza [Distritos afastados da cidade de Campinas, zona rural] e largava lá pra voltarem a pé. Outras vezes eles largavam elas peladas, tiravam tudo, as roupas delas, mandavam elas tirarem as roupas, ficarem despidas. Depois que elas apanhavam bastante, porque eles batiam bastante primeiro e depois deixavam lá.

P - Mas porque eles batiam?

D - Porque elas tavam trabalhando no centro.

P - E as daqui do Itatinga?

D - Porque eles traziam as do centro, colocavam no Itatinga e diziam "aqui que é o lugar de vocês". Mas muitas vezes eles levavam as travestis daqui também pra delegacia e tudo, mas daqui do bairro sempre eles toleravam, aqui eles toleravam mais. (Caderno de campo, 05/04/2006)

O estudo realizado por Peres (2004, p. 116), vem ao encontro de nossos anseios, no sentido de mostrar que

(...) quer sejam simbólicas ou reais, [as violências] promovem a perda de consciência sobre os direitos e deveres das pessoas, considerando que as mesmas são experimentadas nos planos físicos, psicológicos e morais, provocando sofrimento e impotência frente aos acontecimentos. Impotências que muitas vezes levam as pessoas a acreditarem que a única forma de revidação é a própria violência, tal como as máximas ultrapassadas do "dente por dente, olho por olho".

Denise deixa a casa em que morava no Jardim Itatinga, e se transforma numa profissional do sexo autônoma:

Denise - Eu sempre morei no Jardim Itatinga, depois eu morei uma época lá no Jardim Yeda, morei no São Bernardo, Jardim Yeda, São Bernardo e aqui no Itatinga. Foram três bairros em que eu morei. Depois arrumei um namorado e fui morar na casa dele lá no São Bernardo. Morei lá um tempo na casa dele, morava com a mãe, os irmãos, todo mundo lá. Depois nos separamos e eu voltei pra cá de novo.

Pesquisador - E aí como é que era a relação com a família dele?

D - Era boa, porque a mãe dele já tinha sido aqui do bairro, já tinha se prostituído aqui no Itatinga e tudo. E aí, mas eu não o conheci por conta dela, conheci e depois fiquei sabendo da história dela, então acho que por isso foi mais tolerado. (Caderno de campo, 05/04/2006).

Ela a travesti, e seu corpo abjeto, torna-se um ser anormal e olhando para si não se reconhece como “um filho do Senhor”. Sente então que abandonou “as hordas do Pai Eterno” e se vê como um ser pecador. Com a auto-estima solapada, a religiosidade encontra em seu âmago um campo fértil onde faz germinar suas sementes. Num mundo sem sentido e desesperançado surge, ou ressurge, em Denise, a religiosidade judaico-cristã:

Denise - Não [tive], casa assim [de prostituição] não. Teve uma época que eu coloquei umas travestis pra morar comigo porque elas eram todas usuárias de drogas e portadoras do vírus HIV. Então umas muito debilitadas, eu coloquei pra morar comigo e ficou morando por muito tempo. Então isso começou em 91, 92, 93 mais ou menos quando eu aluguei uma casa e fui morar com essas travestis que eram portadoras do vírus HIV e fui cuidar delas. Foi quando começou a minha militância na questão da Aids. Aí eu comecei a fazer treinamento, em 90, quando criou o Programa Municipal de DST/Aids. Os primeiros funcionários que foram atuar nesse centro, eu fui fazer o treinamento junto com eles, aí foi quando eu me sensibilizei com a questão da Aids. Aí quando eu aluguei essa casa, as travestis vieram morar comigo". (Caderno de campo, 05/04/2006)

[...]

Pesquisador - Aí é que eu queria... queria saber assim: Como é que Denise uma travesti que se prostituía vai pra dentro da Igreja, qual a relação dela com essa Igreja, com a pastoral e com as mulheres marginalizadas?

D - A minha presença no Centro Comunitário ela era uma abertura para acolher os travestis do bairro...

P - Mas você deve ter enfrentado um monte de preconceito... Não chegaram logo e te convidaram pra tomar um cafezinho, vamos fazer um tricô?

D - Não, então...

P - Eles devem ter dito o que é que esse viado vem aqui encher o saco? Aqui não é lugar dessa bicha!

D - Ainda hoje não é assim, entendeu... ainda hoje não é fácil ...quando eu cheguei lá, assim elas convidaram umas pessoas pra ir lá participar e tal. Na verdade as irmãs mesmo que trabalham lá... eu não tive nenhum tipo de... de resistência. Eu não sofri nenhum tipo de preconceito e discriminação por parte delas, não! Quando na comunidade mesmo em si, quando eu ia aos eventos da Igreja, percebia a discriminação... quando eu ia à fila da comunhão. Pra você ter uma idéia, eu olhava no olhar do padre e ele ficava em dúvida se me dava a comunhão ou não me dava, já que eu era homossexual.

P - Mas você ia "montado"?

D - ...quando eu fui para o Centro Comunitário eu não imaginava que a minha vida fosse dar um salto tão grande quanto deu, entendeu? Porque eu fui pra lá, assim com... com um desejo imenso de ... de ajudar aquelas pessoas. Mas eu nem imaginava que tudo o que estava acontecendo na minha vida pudesse ser tão benéfico como foi. Eu... à medida que eu ia cuidando das outras pessoas ia nascendo em mim uma outra pessoa, uma outra Denise ... E daí eu fui me capacitando... É, ao mesmo tempo em que eu ia me capacitando, eu fui trabalhando é ...dentro de mim e .. toda ... os meus complexos de inferioridade e a minha baixa auto-estima ...essa coisa toda ... eu fui me valorizando .. não como travesti, entendeu? Mas ... como ser humano, pessoa ... e fui vivendo de outra maneira. Eu descobri que não precisava ser mulher ou homem, precisava ser eu mesma e que as pessoas, é que tinham que gostar de mim da maneira que eu era. Eu não tinha que me comportar da maneira que as pessoas queriam. Eu me lembro que um dia é... lá no Centro Comunitário, a irmã Ana Maria falou assim pra mim: ô Denise, você já está bastante tempo aqui no Centro Comunitário com a gente, participando ... feito alguns cursos e tal e você vem sempre nos eventos que a gente promove. É é assim, a gente acha que você já tá "preparado" para representar a pastoral da mulher. Eu, Denise, um travesti, que me prostituía, você já imagina como é que eu fiquei, né? Eu nunca tinha representado nada, nunca tinha sido nada

P - Ah, então...

D - Eu era apenas alguém que se prostituía...

[...]

D - Ia, ia... Entendeu?

P - Ia ser um escândalo se naquele momento, se ele te negasse...

D - Era uma afronta, mas eu ia...

P - Mas você ia montado pra afrontar? A sua intenção era essa?

D - Era a identidade que eu tinha no momento, era aquela identidade... Então, no dia em que a irmã falou assim pra mim que eu já... que achava que eu estava assim preparada pra representar a pastoral da mulher. Naquela época ia ter um ... porque que ia representar a pastoral da mulher porque eu ia participar de um seminário sobre violência sexual contra a criança e adolescente. E elas queriam que eu fosse participar representando a Pastoral da Mulher (Marginalizada) nesse seminário. E era na Unicamp e eu me lembro que eu fui duas vezes até a Unicamp e voltei. (Caderno de campo, 05/04/2006).

Com sua entrada na Igreja Católica Apostólica Romana através da Pastoral da Mulher Marginalizada, Denise vai ressignificar sua vida ajudando a outras decaídas, vítimas do vírus HIV/AIDS. A esse respeito, Butler nos diz que:

o sujeito não é *determinado* pelas regras pelas quais é gerado, porque a significação não é um ato fundador, mas antes um processo regulado de repetição que tanto se oculta quanto impõe suas regras, precisamente por meio da produção de efeitos substancializantes. (2003, p. 209)

Assim, esse novo sujeito, que surge a partir desse encontro entre Denise/Igreja Católica/AIDS, não cabe mais nas formas corporais feminilizadas da travesti. Ele entra em choque com sua identidade de gênero tão duramente conquistada e não se reconhece mais naquele corpo. Instaurado o conflito, esse sujeito necessita novamente reconhecer-se e anseia por uma identidade outra que seja reconhecida, valorizada e aceita socialmente. Olha para si e se desqualifica e mais uma vez a homofobia internalizada ressurgiu, como se uma travesti não tivesse direito a uma cidadania plena:

Denise - (...) e aí você se dá conta de que você é um cidadão e você está excluído de viver sua cidadania e deixou outros modelos que antes não se dava conta. E aí é nesse momento que eu começo a dizer que se eu quero ser um cidadão, a primeira coisa que eu tenho que resgatar é o meu nome. Porque o nome é que diz o que você é. Então eu queria que todas as pessoas comessem a me chamar de A. que é meu nome verdadeiro, porque A. era o primeiro passo da minha cidadania, era resgatar o meu nome, depois mais tarde eu descubro..

Pesquisador - Só pra situar o tempo... em que ano?

D - Em 94, por aí...

P - Mas aí você já tinha feito a transformação do seu corpo físico. E como é que uma pessoa, que já tinha peito, já tinha bunda, quer assumir o seu lado masculino?

D - É porque eu já tinha... não importava se eu tinha formas femininas. A minha história, porque eu tinha sido registrado com aquele nome, você começa a trabalhar essa questão de dizer pras pessoas... Nessa época eu corto o cabelo curto, porque eu começo a fazer um trabalho de prevenção à Aids e quando eu chegava lá com os pacientes e era eu - travesti - levando, as pessoas não me levavam muito a sério...

P - Pessoas de onde?

D - Nos Postos de Saúde, nos Prontos Socorros, eles não levam muito a sério porque era um travesti que tava levando. Aí, de repente, eu corto o cabelo e não vou mais de salto alto, com roupas da noite. Eu vou com umas roupas mais... já vou de camiseta, calça jeans, um tênis, cabelo cortadinho. Aí eu chego lá e entro pra dentro do hospital acompanhando o paciente.

P - Mas você se apresenta como?

D - Denise ainda, apesar...

P - Mas mesmo de cabelo cortado, se você bota uma camiseta, o seio...

D - Aparece! Mas quando você adota um padrão mais pré-estabelecido, já é mais aceitado, começa a aceitar mais! Hoje em dia eu levo as travestis lá no Pronto Socorro e eles falam as meninas, as meninas da sua casa, as meninas do seu bairro, eles não falam as travestis do seu bairro, porque hoje existe toda uma cultura de valorização da outra pessoa, naquela época não tinha isso.

P: Nesse processo, acredito eu, tem sempre uma dor...

D: É não é mil maravilha né, claro é muito difícil. Você sai na rua, se arruma toda, se perfuma toda aí você tá lá na esquina passa uma viatura, te enfia dentro do camburão de qualquer jeito, você fica se sentindo um lixo! Você tá se sentindo bem e de repente você é um lixo. Eu lembro de uma mulher aqui da zona, que tinha casa e ela costumava falar pra mim que eu era o resto do esgoto da zona, brincando.

P: Porque você era travesti e as outras eram putas...

D: Era, então ela falava que eu era o resto do esgoto da zona! Falava brincando, mas aí você vê que até as brincadeiras eram preconceituosas, eram pra te humilhar, te diminuir." (Caderno de campo, 05/04/2006).

Caderno de campo. 05/04/2006).

Dizendo que somente o amor cura e que se sente impressionado com o despojamento de certas pessoas em favor do semelhante desvalido, o padre José Antonio

Trasferetti escreveu para a Revista de Cultura Vozes um artigo que dedica "ao travesti Denise e à Pastoral da Mulher Marginalizada por sua dedicação aos excluídos".

O travesti Denise que mora no Jardim Itatinga contou-me que a sua fé em Deus o tirou da sarjeta. Antes de se encontrar com Deus sentia-se desprezada, caído na rua, sem esperança. Hoje ele se sente gente, é uma presença de Deus para seus irmãos travestis. Oferece cursos de formação, leva-os ao médico, defende da polícia, ajuda a fazer suas compras, limpa suas chagas quando chegam machucados..." (1998, p. 145).

É interessante notar que, tanto na fala de Denise em sua entrevista ao pesquisador deste trabalho, quanto no texto impresso do padre Trasferetti, não há uma definição clara para o uso do artigo definido antes do substantivo "travesti" por parte dos dois. Num momento tratam "a" travesti, no feminino, e logo a seguir "o" travesti, no masculino, enfatizando a ambigüidade que reside nestes sujeitos, ou por não saber o seu lugar social.

Pesquisador - E quando a Igreja fala que nós somos pecadores, nós somos não sei o que, o papa não nos aceita de vez em quando tem toda essa discussão aí...

Denise - Mas aí a Bíblia fala que Deus perdoa setenta vezes sete. Então você tá nesse contexto de saber assim, que as pessoas dizem que o que você faz é pecado e em algum momento você se sente em pecado e lida diretamente com Deus, a Igreja deixa de ser sua referência e passa a ser Deus, porque até então eu tinha me afastado da missa, dos padres, das pessoas que diziam você tem que ser homem, você tem que ser macho, eu tinha me afastado dessas pessoas, parentes, amigos, família e a Igreja...

P - Então aí você se afasta da família, da Igreja e não sei mais quem e a Denise era um ser sozinho...

D - Não era sozinho porque eu já falei pra você que Deus era muito presente na minha vida...

P - Esse movimento, eu imagino, não é tranquilo pra quem passa por ele, e é esse movimento que eu quero entender...

D - Eu não me sentia sozinho, porque eu sempre tinha uma coisa de ser muito solidária com as pessoas. Então por conta disso, eu cuidava das outras travestis, sempre cuidava das pessoas à minha volta, e aí assim, quando a gente... se a gente tem esses valores que a religião traz pra gente, se entende verdadeiramente a proposta de Deus para a vida, jamais se sente sozinho, porque Deus está presente o tempo todo, eu nunca me senti sozinho, porque Deus sempre esteve muito presente na minha vida, por mais que eu sofra e por mais que as pessoas me rejeitem, eu sinto que Deus está do meu lado e que ele não me rejeita de jeito nenhum, porque Deus ele é minha própria vida.... Isso sou eu, não significa que toda travesti passa por isso...

P - Sim, mas quando você tem seus amigos, seus familiares, você tem isso em torno de você, você tem um conforto emocional, por mais que você leve umas porradas, uns tapas na cara, tem um colo pra você chegar e chorar... Então como é que é hoje pra Denise, quando você leva umas porradas, com quem você chora?

D - Como eu sempre tenho que ser forte por conta de quem está a minha volta, eu não tenho com quem chorar, essas pessoas pra desabafar...

P - Quer dizer que a Denise não tem fragilidades?

D - Não, eu sou frágil, tem coisas que me magoam, me destroem, hoje, apanhar da polícia, quando eu apanhava, doía mais porque eu não entendia, e hoje quando eu me lembro, não me dói tanto porque eu entendo, antes eu não pensava nessa questão do machismo, da exclusão. (Caderno de campo, 05/04/2006).

Sabemos que a prostituição é colocada como a única alternativa de trabalho por algumas travestis, e que o Jardim Itatinga é o seu espaço privilegiado. Procurei aqui traçar um perfil da travesti Denise. Ela é um sujeito complexo: um ser feminino num corpo masculino reconfigurado. Segundo sua fala, é constantemente confundida com uma mulher por causa de seus modos; não se diz cafetina, mas batiza as novas travestis que chegam até sua casa; também às vezes afirma que não sofreu violência policial, mas apenas assistiu pela janela as outras travestis apanhando. Contraditória: acolhe, protege, batiza e ensina jovens travestis a construírem seus corpos, seu gestual e muitas vezes a se vestir e maquiar, enfim, a viver principalmente, no mundo da prostituição (atividades típicas de uma cafetina de tempos remotos).

A partir da realização, em 2003, do projeto Cidadania na Pista, o qual comentei no capítulo 2, Denise se aproximou da militância na cidade e, em 13 de novembro desse ano, foi eleita Coordenadora de Travestis e Transexuais do grupo IDENTIDADE. Ela trabalha há muito tempo com Direitos Humanos, mas sobrevive a partir da prostituição, própria e/ou de outras meninas. Assim, quando falamos da constituição de um indivíduo, não podemos tratá-lo isoladamente, pois ele está mergulhado num todo social.

Isso também sugere que, se a realidade é fabricada como essência interna, essa própria interioridade é efeito e função de um discurso decididamente social e público, de regulação pública da fantasia pela política de superfície do corpo, do controle da fronteira do gênero que diferencia interno e externo e, assim, institui a "integridade" do sujeito. (BUTLER, 2003, p. 194).

Denise conheceu Adriana numa das primeiras casas em que morou no Jardim Itatinga, tornaram-se amigas, companheiras e confidentes. Após a morte de Xandinha Brasil, numa das ruas do Bosque dos Jequitibás em 2004, ela assumiu a administração da casa da Adriana que, nos dias em que estive por lá, abrigava em média dez meninas por dia. Esse número de moradoras é flutuante, pois as moradoras chegam, ficam uns dias e vão embora, de acordo com as possibilidades do mercado prostitutivo, quer dizer, elas vão para onde há maior possibilidade de lucro, ou são expulsas por algum problema causado.

Ao explicar sobre sua atuação, Denise me contou:

Denise - A minha ideologia é de acolher, recolher, valorizar, incentivar, estar aconselhando e tal, mas a da cafetina não é. Então aqui, por exemplo, eu tomando conta da casa, não dessa daqui porque aqui eu moro sozinha, umas [travestis] que vêm aqui são minhas colegas e amigas e tal. As meninas, eu estou incentivando e falando e tal, de repente aconteceu um problema que nem eu estou sabendo... a dona da casa sabe, ela liga e fala: Denise, manda a fulana embora. No dia anterior eu tava lá aconselhando, cuidando, passando a mão, alisando e no dia seguinte eu tenho que estar lá mandando embora: Olha a Adriana falou que você não pode continuar, que você fez isso e isso e ela não quer mais... E hoje tem aquela coisa da cafetina falar assim: vai embora da

cidade, não é só vai embora da minha casa, é ir embora da cidade, você não pode ficar mais na cidade, entendeu? (Caderno de campo, 05/04/2006).

No dia 3 de janeiro de 2007, a Coordenadoria de Travestis do IDENTIDADE realizou um Sarau. O evento contou com a apresentação artística de várias pessoas, travestis ou não. Num dado momento, a voz rascante de Elba Ramalho enche o espaço com a música *De volta pro aconchego* [Estou de volta pro meu aconchego/ Trazendo na mala bastante saudade/ Querendo/ Um sorriso sincero/ um abraço/ Para aliviar meu cansaço...]. Denise entra trajando um vestido vermelho florido, com a maquiagem borrada, mancando com um sapado de salto na mão e outro no pé, arrastando uma mala velha. Olha no rosto de cada um dos presentes na platéia. Abre a mala. Retira um maço de flores e as distribui entre os espectadores.

Tiago Duque, um dos militantes presentes fala ao meu ouvido:

Restam as flores, que já estão brotando.

Eu fico ali parado, pensando na força do ser humano em se refazer constantemente. Lembro-me então do lodo e do mangue, para onde se dirige o resto do esgoto da zona, ou melhor, o resto de toda a cidade. Local onde podem brotar as mais lindas flores.

**A travesti, o feminino, a violência e a resistência.
Ou, como o menino virou prostitua.**

Eu canto, aqui,
eu olho daqui,
eu ando aqui
eu vivo

Canto, aqui,
eu grito, aqui
eu sonho, aqui
eu morro
morro.
(...)

AQUI (ou Memórias do Cárcere)
José Paes de Lira / Clayton Barros
Emerson Calado / Nego Henrique / Rafa Almeida

As identidades são forjadas a partir das contradições sociais onde expressar o gênero feminino ou masculino implica estar no mundo em lugares e posições diferenciadas, pois ao homem e à mulher são atribuídas funções diferentes e atividades hierarquicamente valorizadas. É através da incorporação de valores, normas, regras, crenças, e na relação do sujeito com o momento histórico vivenciado, que a identidade é construída.

Para a edificação da arquitetura identitária, a primeira diferença se faz no momento do nascimento, quando o médico declara que o bebê é menino ou menina; aliás, hoje em dia, até muito antes, quando a mãe realiza o exame de ultra-sonografia e os pais saem da sala de exames com o CD de fotos da criança ainda na barriga da mãe. Assim, a identidade é atribuída discursivamente ao indivíduo a partir de seu sexo biológico e passa a ser assumida pelos próprios sujeitos como projeto de construção biográfica e comunitária, transformando-se num operador de criação e mudança de estilos de vida.

Com o passar do tempo, outras diferenças serão incorporadas por meio da relação do sujeitos com a cultura, com a sociedade, com familiares, com a escola, religião, etc. Sendo assim, o gênero acaba por orientar a vida dos sujeitos para além do sexo e impõe o masculino e o feminino na sua relação de produção socio-cultural.

Entretanto é por meio de um intenso e contínuo investimento sobre os sujeitos que as diferentes identidades masculinas e femininas se constituem. E elas tornam-se

visivelmente diferenciadas, reguladas, hierarquizadas e percebidas por todos os indivíduos.

Assim, ao falarmos sobre heteronormatividade, ou seja, as regras que normatizam a heterossexualidade como modo “correto” de estruturar o desejo, devemos ter em mente que ela não é somente a oposição hetero/homossexual, mas, antes, engloba todas as identidades, inclusive as dissidentes, incluindo também aquelas que se opõem à masculinidade e feminilidade.

Assim, com Cascais (2007) entendemos que:

Sem a institucionalização jurídica e a compulsão social, a relação heterossexual, monogâmica e conjugal se enfileiraria no varal de psicopatologias, perversões, anamorfoses e monstrosidades que alimentaram o imenso “gabinete de curiosidades” da *scientia sexualis* e o imaginário popular. Com elas, fica-se pelas simples e manejáveis disfuncionalidades que não beliscam a canonicidade do modelo: repare-se que nunca passa pela cabeça dos terapeutas clássicos “trabalhar” a heterossexualidade como “trabalham” terapeuticamente a homossexualidade [e eu diria todas as outras identidades sexuais]. Na verdade, é na pura relação que o modelo assimétrico que sustenta a heterossexualidade compulsiva se patenteia com maior dramatismo. A assimetria passa certamente pela diferenciação dos estatutos de gênero - homem-mulher-, mas de modo nenhum se resume a esta.

Foi a psicanálise que forneceu a argumentação da normalização e os contra-argumentos do construtivismo, sobretudo na medida em que se constituiu como alternativa simbólica ao biologismo psico-médico, de cujas premissas, por sua vez, comungaram as correntes essencialistas que criaram a necessidade política de definir identidades mais ou menos rígidas e que possibilitaram aos mais favorecidos a permutabilidade das suas diferentes identidades (social, profissional, familiar, sexual, etc.) e aos menos favorecidos, de se verem reduzidos à unidimensionalidade, isto é, compelidos a gerir suas vidas sobre um eixo único (social, profissional, familiar, sexual, etc.).

Como bem demonstrou Laquer (2001), após séculos de soberania do modelo de sexo único, onde a mulher era o arremedo do homem, foi apenas no século XIX que surgiu para as ciências a configuração de dois sexos, o masculino e o feminino. A partir daí buscou-se definir o que seria uma sexualidade sadia e normal, e os seus desvios.

Assim, o discurso médico-jurídico elevou-se à categoria de discurso verdadeiro sobre o sexo e sexualidade, impondo a heterossexualidade com uma forma sadia e natural para todos os indivíduos e reservando à homossexualidade e todas as outras formas dissidentes de sexualidade, o lugar das perversões, degenerescência ou retardamento mental.

Costa (1996, p. 71), em seu ensaio intitulado "O referente da identidade homossexual", ao considerar a construção cultural da identidade, nos diz que

Historicamente, junto com as históricas, o invertido vai ser o filho bastardo da mulher-mãe e do homem-pai e o irmão patológico dos trânsfugas e viciosos da nova ordem médica familiar: velhos senis e indecentes; solteiros dissipados; crianças masturbadoras; criminosos natos; sífilíticos irresponsáveis; prostitutas masculinizadas; alcoólicos; homicidas; loucos etc. A grande família dos degenerados instintivos estava fabricada e dela herdamos boa parte de nossas crenças sexuais civilizadas.

Por trás da supervalorização do masculino, e conseqüentemente do homem, está a inferiorização da mulher e de tudo que o feminino impõe, criando condições para a atitude machista que faz subordinar a mulher ao homem.

Por outro lado, a misoginia “naturaliza a inferioridade feminina, creditando-lhe incapacidade própria e utilizando-se de artifícios como hostilidade, agressão e submissão das mulheres a partir do uso da legitimidade do patriarcado, processo de invisibilização e inferiorização das mulheres, legitimando socialmente atitudes de hostilidade, agressão e submissão” (Oliveira, 2007).

Ao demonstrar sua força, o homem busca preservar os poderes que lhe foram atribuídos coletivamente através da história e da cultura. Mas é bom lembrar que as identidades masculinas e femininas são efeitos de uma ordem discursiva normativa, tanto produtiva como produto do poder disciplinar, onde, para ser um homem verdadeiro, há que se combater todos os aspectos e tudo que poderia fazê-lo ser associado à mulher.

Machismo e misoginia se completam e potencializam-se para criar condições sociais de subordinação das mulheres aos homens, tornando-as invisíveis, simbólica e imaginariamente. Outra face do machismo é a homofobia, que considera a heterossexualidade como padrão da conduta sexual humana, portanto superior e positiva, e a homossexualidade como inferior, negativa, anti-natural. Neste contexto, as atitudes hostis e violentas contra todos os indivíduos que cruzam as fronteiras dos gêneros são expressões desta forma de sexismo, que, potencializado com o machismo, misoginia e homofobia, legitimam, justificam e tornam inquestionável a sua prática.

Para Cascais (2007), *a homofobia [é] a discriminação contra as pessoas que mostram, ou a quem se atribui, algumas qualidades (ou defeitos) atribuídos ao outro gênero. [Assim, a] homofobia engessa as fronteiras do gênero.* Dentro desta visão reducionista, os homossexuais são todos os homens que não manifestam sinais exteriores de masculinidade, ou que apresentam sinais visíveis de feminilidade: roupas, adereços, cabelos, jeito corporal.

Cascais ressalta que, para incorporar o gênero masculino, o menino tem que:

(...) aprender a respeitar os códigos, os ritos que se tornam então operadores hierárquicos. Integrar códigos e ritos, que no esporte são as regras, obriga a integrar corporalmente (incorporar) os não-ditos. Um desses não-ditos, que alguns anos mais tarde relatam os rapazes já tornados homens, é que essa aprendizagem se faz no sofrimento. Sofrimentos psíquicos de não conseguir jogar tão bem quanto os outros. Sofrimentos dos corpos que devem endurecer para poder jogar corretamente. Os pés, as mãos, os músculos... se formam, se modelam, se rigidificam por uma espécie de jogo sado-masoquista com a dor. O pequeno homem deve aprender a aceitar o sofrimento sem dizer uma palavra e sem "amaldiçoar" para integrar o círculo restrito dos homens. Nesses grupos monossexuados se incorporam gestos, movimentos, reações masculinas, todo o capital de atitudes que contribuirão para se tornar um homem. (2007).

É através dos jogos sociais, e na dinâmica de sua interação com outros atores como pai, mãe, colegas, professores, vizinhos, parentes, etc., que o menino aprende que ser homem é ser diferente da mulher e, sendo diferente, a desejá-la. Em outras palavras, que é necessário desvincular-se do modelo feminino em si. Assim a mulher torna-se o centro da rejeição, transforma-se num inimigo interior que deve ser combatido sob pena de, ao ser associado a uma *mulherzinha*, ser mal tratado. Portanto o menino assimila que há uma necessidade masculina interior de se distinguir dos fracos, das mulherzinhas e dos "veados", ou seja, daqueles que são considerados como não-homens. E assim também vai aprendendo a desejar o não homem, o feminino. Em outras palavras, ele subjetiva que desejar sexualmente o feminino é o correto, mas que deve rejeitá-lo em seu próprio corpo.

Historicamente, a mulher foi considerada um homem imperfeito e seu corpo foi rejeitado, enquanto ao corpo masculino foi conferido o status de perfeição. Antagonizando o feminino e o masculino, as estruturas sociais provocaram desigualdades entre as condições de vida do homem e da mulher; conseqüentemente, terminaram por estigmatizar os não-homens, em outras palavras, os homossexuais e mais especificamente as travestis, que incorporam e exibem publicamente um corpo híbrido, onde masculino e feminino se mesclam.

E assim, a "monstruosidade" antes representada pelo corpo feminino, hoje se encarna na figura das travestis e transexuais, que assustam e incomodam as bases conceituais que definem o que é ser homem e/ou mulher, gerando desde a patologização científica até a agressão social cotidiana e rotineira que muitos desses sujeitos vivenciam, exemplificada no seguinte relato:

P - E o que aconteceu com você ontem?

Eliane - To até passada!

P: - Antes eu quero saber onde você trabalha, onde?

Eliane - Eu trabalho aqui [no Itatinga] e no centro [Aquidabã].

(cachorro latindo alto, dificultando o entendimento das falas)

P - E o que aconteceu ontem?

E - Um rapaz passou aqui e me chamou pra fazer um programa. E na hora em que eu fui fazer o programa ali (na rua da Neca²⁷) com ele, ele me deu uma pedrada. Uma tijolada.

P - Como é que é?

E - Eu to acostumada já a fazer programa com ele.

P - E porque ele te deu uma pedrada?

E - Não sei.

P - Você não fez nada pra ele?

E - Nada.

P - Foi de graça então? E você foi estuprada?

E - Eu não sei. Aí eu acordei com as bichas [as travestis da casa da Adriana] me acordando.

P - Em que hora foi isso?

E - Ah! Eu não sei, foi nesse horário assim mais ou menos.

P - Foi... vinte para as sete, seis e meia, vinte para as sete?

E - Denise, eu cheguei na sua casa em que hora ontem?

Denise - Ah, minha filha, era umas...

E - Umas oito horas?

D - Não, era antes das oito horas, umas sete e meia.

P - Você ficou desacordada?

D - Ele bateu também na sua perna. Como é que foi?

E - Eu levei uma porrada aqui [nas nádegas], onde tem silicone e dói. Virou um caroço.

D - Ela chegou lá em casa com a cabeça toda suja de sangue. Aí eu tive que olhar pra ver se não tinha algum corte muito grande que precisasse levar ponto. Não tinha. Aí eu falei assim: põe uma gaze, é só uma escoriação, mas uma gaze desse tamanho. Falei toma um banho, lava a cabeça porque vai ficar fedido se você não lavar o cabelo vai ficar duro. Aí ela veio, tomou banho, lavou o cabelo. E foi aí ... e aí to falando pra ela que precisa tomar cuidado. Quando uma desce (ir para a rua da Neca ou na rua do Cu²⁸, ruas escuras e com matagal alto, fazer programas) ir outra junto. Ficar por perto, porque a agente tem que se proteger, porque a vida da gente é assim mesmo. Você vê, passou um moço agora ali. O moço era um pouco saliente [gostoso, ele não havia mexido com ninguém], chamou a atenção de todos aqui. Inclusive a minha atenção, né? Ele passou, ficou olhando pra nós e foi embora. Mas se ele tivesse dado confiança, uma de nós ia levantar pra ir conversar com ele. Ele não parece que tem posses para ir num quarto, para pagar um programa completo. Se ele tiver, mal e má o dinheiro dá pra fazer um programinha baratinho ainda! Porque ele é um pedestre, e um pedestre aí que está passando. Vê, teria que ir onde? Assim, aqui atrás do muro, ali debaixo daquela árvore, ali atrás daquela casa ali, nessa construção que tem ali. Mas aí sim, a gente precisa tomar cuidado, se prevenir. Eu não vou não, não vou pela vasta experiência que eu tenho. Eu fiquei traumatizada com todas as histórias que eu já ouvi daqui. Hoje mesmo, sempre essas coisas mexem comigo.

(todas falam ao mesmo tempo)

P - Mas você conhece o cara?

E - Ele não sai daqui.

D - É difícil identificar um agressor, né? Como é que se identifica um cara desses, que está acostumado a fazer programa? Dá uma loucura na cabeça dele na hora, é revolta porque outra xingou... Pode ser também, né? Porque vai saber

...

²⁷ - Rua da Neca, rua sem asfalto, com alguns imóveis abandonados cercados por um matagal, onde as travestis do Itatinga ficam expondo seus órgãos sexuais, se masturbando. Por ali passam muitos homens de carros, alguns luxuosos. Os programas costumam acontecer ali mesmo, dentro dos carros, no matagal ou nos imóveis abandonados. (Lembrando que neca no dialeto bajubá significa pênis).

²⁸ - Rua do Cu, rua sem asfalto, sem imóveis, limítrofe entre o bairro e um matagal, perpendicular à rua da Neca, onde quem não tem dinheiro para pagar por um programa, vai para fazer vício, ou seja, sexo gratuito, em geral são gays a procura de sexo anal como passivos.

P - Aí você tem que fazer a denúncia no CR (CRGLTTB), ir na delegacia fazer um BO.

E - Não sei se vou fazer não. Deus sabe o que faz.

P - Bom o que eu posso fazer é registrar este caso em nossas estatísticas de violência (do CRGLLT). Mais eu não consigo fazer. Mas vocês precisam tomar cuidado aqui.

E - A violência com travesti é muito... em São Paulo morre travesti minuto em minuto. (Caderno de campo, 12/08/2006).

Durante o período em que me dediquei a esse estudo, entre 2004 e 2007, houve na cidade de Campinas três assassinatos de travestis: Shaiane, travesti que aos 16 anos de idade foi morta com facadas no abdômen e Xandinha Brasil a tiros numa emboscada, comentados no primeiro capítulo; Claudete Troiano foi assassinada a pauladas com esfacelamento do crânio, e seu corpo foi encontrado num matagal, ao lado da rua do Cu, no Jardim Itatinga. No caso de Shaiane e Claudete, outras travestis descreveram os assassinos para os investigadores, porém, assim como no caso de Xandinha, os inquéritos continuam insolúveis. Houve ainda dois casos de desaparecimentos, uma delas encontrada depois, morando na casa de uma cafetina em Santo André e outra que continua desaparecida desde março de 2007.

Vale ressaltar que esses casos são conhecidos oficialmente. Extra-oficialmente nos são relatados casos de mortes provocadas por aplicação clandestina de silicone líquido, onde os corpos ou desaparecem ou são deixados próximos ao Hospital Municipal Dr. Mário Gatti e dos quais não possuímos dados sistematizados, assim como de outros que acontecem tanto na periferia quanto nas rodovias que cruzam a cidade.

Através dos relatos dos sujeitos participantes de meu estudo, pude observar que a travesti constrói seu corpo e sua vida, portanto sua subjetividade, do lado de fora das relações sociais da cultura tradicional: na borda que circunscreve a norma como o centro da vida social, onde os desviantes e transgressores, segundo Louro (2004, p. 16), “se tornarão, então, alvos preferenciais das pedagogias corretivas e das ações de recuperação ou de punição. Para eles e para elas a sociedade reservará penalidades, sanções, reformas e exclusões.”

Em *História da sexualidade II: usos dos prazeres*, Foucault nos diz que, entre a regra e a conduta, há aquilo que ele chamou de subjetivação, os modos de conduzir-se, isto é, as maneiras pelas quais a pessoa se transforma em sujeito de uma conduta moral. Já em *Ditos e escritos V* (2006, p. 211) ele nos alerta:

Ocorre que essas regras e valores sejam bem explicitamente formulados em uma doutrina coerente e um ensinamento explícito. Mas ocorre também que sejam transmitidos de maneira difusa e que, longe de formarem um conjunto sistemático, constituam um jogo complexo de elementos que se compensem, se corrijam, se anulem em certos pontos, permitindo, dessa forma, compromissos

ou escapatórias. Feitas essas ressalvas, pode-se chamar esse conjunto prescritivo de "código moral". Porém, entende-se também por "moral" o comportamento real dos indivíduos em sua relação com as regras e valores que lhe são propostos: designa-se, assim, a maneira pela qual eles se submetem mais ou menos completamente a um princípio de conduta, pela qual obedecem ou resistem a uma interdição ou a uma prescrição, pela qual respeitam ou negligenciam um conjunto de valores; o estudo desse aspecto da moral deve determinar de que modo, e com que margem de variação ou de transgressão os indivíduos ou grupos se conduzem em referência a um sistema prescritivo, que é explícita ou implicitamente dado em sua cultura, e do qual eles têm consciência mais menos clara. Chamemos esse nível de fenômenos de "moralidade dos comportamentos".

Em *História da sexualidade I: a vontade de saber*, Foucault analisa o que denominou *scientia sexualis*, ou seja, a ciência do sexo, que pretendia lançar luz neste aspecto do ser humano. Para o autor, foi a partir dos séculos XVI e XVII que na sociedade ocidental se multiplicaram os discursos sobre o sexo e que, ao estudar, nomear e definir sua anatomia, funções e regulamentações acabou por ocultá-lo. Então, todo este aparato discursivo teve como foco produzir verdades sobre o sexo. Foi no século XIX, que o discurso médico, numa pretensa neutralidade científica, produziu inúmeros "discursos verdadeiros" atrelando as relações e comportamentos sexuais ao "normal" e "patológico", ligando-o à biologia e as práticas reprodutivas.

Segundo o autor, foi no Ocidente que se configurou a *scientia sexualis*, onde a tecnologia da confissão religiosa foi fundamental para a produção de um *know-how* de saberes sobre o sexo. Foi assim que os ocidentais foram levados a confessar tudo, a expor seus prazeres como uma obrigação internalizada. A técnica da confissão estabelece uma relação de poder onde aquele que confessa se expõe, produz um discurso sobre si, enquanto aquele que ouve, interpreta, redime, condena, domina e produz discursos científicos elevados à categoria de discursos verdadeiros sobre a sexualidade.

A partir da *scientia sexualis*, o desejo sexual do homem pelas mulheres e vice-versa se impôs como forma natural de sexualidade. Jogos sexuais, prazeres e desejos associados à reprodução humana se transformaram no paradigma heterossexual e servindo de linha de conduta para homens e mulheres, dando origem ao heterossexismo que, para Welzer-Lang (2007), é:

a discriminação e a opressão baseadas em uma distinção feita a propósito da orientação sexual. O heterossexismo é a promoção incessante, pelas instituições e/ou indivíduos, da superioridade da heterossexualidade e da subordinação simulada da homossexualidade. O heterossexismo toma como dado que todo mundo é heterossexual. [...] Toda forma reivindicada de sexualidade que se distingue da heterossexualidade é desvalorizada e considerada como diferente da doxa de sexo que se impõe como modelo único. O mesmo acontece com a bissexualidade, as sexualidades transexuais, etc.

Para Foucault a *scientia sexualis* opõe-se culturalmente à *ars erotica* (arte erótica) que certas civilizações orientais, como a China e a Índia, consagram à sexualidade, definida como enigma e assunto passível de um processo de iniciação e aprendizado. A *scientia sexualis* ocidental procura definir um parâmetro de normalidade dentro do qual opera, incluindo o que é aceitável e excluindo o inaceitável neste campo. Mas para excluir é preciso estudar, conhecer e perscrutar ao extremo aquilo que vai ser excluído. E neste jogo de inclusão/exclusão, mais que reprimir, impedir ou censurar, há um incitamento e compulsão a se falar e a fazer sexo. Num primeiro momento, a *scientia sexualis* normatiza e disciplina as práticas sexuais. Num segundo, ela se serve da *ars erotica* para modelar as práticas sexuais sobre as quais são construídas as identidades sexuais humanas.

Analisando os efeitos da elaboração científica sobre os processos de exclusão, Foucault comenta a formação de um certo tipo de saber sobre o sexo, não em termos de repressão ou de lei, mas em termos de poder:

É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. Da mesma forma, o silêncio e o segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições; mas, também, afrouxam seus laços e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras. [Assim] possibilitou a constituição de um discurso “de reação”: a homossexualidade pôs-se a falar por si mesma, a reivindicar sua legitimidade ou sua “naturalidade” e muitas vezes dentro do vocabulário e com as categorias pelas quais era desqualificada do ponto de vista médico. (FOUCAULT, 1988, p.17)

Assim, transformar nossos paradigmas críticos ou, no mínimo, aceitar princípios não heteronormativos, nos instrumentaliza a desconstruir as referências uniformes sobre homens, mulheres, gays, lésbicas e travestis. E a melhor alternativa para isso é a escuta do que esses homens e mulheres que hoje vivem encenam ou sugerem outros tipos de sexualidades e de gêneros têm a nos dizer:

Denise – Pra um menino cortejar um homem não é fácil, mas se ele tiver uma aparência feminina isso facilita, então talvez seja esse o processo, as travestis não chegaram aqui [no Jardim Itatinga] femininas, não chegaram aqui de peito, nenhum rapaz cresce aprendendo a ser mulher, o máximo que a mãe faz, se ela não tiver uma empregada, é ensiná-lo a cozinhar, a fazer o serviço de casa, porque ele tem mais jeito e tal... Então, todos os adolescentes que são travestis, eles vão chegar daquele jeito mesmo [apontando um garoto], igual àquele, não vão chegar de cabelo grande...

Pesquisador – As meninas [ou meninos] que chegam aqui e que ainda não fizeram a transformação corporal, entendem, ou sabem a diferença entre ser travesti e ser transexual?

D – Hoje, eles chegam pra transformar, a S. tem 15 anos...

P – Mas com essa idade a identidade já está construída? Ela sabe se ela é travesti ou transexual?

D – Não.

(Caderno de campo 05/04/2006).

A despeito de todo o aparato social colocado à disposição da realização do projeto identitário heterossexista, as identidades transgressoras estão aí nos fazendo reconhecer que o modelo ideal dos gêneros não se realiza completamente na experiência humana, pois a travesti enquanto identidade de gênero e projeto biográfico se contrapõe ao modelo padrão de sexualidade. As travestis são os sujeitos sociais depositários da capacidade humana de recambiar, alterar, recriar e produzir suas identidades resistindo a toda sorte de interdições, humilhações, discriminações e violências, constituindo-se a partir de uma ética outra:

Ingrid - Aí eu vi aquilo, aí eu falei: o que que é aquilo? É mulher, é homem, o que é aquilo? Até então... eu nunca tinha visto de perto uma travesti, só pela televisão, mas eu achava que aquilo era montagem, sei lá o que que era...Aí eu vi já com os peitos de fora, balançando... quadrilzão, corpo de mulher, mas eu sabia que era um homem...Nossa!

P - Porque você sabia que era um homem?

I - Porque uma mulher não ia andar daquele jeito que ele estava andando... Roupa muito curtinha, os peitos... muito bonita, usando umas roupas muito finas... Eu tinha 18 anos e era a primeira vez que eu via de pertinho.

(...)

(Outra travesti) - Lá em casa eu arrumava a camiseta na cabeça, criança assim, camiseta preta e jogava assim... [como se fosse cabelo].

I - A minha irmã fala melhor da minha infância do que eu... ela me conta que eu brincava de boneca, sempre me sentia mulher, mas aquilo era coisa de criança... Pra mim, pra minha mãe, pro meu pai... Tudo era, tudo era coisa de criança. Minha família nunca teve nenhum tipo de preconceito... Então a minha mãe falava assim: ah! Vai ser estilista, cabeleireiro. Eu brincava de boneca e minha mãe achava... Fazia roupinha de boneca e ela achava que eu ia ser cabeleireiro, estilista.

P - Mas aí com 18 anos, você encontra uma travesti...

I - Eu perguntei, como é que você fez pra ficar assim, né? ...Pensei que ela não ia dar resposta... Aí ela foi bem bacana, aí ela falou assim que tomou hormônio, aquilo outro. Aí eu falei: que hormônio que você toma? Eu tomo... Perlutã²⁹. Como é que é? Perlutã, não sei o quê? Aí tinha um cara, tinha um cara lá na minha cidade que eu queria ficar com ele e ele nunca me deu moral.

(...)

I - Aí tinha esse rapaz que eu queria ficar com ele, mas ele nunca me deu moral. Ele falava assim: se ele fosse ficar com gay ele nunca ia ficar comigo.

(Todas falam ao mesmo tempo).

I - Se ele fosse ficar como gay, ele ia ficar com outro tipo de gay. Ele ficaria com um gay que lembrasse uma mulher, entendeu?

(Caderno de Campo, 12/08/2006).

Apesar de a heteronormatividade impor a homens e mulheres o comportamento sexual heterossexuado, na prática o desejo é fluido e não se deixa capturar por nenhuma regra. Embora haja uma compulsão para se manter dentro do jogo social - o garoto diz não sair com indivíduos masculinos com trejeitos femininos representado pelo gay afeminado -

²⁹ - Perlutã, anticoncepcional feminino, muito utilizado pelas travestis para feminilizar o corpo, aumentar os seios e arredondar as formas corporais.

seu desejo se desloca para figuras masculinas que incorporam e exibem publicamente o feminino em seus corpos, no caso com a travesti.

Uma das consequências da cultura heteronormativa é o sofrimento psíquico que muitos jovens sentem diante de seus desejos e o peso da expectativa social sobre eles. Drama este exemplificado pelo relato abaixo:

Pesquisador - E como é que foi este processo, como é que você se transformou numa travesti?

Ingrid - Eu me descobri travesti (...) eu estava numa complicação comigo mesmo, assim, pra saber quem que era eu... Quem é [sou] eu?

P – Por quê?

I - Porque eu não sabia quem que eu era, eu gostava de homem, mas não queria gostar de homem...

(...) lá onde eu morava não tinha travesti, tinha gay. Aí eu falava, eu não quero ser aquilo... A gente via as pessoas falando... passava na rua, o povo xingava, aquele preconceito bobo. Aí eu falava: eu não quero ser aquilo. Porque eu sempre cresci vendo aquilo, xingando, sendo xingado e tudo o mais... ai... eu não quero ser assim, eu não sou assim, eu não sou aquilo ...

(Caderno de campo, 12/08/2006).

Os procedimentos pedagógicos vão normatizando os indivíduos e visam à emergência de sujeitos sociais saudáveis, no entanto a inadequação do menino efeminado causa-lhe grande angústia por não corresponder às expectativas depositadas sobre ele. Humilhado, busca outra saída, outra possibilidade para seu sofrimento interior. Seu desejo erótico volta-se para o corpo masculino, quando seu objeto de desejo deveria ser o feminino. Dúvidas e receios o levam a novos caminhos, e sua curiosidade, à nova possibilidade colocada diante de seus olhos, marcada pelo signo do encantamento e exuberância: tornar-se travesti.

Para qualquer sujeito, a adolescência é um período de expectativas e incertezas. Para um menino cujo desejo sexual e corporal aponta para esferas além do permitido socialmente, esta fase da vida se transforma num processo violento e angustiante. Sendo que é no corpo que se dá a relação mais próxima que o sujeito pode ter consigo mesmo, a sociedade permanentemente vai buscar regular-lhe o funcionamento, ditando normas e disciplinando desejos, prazeres e paixões.

As travestis vêm tornar visível o embaralhamento e a desordem que reinam sob o manto da masculinidade, pois elas também não se encaixam na identidade homossexual tradicional, suporte de todas as identidades classificadas como *não-homens*. Mesmo assim, ainda persiste para a grande maioria das pessoas a crença sobre a naturalidade da heterossexualidade.

A posição social hierárquica entre masculino e feminino é reforçada inclusive pela misoginia de alguns homens homossexuais contra as travestis, reproduzindo e reforçando o jogo ou desprezo sobre os estereótipos da feminilidade.

Assim, em se tratando das travestis, machismo e misoginia mesclam-se e potencializam-se, haja vista o grau da ferocidade das agressões a elas dirigidas e a impunidade com que seus agressores, principalmente os policiais civis, são agraciados, como bem exemplifica o depoimento abaixo:

Josiane - Aí você ia trabalhar na rua e os alibãs³⁰ te pegava e levava pro Pico das Cabras³¹, te largava lá sem roupa e mandava você rolar no chão, jogava no barranco lá de cima e você tinha que desbarrancar rolando, até lá embaixo e, aí de você se não corresse! Eles metiam bala! Quantas e quantas vezes eu e (...) [cita outros nomes] as bichas [as travestis] chegavam 8 horas da manhã em casa sem nada porque eles largavam a gente peladinha na rua. Eles não queriam nem saber, o dinheiro que a gente tinha na bolsa eles levavam tudo, parava nas lanchonetes, comiam lanches com o próprio dinheiro da gente, parava em tudo que era lugar e tomava refrigerante, enchia o tanque da viatura, tudo com nosso dinheiro. O dinheiro que a gente fazia na noite, podia esquecer, cada esquina que eles passavam, eles jogavam um pente, um batom, a camisinha e ia jogando, iam destruindo sua bolsa, sapato num canto, roupa no outro. Enquanto eles não te viam pelada, não te zoavam o máximo, te largavam pelada, eles não iam embora. Levava lá no canavial, lá em Sousas. Quantas vezes atravessei aquela [rodovia] D. Pedro! Até pra vir embora era terrível. Naquela época, as bichas também eram podres, se você fosse na rua e a polícia viesse pra te bater e você não enfrentasse a polícia, depois as bichas te batiam, você tinha que se atracar com a polícia. Eu quebrei todos os dentes, três dentes meus foram implantados por briga com a polícia, levei tiro nas costas, levei um na barriga, tirei um rim, tudo rolo com a polícia, tiroteio. (Caderno de campo, 05/05/2006).

Os discursos médico e jurídico colocam as travestis como sujeitos doentes e anormais e, assim, *autorizam* o seu desmonte pela ordem policial. Movidos por esta *autorização social* a polícia civil realiza de vez em quando uma faxina, retirando das ruas esses monstros, levando-os para locais ermos e distantes do centro da cidade. E ali desmontam-nas, retiram violentamente dos corpos masculinos todos os signos que os feminizam: pentes, batom, bolsa, peruca, sapatos e roupas. Se a travesti é o feminino performático, seu corpo nu, sem os signos que caracterizam o feminino, continua a ser um corpo travestido? E quem o porta, ainda é uma travesti? Sendo assim, onde reside a identidade travesti? No seu corpo físico? No peito siliconado? No pênis aqüendado³²? Ou nos adereços?

O que justifica a cão policial com tamanha virulência é o machismo que nos obriga a olhar para corpo biológico masculino como sendo um corpo naturalmente

³⁰ - Alibã - policial em bajubá.

³¹ - Em Sousas, distrito da cidade de Campinas, área rural.

³² - Aqüendar em bajubá significa esconder.

superior ao da mulher. Assim, esses guardiões da ordem social castigam a travesti para que ela entenda que é homem e que, portanto, não pode ser feminina, nem utilizar os adereços e símbolos do feminino em seu corpo masculino.

A falsa superioridade do homem sobre a mulher deu origem à dominação masculina, ao sexismo, que exclui, discrimina e limita a participação dos sujeitos em função de seu sexo, gênero e identidade sexual. Esta dominação se exerce na esfera privada e pública e confere aos homens (ou aos tipos mais masculinizados tidos como heterossexuais) privilégios materiais, culturais e simbólicos.

Para esta cultura heteronormativa a vida da travesti e o seu entorno encontram-se na ilegalidade jurídica: prostituição, cafetinagem, drogradição e alteração do corpo masculino em desacordo com a ética médica (aplicação de silicone líquido industrial não indicado para uso humano, ingestão de hormônios femininos, etc.). Desta maneira, as travestis vivenciam cotidianamente formas variadas de constrangimentos e violências, pois não são protegidas pela legislação vigente. E principalmente porque violam as expectativas tradicionais de masculinidade, estão sujeitas às formas mais violentas de discriminação entre os sujeitos inseridos nas chamadas "minorias sexuais".

Sejam quais forem as violências sofridas, elas estão intimamente ligadas ao lugar social em que se encontram os sujeitos envolvidos nas situações concretas. Por esta razão, é bom lembrar que a violência dirigida às travestis tem agressores difusos e são vivenciadas em situações também relativamente obscuras, sendo suas motivações e causas difíceis de serem apontadas.

Levando-se em conta que no Brasil de hoje encontramos um vasto conjunto de desigualdades sociais, e que a esses fatores somam-se inúmeros outros agravantes, como a baixa incorporação de valores de cidadania e a falta quase que absoluta de mecanismos de proteção social, podemos começar a entender os números apontados pela pesquisa Sexualidade, Cidadania e Homofobia, realizada durante a 10ª Parada do Orgulho GLBT de São Paulo em 2006, na qual 10% dos entrevistados encontram-se na categoria trans, que, na análise estatística da pesquisa, abrange travestis e transexuais³³, da qual extraímos os dados a seguir:

³³ - Transexuais - Berenice Bento ao discorrer sobre o transexual "oficial", nos diz que ele se baseia na produção de um saber específico que o separa das travestis e dos gays, mas que ele (ou ela) tem certeza de estar num corpo equivocado, sendo a cirurgia transgenitalizadora a única possibilidade para encontrar um lugar e um sentido identitário. A(o) transexual possui um arcabouço psicológico de um gênero e o órgão sexual do outro gênero.

Recorte sobre os dados referentes às trans (travestis e transexuais)	
Educação	
25 %	Possuem até o ensino fundamental
10 %	Possuem nível superior
Atividade Econômica	
15 %	Assalariadas com carteira assinada
20 %	Trabalham por conta própria
10 %	Empregadas
05 %	Trabalham por conta própria temporariamente
30 %	Assalariadas sem carteira assinada
15 %	Outros
05 %	Funcionárias públicas
Renda	
20 %	Não tem renda
10 %	Recebem até R\$ 350,00 (01 Salário Mínimo)
15 %	Recebem entre R\$ 351,00 e R\$ 700,00 (Entre 01 e 02 Salários Mínimos)
Discriminação	
50 %	Foram discriminadas no ambiente escolar
45 %	Foram discriminadas pela família
55 %	Foram discriminadas por amigos e/ou vizinhos
30 %	Foram discriminadas no ambiente religioso
50 %	Foram discriminadas pela polícia
60 %	Foram discriminadas no comércio e/ou lazer
60 %	Foram discriminadas no ambiente de trabalho
50 %	Foram discriminadas nos serviços de saúde
30 %	Sofreram violência sexual
85 %	Sofreram agressão verbal e/ou ameaças
60 %	Sofreram agressão física

Podemos observar pelos dados da pesquisa apresentados acima, a total inclusão das travestis na categoria dos despossuídos e vítimas do que se convencionou chamar de violência estrutural, que é aquela que se origina nas estruturas sociais e econômicas desiguais e injustas e se reproduz através delas. Os dados apontados pela pesquisa evidenciam as diferentes formas de discriminação e preconceito destinados à travesti, pois a violência estrutural se enraíza nas relações sociais, de classe, gênero e raça, que em última análise são estruturantes da nossa sociedade.

Ao considerar que a violência praticada contra as travestis é uma violência de gênero, e é tão estrutural quanto a violência racial e de classe, teremos que enfrentá-la como uma questão política, pois sempre aumenta e nunca diminui, como se fosse uma espécie de fenômeno fora do alcance da ação e dos interesses da sociedade e dos governos. Porém quando se trata das formas mais graves de violência, como é o caso dos homicídios, as vítimas e os contextos de ocorrência desses crimes adquirem um perfil menos difuso e mais homogêneo: morrem desta maneira os sujeitos pobres, negros e jovens residentes nas

periferias de grandes cidades brasileiras em áreas onde são precárias as condições de vida e o acesso a direitos. Se lembrarmos dos assassinatos de Shaiane, Xandinha Brasil e Claudete Troiano e a impunidade de seus assassinos, ou das agressões sofridas cotidianamente pelas travestis e o total desamparo desses sujeitos, entendemos sua descrença e desconfianças para com as forças policiais e o motivo pelo qual resolvem suas querelas com as próprias mãos.

Esta situação de vida propicia experiências que, segundo Peres (2004, p. 116):

(...) quer sejam simbólicas ou reais, promovem a perda de consciência sobre os direitos e deveres das pessoas, considerando que as mesmas são experimentadas nos planos físicos, psicológicos e morais, provocando sofrimento e impotência frente aos acontecimentos. Impotências que muitas vezes levam as pessoas a acreditarem que a única forma de revidação é a própria violência, tal como as máximas ultrapassadas do "dente por dente, olho por olho".

Muitas vezes abandonada à própria sorte a travesti é vista apenas como mercadoria. Um corpo exuberante que se mercantiliza nas esquinas da cidade, no mercado prostitutivo. Um produto a se revestir de lucro para as cafetinas. Um mero objeto de prazer para os clientes e escárnio para o restante da população. Socialmente, a travesti se apresenta como um sujeito desfilado, que no dizer de Saffioti (2004, p. 12) é aquele sujeito cuja experiência de vida,

consiste numa série de fatos sucessivos: desemprego, impossibilidade de pagar o aluguel, perda da moradia e, portanto, do endereço, perda dos colegas e dos amigos, esfacelamento da família, cortes crescentes dos laços sociais, cortes estes responsáveis pelo isolamento do cidadão. Enfim, de perda em perda, o desfilado encontra-se no não lugar, talvez no vazio mais doloroso para um ser humano, que, como já dizia Aristóteles no IV século a.C., é um ser político.

E como se não bastasse resistir à ferocidade policial, a violência estrutural e as atitudes agressivas de transeuntes e moradores, ainda há a brutalidade praticada por seus pares: outras travestis.

Denise - (...) Mas naquela época, por exemplo, as travestis que eram usuárias de drogas, elas esperavam [no largo São Benedito] aquelas que não usavam drogas trabalhar e quando dava um certo horário que elas já tinham ganhado dinheiro, elas iam lá e roubavam as bichas [travestis].

Pesquisador - Mas isso era quando, 80?

D - 88, 89.

(...)

P - Elas [as travestis] chegavam ali a que horas?

D - Ah, elas chegavam cedo, por volta de 7, 8 horas e ficavam ali bebendo, depois que elas iam [trabalhar]...

P - Às 7 horas da noite?

D - É, só que quem bancava essas bebidas eram as travestis mais novas, as que não usavam drogas...[risos]... Porque as que usavam drogas intimavam as que não usavam a ir lá bancar a bebida. Elas falavam "paga o otim"³⁴, mona³⁵. A

³⁴ - Otím - bebida alcoólica em bajubá.

bicha [travesti] tinha que subir e pagar, porque se ela não pagasse aquele dia, ela pagava todos os pecados dela. Naquela época as travestis tomavam muito aquele xarope que com bebida altera o comportamento, elas tomavam muito aquilo, aqueles comprimidos...

P - Isso é xarope de tosse?

D - É elas tomavam muito isso naquela época, viviam colocadas³⁶.

P - E assim, você nunca foi... você disse que nunca sofreu esse tipo de represália?

D - Por conta das outras travestis não, mas naquela época passava muito carro cheio de homem e xingava a gente, jogava pedra, jogava xixi na gente, mijavam numa garrafa, numa coisa e passava, jogava na gente, então naquela época tinha muito isso. (Caderno de campo, 05/04/2006).

A violência é uma característica do mundo social em que a travesti está inserida. Na declaração acima ela assume formas ritualísticas, onde as travestis (estabelecidas) mais velhas (não em idade, mas em atividade prostitucional) submetem as recém-chegadas (outsiders) a um ritual de iniciação na prostituição. Resistir a todas estas investidas, vindas de todas as direções faz parte de seu processo de subjetivação. É assim que o mundo a trata, é assim que ela aprende a tratar o mundo e todos que a cercam. Desta forma, as violências passam a ser estruturantes de sua personalidade.

Para Foucault, a subjetivação está centrada nos modos como a pessoa se torna um sujeito, e um sujeito de uma conduta moral. Como ele se conduz, ou melhor, como ele se constitui enquanto sujeito moral. De acordo com estas premissas, as travestis também são sujeitos morais, a constituírem-se cotidianamente em suas relações com o seu entorno, como na declaração abaixo:

P - Por que que aqui [Itatinga, casa da Adriana] é diferente?

Kelly - Porque aqui é zona, todo mundo conhece todo mundo. É como eu digo, fez uma vez faz sempre. (...) O único roubo que eu faço e que não é sério... Eu não considero roubo. Ontem eu ganhei um dinheiro assim. Eu tava aí na esquina ontem à tarde, aí o cara parou pra mim e falou assim, quanto é o programa? O programa é R\$ 30,00. Pode ser na sua casa? Onde eu moro não pode [Adriana não admite fazer programas em sua casa, ali as meninas moram, dormem e fazem suas refeições apenas], mas tem um quartinho ali que é R\$ 5,00. Ou se quiser eu entro no carro e a gente vai até ali e eu faço um programa com você. Ah! Mas R\$ 30,00 é muito caro. Tá bom, eu faço R\$ 25,00 pra você. Eu vou até ali e você desce andando, chegando ali você vai fazer uma chupeta, quanto? Eu disse é R\$ 20,00. Não é tiração³⁷ isso? Falava entra aí que eu quero uma chupetinha, me levava, eu fazia e me trazia de volta. Não me botou no carro dele eu fui andando e o cara veio lá embaixo ... e eu andando, andando, andando, e ele bem devagarinho. Eu andando atrás e ele na frente. Daí eu chego lá e ele falou assim: Você não leva a mal o que eu vou dizer? Você fica pelada aí fora e eu me masturbo aqui dentro? Aí eu falei: moço, o que você tá pensando da gente? Tá com medo de mim? Como você quer fazer um programa? Pois eu vou ser bem sincera eu é que tô com medo de você. Por que que você não quer que eu entre no seu carro? Você acha que eu vou roubar? Não, eu conheço a N. E

³⁵ - Mona - mulher em bajubá.

³⁶ - Colocadas - drogadas, alcoolizadas, em bajubá.

³⁷ - Gozação, ato de tirar sarro.

porque você não quer que eu entre no seu carro, se você conhece as minhas amigas lá de casa? Se quiser a gente vai lá em casa, que desconfiança é essa? Você acaba se magoando, isso é *magoação*³⁸, porque a gente que é da noite, a gente temos que desconfiar do cliente, não é o cliente desconfiar da gente. Aí então eu falei pra ele, então tá, eu vou ficar pelada pra você. Só que eu vou entrar no seu carro. Não, não, pode ficar aí fora. E ele todo arrumado, sabe? Só que primeiro você me dá o dinheiro. Aí ele me deu os R\$ 20,00. Só pela sua tiração de ter feito eu vir de lá de cima até aqui a pé e você veio de carro, eu vou ficar com esse dinheiro. Por não ter deixado eu entrar no seu carro eu não vou fazer o programa. Aí ele disse tudo bem. Eu não considero isso um roubo. É roubo isso? Não, né? Não é folgado? Olha aqui a gente pode multá, sabe por quê? Por que as cafetinas também multa a gente.

P - O que é multa?

K - Multa é isso aqui ó. Eu fiquei com raiva de uma bicha [outra travesti]. Aí eu chego lá, pego a garrafa de café e pá no chão com raiva da bicha. Hoje uma garrafa de café custa quanto? Uns dez reais? Ela [a cafetina] tem o direito de chegar pra mim e falar só por causa do abuso você vai pagar R\$ 500,00. Ela pode fazer isso, como cafetina pode. Ela pode dizer mas vai dar show na puta que o pariu mas não estraga minha casa. Tá entendendo? A mesma coisa é a gente. A mesma coisa é a gente, que vai pro motel com um cara. Aí, que nem outro dia eu saí com um cara e eu fui logo falando, meu peito é postiço, e ele falou não, não tem problema. Daí eu fui tirar a roupa e ele, não, eu não quero mais ficar com você porque seu peito é diferente. Eu falei mas então você vai pagar meu programa, não vai? Eu vou pagar. O dobro, não é? Porque se eu vou ficar com você eu ia cobrar trinta, mas como você não ficou comigo agora eu vou cobrar R\$ 60,00. Eles pagam numa boa e isso não é roubar. Jamais o cliente vai voltar outro dia na pista... jamais ele vai na casa dele pegar uma arma e matar por causa disso.

(Caderno de campo 22/03/2007).

A multa é um castigo imposto num jogo de dissimetrias: aquele que infringiu alguma regra social deve pagar, na maioria das vezes em moeda corrente, um valor estipulado para ter seu valor *moral* restabelecido, por exemplo a multa de trânsito ou por atraso no pagamento de algum conta. Esta é a lógica capitalista que permeia a vida social. Numa lógica distorcida, a cafetina multa por algo de *errado* que a jovem travesti fez – quebrar a garrafa térmica – e determina um valor bem acima da média de mercado pelo *abuso* cometido de quebrar algo que não lhe pertencia. Assim a travesti aceita a ordem social estabelecida e assim subjetiva esta prática e também se sente apta a utilizá-la para com os *clientes que rompem o acordado* para os serviços sexuais.

Foucault nos apresenta a subjetivação normatizadora como uma dimensão da experiência moral, mas ao mesmo tempo nos adverte que a relação do código/regras com as condutas devem ser regidas por ele (código e/ou regras) e que não se deve apresentar razões ou justificativas para a sua aceitação. Agir de acordo com um determinado princípio sugere não só posicionar-se diante dele e do lugar que se ocupa, mas também restringir a parte de si implicada na observância desse preceito. Assim o sujeito atua sobre si por meio de práticas tendo como horizonte a conduta, um certo modo de ser que é

³⁸ - Ato de magoar.

desejado. Mais do que atrelar um indivíduo a determinadas regras, a subjetivação normatizadora implica na experiência moral da constituição de um certo tipo de sujeito que não está dado de antemão, pois que se trata de formá-lo, de torná-lo um certo tipo de sujeito, e não de afirmá-lo.

É necessário também admitir que em certas morais a importância é dada, sobretudo ao código, à sua sistematicidade e riqueza, à sua capacidade de ajustar-se a todos os casos possíveis, e a cobrir todos os campos de comportamentos; em tais morais, a importância deve ser procurada do lado das instâncias de autoridade que fazem valer esse código, que o impõem à aprendizagem e à observação, que sancionam as infrações; nessas condições, a subjetividade se efetua, no essencial, de uma forma quase jurídica, em que o sujeito moral se refere a uma lei ou a um conjunto de leis às quais ele deve se submeter sob pena de incorrer em faltas que o expõem a um castigo.(FOUCAULT, 2001, p. 29).

Para as travestis, principalmente aquelas que moram no Jardim Itatinga, na casa administrada por Denise, as ações morais não são a mera aplicação de um princípio universal da cultura "travesti" a casos particulares ou a afirmação de uma identidade original, mas através dessas ações morais elas se constituem como sujeitos dentro de uma certa conduta moral, um modo de ser específico.

P - Eu queria conversar sobre a casa, sobre o funcionamento da casa.

Carol - (Com quem Denise divide a administração da casa) A bicha chega aqui e conversa comigo. E eu explico pra ela qual é a regra da casa, o que a casa pede pra ela.

P - E qual é a regra da casa?

C - A regra é assim: ela sabe que não pode usar droga aqui, a não ser a erva [maconha]. Erva tudo bem. Agora, cocaína e crack, a Adriana não aceita jamais. Que elas não roubem aqui. Porque ela sai lá pra fora trabalhar, entendeu, e roubar, a Adriana não gosta dessas coisas. Pra ela trabalha na moral. Eu explico isso pra ela porque, tem umas que chegam aqui muito loucas, drogadas, roubam na frente da casa... E agente não tem controle, senão... Eu explico pra elas, que caso elas não respeitem as regras, aí a Adriana manda embora.

(Cadernos de campo, 22/03/2006)

(...)

Denise - (...) A minha ideologia é de acolher, recolher, valorizar, incentivar, estar aconselhando e tal, mas as cafetinas não é, então aqui, por exemplo, eu tomando conta da casa, não dessa daqui porque aqui eu moro sozinha, umas que vem aqui são minhas colegas e amigas e tal, as meninas, eu estou incentivando e falando e tal, de repente aconteceu um problema que nem eu estou sabendo... a dona da casa [Adriana] sabe, ela liga e fala Denise, manda a fulana embora, no dia anterior eu tava lá aconselhando, cuidando, passando a mão, alisando e no dia seguinte eu tenho que estar lá mandando embora, Olha a Adriana falou que você não pode continuar, você fez isso e isso e ela não quer mais... E hoje tem aquela coisa da cafetina falar assim, vai embora da cidade, não é só vai embora da minha casa, é ir embora da cidade, você não pode ficar mais na cidade, entendeu?

(Caderno de campo, 05/04/2006).

As travestis com as quais convivi por mais de um ano no Jardim Itatinga utilizam todo um arsenal tecnológico para se construírem fisicamente e constituírem suas

identidades femininas, adotando, inclusive, um nome feminino. Elas se tratam umas às outras por mona ou amapô, termos advindos do dialeto bajubá e que significa mulher.

Enquanto a cultura machista e heterossexista lhe reserva toda sorte de exclusões, pensar a travesti profissional do sexo a partir da questão de gênero transfere para sua vivência social características próximas à experiência prostitucional feminina.

E por estar inserida no mercado informal da prostituição, que é vista como uma chaga humana, Versiani (1980 apud GASPAR 1985) nos diz que *o estigma projetado na prostituição aciona outras formas de discriminação e ainda que tenha apenas a conduta sexual como referência explícita, transfere sua projeção para outros papéis da vida da prostituta*. Fato este também observado entre algumas de minhas pesquisadas, como demonstra o seguinte diálogo:

P - E você, está aqui há quanto tempo?
Luana - Eu... Não sei, tem um tempo, mas é que eu vou e volto pra casa.
P - Você mora onde?
L - Em Goiânia.
P - Porque você vai e volta?
L - Sei lá, acho que porque eu não gosto de ficar aqui por muito tempo. Ficar fazendo o que eu faço...
P - E o que você faz lá em Goiânia?
L - Nada. Antes d'eu vir pra cá eu trabalhava num frigorífico. Trabalhava lá, aí eu saí, e agora eu vim pra cá!
P - E qual a sua idade?
L - 20, 20 aninhos.
P - 20 aninhos... E desde quando você descobriu que você era travesti?
L - Pra falar a verdade, travesti eu não sou. Lá na minha cidade eu não me visto assim, não.
P - Então, como você se define?
L - Sei lá.
P - Se você não é travesti o que você é?
L - Um gay normal.
P - Há há há há ... mas você não faz programa?
L - Faço
P - E lá em Goiânia você não faz programa?
L - Não.
P - E seus pais não sabem?
L - Que eu sou gay, sabem. Que eu me visto assim, que eu faço programa aqui, não!
P - E o que você faz com essas roupas?
L - Minha mala é trancada. Chegando lá eu tranco.
P - E esses adereços todos?
L - Ninguém mexe, ela fica trancada.
(Caderno de campo, 20/11/2006).

Este diálogo demonstra a preocupação de minha entrevistada em evidenciar que a atividade profissional no mercado prostitutivo e a performance corporal requerida no comércio sexual das travestis não fazem parte de seu projeto de vida, portanto sua passagem pelo Jardim Itatinga não deve interferir nos outros domínios de sua existência. Ela afirmou não ter silicone (líquido ou prótese) no corpo e seus cabelos (na época da

pesquisa) eram curtos, embora nossa conversa tenha acontecido em seu quarto, enquanto ela se produzia para o trabalho prostitucional, passando chapinha para alisar os cabelos e se maquiando.

Mesmo assim vale lembrar que a atividade do corpo transformado e erotizado da travesti tem um valor de troca no mercado prostitutivo e sua atividade profissional não pode ser problematizada isoladamente, uma vez que oferta não subsiste sem uma demanda e demandantes. Só esta simples lei mercadológica nos serve para pensar a prostituição das travestis para além do ponto de vista de seus corpos transformados e atravessados pela violência institucionalizada.

Outro conceito que se aplica à experiência travesti é a resiliência, que para as ciências humanas representa a capacidade do indivíduo em resistir às adversidades, físicas e psicológicas e assim reconstruir sua vida apesar de tudo de negativo que a cerca. Resiliência, que é um termo originário da física e, segundo Ramires (2004, p. 161), foi estendido à *psicologia e refere-se à capacidade demonstrada pelo seres humanos em lidar cotidianamente com pressões adversas (...) disposição que o indivíduo possui para superar situações difíceis de perda, stress, e desafios em suas vidas*. Assim, as travestis possuem uma forte resiliência, pois a despeito de tudo e de todos, elas se constroem, se subjetivam e sobrevivem cotidianamente, como podemos ver neste desabafo de uma outra participante:

Kelly - Quando eu vim agora, da última vez que eu vim do Ceará, pra casa dessa outra cafetina [em São Bernardo do Campo], veio eu e outra bichinha [travesti]. A bichinha bombou [colocou silicone líquido] a bunda, mona, e a cafetina fez a máfia³⁹ com a bicha. Bombou a bicha, colocou uma peruca e a bicha ficou linda. Mas aí o que acontece? A bicha tinha que dá pra ela todo aquê⁴⁰ que ganhasse... Quando ela me mostrou como tava o pé dela⁴¹ eu falei pra bicha: bicha vamos embora que isso aí já é palhaçada! Viado nenhum agüenta tanto silicone de uma vez só. E a cafetina morreu dizendo que não foi ela que fez isso. Olha mona nem o [silicone] barra 1000⁴² ela usou no viado, ela usou foi aquele lá de 350. Desceu tudo e agora como é que a bicha faz pra pagar a peruca? E ainda tem que pagar aquele silicone todo! Tudo o que a bicha faz é pra pagar a peruca e pagar o silicone, pagar a peruca e pagar o silicone. A bicha não fuma, não bebe, não se droga, não faz nada! Ta lá empenhada! Eu não, logo que me multou eu disse ah! vai me multá? Pois eu vou pra rua ganhar o aquê. Ganhei, comprei a passagem e vim pra cá. Eu disse pra ela [cafetina] que só voltaria quando eu ganhasse o dinheiro dela. Fiquei dois dias na rua, fiquei dois dias na rua dentro do motel ganhando dinheiro pra que, pra dar pra cafetina? E quando eu tava vindo [pra Campinas] fui roubada e eu cheguei só com duas saias e um top. Eu tava lá em

³⁹ - Aprontar, explorar.

⁴⁰ - Aquê - dinheiro, grana em bajubá.

⁴¹ - O silicone líquido na maioria das vezes escorre por dentro do organismo, parando no tornozelo, criando o fenômeno de "pata de elefante."

⁴² - Há no mercado dois tipos de silicone industrial, o barra 1000, que é mais viscoso e o 350, que é mais líquido.

Santo André e eu falei pra bicha, bicha é a tua cara ficar aqui dando o cu e chupando o pau desses lixos [os clientes] pra pagar essa peruca. Todo dinheiro seu vai pra cafetina. Você já pagou esse silicone ó (estala os dedos). Você vai se matar pra dá dinheiro pra ela por quê? Todo dia ela em cima da bicha, cobrando. Viado, você vai ficar a vida toda pra pagar esse peito [que ainda vai colocar]? Junta o seu dinheiro e paga esse peito de uma vez. O viado é bonito, ele ganha, mona. Sabe aquele viado que ganha e a cafetina aproveita e qué logo botar peito, pra ficar empenhado? Bicha, pelo amor de Deus vamos embora, não bota esse peito, não bota esse peito! (...) Sabe aquela bicha que veio do interior? A bicha é inocente e é a primeira cafetina? Eu disse pra bicha, eu vou ficar me matando pra dar dinheiro pra cafetina? Eu vou fugir... Por que por qualquer coisa a bicha [a cafetina] multava! Porque bicha eu paguei tanta multa, tanta multa praquela cafetina. Olha, uma bicha quebrou a garrafa de café, a cafetina multou todo mundo, porque ninguém sabe quem quebrou aquela garrafa. As bichas foi lá brigar uma com a outra, tacou a faca, a bicha [cafetina], multou todas, todas pagaram R\$ 50,00, entendeu? A cafetina [de Santo André] fez a podre, entendeu? A cafetina é muito podre!

(Caderno de campo, 22/03/2007).

Com suas próteses, liftings, cirurgias plásticas e inúmeras outras técnicas de modificação corporal, a ciência hoje propicia uma inegável dimensão emancipatória ao corpo, e assim ameaça de modo direto os alicerces mítico-simbólicos que regulam a moral jurídica das identidades hegemônicas calcadas no masculino e feminino.

A partir dos anos de 1980, a epidemia de Aids possibilitou a emergência discursiva sobre as práticas sexuais humanas transgressivas. Assim, iluminou e visibilizou as múltiplas formas de sexualidade, ascendendo uma gama de subculturas que colocaram em xeque o binarismo clássico do masculino e do feminino, do heterossexual e do homossexual, do normal e do desviante. A partir de então, na figura do homossexual não couberam mais as inúmeras identidades surgidas a partir da inversão dos papéis sexuais, como é o caso da travesti.

Talvez por isso hoje não enxerguemos mais tantos problemas e receios no corpo sexuado da mulher, pois transferimos estes temores para a questão do gênero feminino, reivindicado pelas travestis e transexuais.

P – Ela [a travesti adolescente] sabe diferenciar uma travesti de uma transexual?

Denise – Não sabe, mas você percebe quando é uma travesti e quando é uma transexual.

P - Você pode definir uma e outra identidade?

D - A pessoa que é transexual já tem uma maneira de se comportar diferenciada, uma travesti geralmente quer se vestir mostrando toda a forma do corpo, sensual, nua, e a transexual não, ela quer se vestir se comportando como uma mulher, uma mulher que não deixa o seio à mostra, que não deixa a poupa da bunda de fora, você entende como é? Uma travesti já abusa da sensualidade, ela já abusa do corpo, ela se expõe pra seduzir e uma transexual não, ela já se veste, tampa o máximo do seu corpo porque pra ela, ela é mulher... [A transexual] tem um desejo maior de parecer com o sexo feminino e é um desejo tão grande que chega a ser uma fixação, é um desejo de ser mulher, então ela quer casar, quer ter filho, quer ter vagina, não se imagina como prostituta. Ela se prostitui até saber que é transexual, um dia ela descobre que não é travesti, que as coisas que

satisfazem a travesti não satisfazem a ela, então ela se descobre, porque a travesti fala com muita tranquilidade da sua genitália e ela não consegue falar dela porque pra ela isso não existe. Pra ela é um pedaço que ela não quer nem lembrar que tem. Ela começa a perceber que é diferente (...) Mesmo a transexual que vem morar com cafetina e tudo, vem se prostituir, mas pra ela não faz bem andar com as travestis, ela consegue se relacionar melhor com uma outra mulher. Uma travesti não fala do amor do homem, ela não espera o amor de um homem, são pouquíssimas travestis que falam nessa questão de amar uma pessoa, de amar, de querer.
(Caderno de campo, 05/04/2006).

Toda a imagem corporal da travesti é construída sob signos do feminino: saias, vestidos, seios, cabelos bem tratados, unhas cumpridas, saltos altos, etc., que corroboram com a reivindicação de serem vistas e tratadas no feminino.

Contudo o inflexível antagonismo existente entre suas formas femininas e seu pênis masculino desloca os gêneros, desconstruindo o masculino e reconstruindo o feminino. Ou seria o contrário? Nesta perspectiva, qual o enquadramento conceitual para o seu gênero? Ao colocarmos a questão da identidade travesti nestes termos, caímos na emboscada teórica de tratar gênero e sexo novamente a partir da dicotomia natureza e cultura. A questão que se coloca então é: como fugir dessa armadilha?

(in) conclusão.

Essa dama era Geni
Mas não pode ser Geni
Ela é feita pra apanhar
Ela é boa de cuspir
Ela dá pra qualquer um
Maldita Geni

(...)
Vai com ele, vai Geni
Vai com ele, vai Geni
Você pode nos salvar
Você vai nos redimir
Você dá pra qualquer um
Bendita Geni

(...)
Mas logo raiou o dia
E a cidade em cantoria
Não deixou ela dormir
Joga pedra na Geni
Joga bosta na Geni
Ela é feita pra apanhar
Ela é boa de cuspir
Ela dá pra qualquer um
Maldita Geni

Geni e o Zepelim
Chico Buarque de Holanda

O gênero é uma instância estruturante muito mais da ordem das instituições sociais do que propriamente dos sujeitos que por elas transitam. Ele integra o mapa cognitivo com que os sujeitos operam, e não a identidade supostamente estável e inerente de cada pessoa. Longe de ser intrínseca e determinada de antemão, a identidade sexual vai sendo impressa no sujeito como parte do processo pelo qual ele emerge como ser social, a partir das identificações em que se envolve e da leitura que realiza de seus próprios signos anatômicos. Assim, o sexo biológico - pênis ou vagina - nada mais é do que uma referência que conduz a sua construção identitária, mas essa leitura ou interpretação da relação entre sua identidade e esses signos ou inscrições anatômicas é sempre individual e bastante aleatória. Sendo assim, onde então observar o que é feminino e masculino num determinado sujeito?

O feminino e o masculino, enquanto estruturas sociais, vão se acoplando à vida de cada um através de sua interação com a cultura. Assim, feminino ou masculino são constituídos pelos papéis prescritos pela estrutura, e são sempre diferentes a cada novo ser

que desponta para a vida em sociedade. Portanto seria possível afirmar que, se o gênero, como categoria, faz parte de um modelo estável, é extremamente instável e fugidio em seus processos de instanciação.

Desta maneira, qualquer sujeito tem a possibilidade de ser um indivíduo misto a respeito de sua composição de gênero, pois todos nós nos constituímos a partir de nossas experiências sociais e registros interiores. Nesta perspectiva, as travestis são os sujeitos exemplares desta mescla identitária, já que se constituem num *mix* entre o masculino e o feminino e não como sujeitos monolíticos como as identidades de gênero geralmente indicam, ou nos forçam a crer.

Dizer que a orientação sexual está ligada ao objeto preferencial do investimento libidinoso e à disposição afetiva masculina ou feminina é muito restritivo, assim como falar que a heterossexualidade e a homossexualidade são apenas esquemas para as alternativas sexuais. Ao pensarmos os gêneros, devemos questionar as formas imprecisas de sua construção e o modo como os sujeitos são discursivamente constituídos. Assim, é entre o interior e o exterior que se dá o aprendizado das travestis ao constituírem o seu próprio gênero.

Ao situar-se no terreno generificado, utilizando o quadro de referência do gênero heteronormativo, a travesti oscila entre o que lhe é inerente -pênis- (*sou um gay normal* - resposta de uma de minhas entrevistadas, e sendo assim, o que seria um gay anormal?) e o que é criativo - a partir de sua orientação sexual ou suas formas corporais-(é comum elas se chamarem de *bicha* ou *mona*). Discursivamente elas oscilam entre o que é natural - pênis- e o que lhes é artificial - ser mulher. Assim, ao fabricar seu corpo, dotando-o de contornos femininos, a travesti está construindo também seu próprio gênero; em outras palavras, está colocando em ação os processos de constituição dos sujeitos através das práticas de construção de si.

A travesti personifica o jogo do gênero, quer seja ele discursivo ou corporal, demonstrando na prática o que ele tem de artificial, manipulado, criado e reinventado, como resultado de uma substância cultural. Ela comprova, por meio de suas práticas e dos significados que atribui ao masculino e ao feminino, as características culturais dos processos de fabricação e construção dos gêneros nos sujeitos. E assim, contribui para o alargamento da percepção do papel do corpo no processo de constituição social do sujeito.

Todas as vezes em que fui ao Jardim Itatinga e conheci uma nova travesti recém-chegada, foi como reencontrar uma velha conhecida, cuja história de vida já me fora

contada, só que com outra roupagem, um novo colorido, mas semelhante a todas as histórias já catalogadas. As brigas em família, o abandono do lar paterno, conflitos internos por não serem aceitas, o encontro com outras travestis mais velhas, o aprendizado da montagem corporal, a imersão no universo prostitutivo. Narrativas contadas em meio a gargalhadas. Ao poucos fui entendendo que as violências que compõem essas existências só são percebidas como violência por quem está do lado de fora. Elas se subjetivam, isto é, se colocam na vida social com todos os valores e significados que lhes são pertinentes e se constituem a partir desta tensão permanente entre transgredir, desestabilizar e sabotar qualquer tentativa de categorização normalizadora.

A partir de minha inserção entre as travestis, percebi o trabalho social realizado pelas cafetinas: acolhem os meninos afeminados renegados pela família e sociedade em geral. Investem tempo, paciência e dinheiro, moldando um corpo que será utilizado no mercado prostitutivo a serviço dos prazeres desta mesma sociedade. Assim, são criados e alimentados os monstros, ou criaturas que, discursivamente, servem de modelo para o que o restante da sociedade não se deve ser. É a margem reafirmando o centro.

Desta maneira, as travestis são mais que corpos abjetos, como nos diz Butler, são sujeitos abjetos, desprezíveis, execráveis e que devem desaparecer das vistas da "boa sociedade", tanto que, em toda minha militância, ouvi várias histórias de travestis que foram assassinadas e, no entanto, nunca soube de nenhum assassino que tenha sido preso, ou condenado.

Em seu livro-reportagem sobre uma série de assassinatos de homossexuais no início da década de 1980 em São Paulo, Roldão Arruda nos fala de cadáveres que fedem mais - aqueles que causam comoção social, geram reportagens e cujo prestígio força as autoridades policiais a procurarem seus assassinos; ou fedem menos - aqueles cuja morte ou assassinato passam despercebidos. Os cadáveres das travestis não fedem, não incomodam, não têm quem reclame por eles, ficam lá nas gavetas do IML e depois são enterrados como indigentes. Ninguém se indigna com os tiros, facadas ou pauladas que eliminam esses sujeitos do cenário urbano. Seus assassinos agem como se fossem autorizados a livrar a sociedade de algo impuro, poluente, pecaminoso, que provoca a ira de Deus e merece punição.

Nesse sentido, a violência, tanto em sua forma concreta quanto simbólica, atinge as travestis que transitam nos espaços de prostituição. Cabe mencionar os assaltos e as agressões físicas e/ou verbais, sem contar a exposição constante às chamadas doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), principalmente a AIDS.

Diante desse contexto de exclusão, a experiência humana nos territórios prostitucionais envolve perigos diversos. Nesses ambientes de comercialização do prazer sexual, as tensões e os conflitos entre travestis, clientes e indivíduos homofóbicos fazem da pista um espaço de riscos e insegurança que inspira grande medo àqueles que habitam em seu entorno ou dele se utilizam no exercício do direito de ir e vir.

Ouvi de minhas entrevistadas muitos relatos sobre a violência sofrida nos locais de “batalha”, o que as obriga a estarem sempre alertas, numa tensão permanente. Recorrem às drogas (maconha e cocaína) e ao álcool (cerveja e cachaça) com regularidade, para que as estimulem no trottoir ou talvez para encorajá-las a enfrentar as contingências de um ofício ironicamente classificado como fácil pela moral social.

Tais relatos revelam também que a violência cotidiana se alterna com manifestações aparentemente inocentes de chacota e desdém. No entanto, quando o assunto é travesti, aqueles que dizem não entender, mas respeitar as diferenças, exibem displicentes uma certa ironia na voz e no olhar. Sendo assim, o que se esconde no deboche contra a travesti? Manifestação inconsciente, considerada inconseqüente, condicionada pelo que sempre foi visto como caricatura e percebido como ridículo? No entanto, ao mesmo tempo em que suscita tais atitudes, esse assunto nos faz lembrar das tragédias das expulsões, espancamentos e assassinatos. Por que algo tão corriqueiro como um sujeito andando pelas ruas da cidade, suscita tantas tragédias silenciosas e silenciadas socialmente?

Vemos assim que a travesti faz parte das engrenagens de um jogo que muitos assistem como se se tratasse de um fenômeno absolutamente irrelevante, o que faz com que o preconceito se abata sobre ela sem qualquer atenuante. O problema não são as travestis, mas a questão é quem as mata, espanca e desdenha. Talvez possamos estabelecer uma linha de comunicação entre o risinho no canto da boca do intelectual macho – ou do gay respeitável – com a bala que fere a travesti. O risinho cria, na verdade, a ambiência que naturaliza a decisão de apertar o gatilho.

Apesar de tudo, a travesti na cidade de Campinas, movimenta um mercado bastante promissor entre médicos, cirurgiões plásticos, farmacêuticos, aplicadores de silicone, depiladores, advogados, empresários ligados ao ramo da hotelaria, boates, cinemas que exibem filmes pornográficos, empresas de telefonia celular, jornais em cujos classificados anunciam-se, casas ou pensões de prostituição, costureiras, cabeleireiros, lojas de sapatos especializadas, vendedores ambulantes (principalmente no Jardim Itatinga), entre outros.

As travestis transformam seus corpos cobrindo-os de signos femininos e quando os colocam no mercado prostitutivo das trocas eróticas, o fazem sob a perspectiva de que, na própria sociedade, existe uma demanda erótica. Desta maneira, o cliente, o corpo remodelado e prostituído, o quarto de hotel barato ou motel ou drive-in ou banco traseiro do carro e a ação policial formam uma complexa rede que sobrevive a partir do mito da mulher fálica. Assim, a sociedade numa espécie de expiação cristã cobra um preço muito alto de quem transforma seu corpo para atender a uma demanda social e mercadológica.

Diante deste quadro social repressivo, as travestis reivindicam o feminino em sua estética corporal. Paradoxalmente, elas exibem um gestual e uma postura diante da vida identificados socialmente com o masculino: exibem seus corpos, seus pênis o tempo todo ereto para atrair os clientes, andam seminuas, falam alto, gritam, brigam, se ofendem chamando a atenção de quem está por perto, comportamentos socialmente atribuídos ao homem. Em nosso convívio, várias foram as situações tensas presenciadas entre elas e várias as ameaças veladas, contidas por Denise. Por tudo isto, podemos dizer que o feminino que elas constroem é um feminino fálico? Mítico? Potente?

A travesti constrói a duras penas sua identidade sexual e social a partir de suas contradições e reconfigurações do corpo e da alma, subjetivando-se a partir da resistência a toda sorte de transtornos e humilhações vivenciadas cotidianamente. Tudo isto a torna um sujeito com várias possibilidades e potencialidades, reais e imaginárias.

Mas quem são exatamente as travestis? Seres mutantes? Uma arquitetura anatômica entre corpo e alma, projetada a partir do preconceito social? Seres que ultrapassam os limites do corpo e se lançam em outras possibilidades, soterrando as identidades convencionais? São farsantes? Trágicas? Cômicas? Sexo full time? Trabalhadoras workaholics? Feminino em performance permanente?

Responder a estas questões importa somente àqueles que não entendem e não suportam a fluidez dos corpos e das identidades sexuais e referenciam suas vidas e aspirações ao que a norma social nos impõe.

Anexo I

Manifesto da Comunidade do Bosque

"Queremos, com o apoio da Polícia Militar, Polícia civil e Guarda Municipal, reforçar a segurança do bairro e resgatar a auto estima de seus moradores que tiveram seus direitos cassados e vivem hoje em verdadeira prisão domiciliar. Como é do conhecimento geral, o bairro Bosque convive com a prostituição há muito tempo.

A sete horas da noite, enquanto crianças ainda chegam das escolares, já tem travesti nu pelas esquinas num espetáculo deprimente. No final da tarde chegam em vans de toda parte: Limeira, Jundiaí, Sumaré, Santo Antonio da Posse e Americana. No romper do dia, são apanhados e levados de volta para as suas cidades.

Constantemente vemos adolescentes sendo aliciados, idosos sofrendo assaltos, senhoras sendo desrespeitadas. Urina, fezes nas calçadas e portas de lojas, preservativos usados transformam nossas ruas num banheiro público a céu aberto. Convivemos com o caos todas as noites. Já não suportamos mais esta situação! Queremos, agora, uma ação concreta e efetiva por parte de todos.

Não somos contra a preferência sexual de ninguém e nosso protesto não se trata, em absoluto, de preconceito. Só entendemos que para tudo tem que haver um local adequado. Que não seja uma área residencial com famílias. Quinze mil pessoas decentes que, tudo o que querem, é ter paz novamente. Poder ir a uma padaria, poder comprar um sorvete a noite, andar pelas ruas depois do escurecer, noites tranquilas, nas quais pudessem dormir sossegadamente, sem gritos, escândalos, quebra-quebra, arruaças, tiros e perseguições.

Através do CONSEG - União Leste (Conselho Comunitário de Segurança) temos reuniões mensais com as polícias militar e civil e vemos que existe disposição para colaborar, mas sabemos que depende de ordens superiores e respaldo legal para agirem com maior rigor. O Conseg encaminhou em junho deste ano um dossiê recheado com ofícios, fotos dos travestis e dos imóveis abandonados à Prefeitura, Polícia Militar e nada mudou. Uma cópia desse dossiê foi entregue no dia 15 de novembro ao Secretário de Segurança Pública de São Paulo, Sr. Saulo de Castro Abreu Filho e a Coordenadoria Estadual dos Consegs e ainda não houve retorno.

Revoltada, a comunidade já fala me interditar vias expressas, por fogo em pneus, entretanto resolvemos optar por formas de protesto mais pacíficas como a passeata do dia nove de novembro e o apitão do dia quatro de dezembro, no intuito de fazer o poder público olhar para nós, cidadãos cumpridores de nossos deveres, que sofremos com a degradação moral do bairro.

A comunidade do Bosque abrange aproximadamente quinze mil pessoas que querem exercer o seu direito à cidadania.

Anexo II

Código de ética e conduta das profissionais do sexo

- 1 - Não trabalhar colocada⁴³ pois andando bêbada ou drogada, fica fora de controle, muito mais frágil para enfrentar agressões e para evitar sexo com risco.
- 2 - Ter sempre diversas camisinhas e gel lubrificante na bolsa.
- 3 - Não sair com menores de 18 anos.
- 4 - Não andar com drogas e com armas (gilete, estilete, revólver).
- 5 - Não ficar nua na rua, com a bunda , a neca⁴⁴ ou os peitos de fora.
- 6 - Negociar sempre antes com o cliente: o preço, o tempo e o que vai fazer no programa.
- 7 - Denunciar junto ao grupo homossexual local, ao Centro de Referência GLTTB, ou á polícia toda violência, discriminação e preconceito sofridos.
- 8 - Não insultar com desprezo, falar mal, maltratar ou roubar os clientes.
- 9 - Nunca dar a Elza⁴⁵, nem nos clientes nem nas colegas. Seja honesta sempre.
- 10 - Não puxe a chave do carro do cliente, pois é crime de extorsão.
- 11 - Denuncie as colegas que estão roubando. Elas prejudicam a sua profissão e atraem a policia!
- 12 – Não fazer as necessidades fisiológicas (xixi e coco) nas ruas e calçadas.

⁴³ - Colocada - Na linguagem das travestis significa estar bêbada ou drogada.

⁴⁴ - Neca - Em bajubá, significa, órgão sexual masculino, pênis.

⁴⁵ - Elza - Na linguagem das travestis significa ato de roubar.

Bibliografia

Referências Bibliográficas

Livros:

ARRUDA, R. **Dias de ira**: uma história verídica de assassinatos autorizados. São Paulo: Globo, 2001.

BENEDETTI, M.R. **Toda feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2005. Coleção: Sexualidade, gênero e sociedade.

BENTO, B. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2006. Coleção: Sexualidade, gênero e sociedade.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: II a experiência vivida. Trad. Sérgio Milliet. 2 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BUTTLER, J. **Problemas de Gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Coleção: Sujeito e história.

CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINAS. **Debate público - travestis no bosque**. Presidido pela vereadora Delegada Terezinha.. Transcrição de T. F. BACCHI COMUNICAÇÕES. 11/12/2003.

CHAVES, A. **Direito à vida e ao próprio corpo**: intersexualidade, transexualidade, transplantes. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, p. 128-29, 1994.

COSTA, Jurandir F. O referente da identidade homossexual. In: Parker, Richard e Barbosa, Maria Regina (Orgs). **Sexualidades Brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996, p. 63-89.

COSTA, J. F. **O vestígio e a aura**: corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2004. Coleção: A lei do desejo.

DELEUZE, G. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. 6 ed. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DENIZART, H. **Engenharia erótica**: travestis no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1997.

DOUGLAS, M. **Pureza e Perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade** I: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 6ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. Coleção: Biblioteca de filosofia.

_____. **História da sexualidade II: usos dos prazeres.** Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 9ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. **A ordem do discurso.** São Paulo: Edições Loyola, 1996. Coleção: Leituras Filosóficas.

_____. **Microfísica do poder.** Roberto Machado. 12 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1996.

_____. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas,** Trad. Salma Tannus Muchail. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes. 1999. Coleção: Tópicos.

_____. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975).** Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes. 2001. Coleção: Tópicos.

_____. Outros espaços. **Estética: literatura e pintura, música e cinema.** Trad. Inês Autran Dourado Barbosa 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária. 2006, p. 411 - 422. Coleção Ditos & Escritos III

_____. Prefácio à transgressão. **Estética: literatura e pintura, música e cinema.** Trad, Inês Autran Dourado Barbosa 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, p. 28 - 46, 2006. Coleção Ditos & Escritos III.

GARCIA, W. **A forma estranha: ensaios sobre cultura e homoerotismo.** São Paulo: Edições Pulsar, 2000.

GASPAR, M. D. **Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social.** 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1985.

GUATTARI, F. :Rolnik, S. **Micropolítica: Cartografias do desejo.** 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1986.

HALL, S. **A questão da identidade cultural.** Trad. Andréa Borghi Moreira Jacinto e Simone M. Frangella. 3 ed. Campinas: IFCH/Unicamp, 2003. Coleção: Textos didáticos.

LAQUEUR, T. **Inventando o Sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud.** Trad. Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **CID - 10.** Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde. Trad. Centro Colaborador para a Classificação de Doenças em Português. 3ª ed. Décima Revisão. Volume 1. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

PELÚCIO, L. **Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti.** Cadernos Pagu 25. Campinas: Unicamp, p. 217-248. 2005.

PERES, W. S. Violência, exclusão e sofrimento psíquico. **Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde**. Rio de Janeiro: ABIA, 2004: 116-122.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS. **Protocolo para redução de danos no uso de silicone industrial e hormonioterapia na população de travestis e transexuais do município de Campinas**. Campinas, SP. 2004.

RAMIRES, L. Saúde dos homossexuais - uma questão de resiliência. **Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde**. Rio de Janeiro: ABIA, 2004: 161 - 162.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. 2004. Coleção: Brasil Urgente.

SARTRE, J.-P. **Saint Genet: ator e mártir**. Trad. Lucy Magalhães. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

SILVA, H. R. S. **Travesti: a invenção do feminino**. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1993.

TRASFERETTI, J. A. Igreja dos excluídos: pastoral na periferia dos centros urbanos: homossexualismo em questão - retratos desconexos. **Revista de Cultura Vozes**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, v. 91, n 4, p. 136 -154, jul.- ago., 1998.

VENCATO, A. P. Confusões e estereótipos: o ocultamento de diferenças na ênfase de semelhanças entre transgêneros. Homossexualidade, sociedade, movimento e lutas. Campinas: Unicamp, **Cadernos AEL**, v. 10, n.18/19, 2003.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso**. 1 ed. São Paulo: Editora Max Limonad, 1986.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira L.(org). **O Corpo Educado** – pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

Jornais:

AAN. A equação dos direitos nas ruas. **Correio Popular**. Campinas, 08 dez. 2003, Editorial, p. 01.

_____. Justiça decreta prisão do travesti Adriana. **Correio Popular**. Campinas, 20 out. 2004, Caderno cidade, p. 07.

AZEVEDO, P. Conselho propõe “fechar” Bosque contra travestis. **Correio Popular**, Campinas, 29 abr. 2004, Caderno cidades, p. 04.

_____. Travesti morto na Aquidabã é enterrado. **Correio Popular**. Campinas, 05 mai. 2004, Caderno cidade, p. 04.

Comissão quer rua fechada para afastar travestis do Bosque. **Correio Popular**. Campinas, 29 abr. 2004, Caderno cidade, p. 01.

DRAUZIO. Bosque protesta contra travestis. **Correio Popular**. Campinas, 06 dez. de 2003, Caderno cidade, p 02.

EDITOR. Faixas “Respeitem nossas Famílias” em nova campanha. **Interbairros Bosque e Proença**. Campinas, abr. 2004, p. 01.

EDITOR. SABB completa 180 dias lutando pelos interesses do Bairro Bosque e Adjacências. Editorial, **Interbairros Bosque e Proença**. Campinas, jan. 2004, editorial, p. 01.

FARIAS, C. A. B. Travestis no Bosque. **Correio Popular**. Campinas, 06 de mai. 2004, Caderno cidade, 02.

GALLACCI, F. Câmara promove debate sobre o Bosque. **Correio Popular**. Campinas, 12 de dez. 2003, Caderno cidade, p. 09.

GIÃO, A. A. Solução de longo prazo. **Correio Popular**. 29 abr. 2004, Coluna Ponto de Vista.

LIMA, J. Não é o caminho. **Correio Popular**. 29 abr. 2004, Coluna Ponto de Vista.

Moradores do Bosque fazem protesto contra travestis. **Correio Popular**. Campinas, 15 out. 2004, p. 05.

REI, G. Internet denuncia clientela da prostituição. **Correio Popular**. Campinas, 22 nov. 2003, Caderno cidade, p. 04.

ROCHA, S. Crise no Bosque. **Correio Popular**. Campinas, 29 nov. 2003, Caderno cidade, p. 02.

SILVA, C. "Guerra" de travestis termina em assassinato no Bosque. **Correio Popular**. Campinas, 15 out. 2004, Caderno cidade, p. 05.

_____. Câmara ouvirá morador do Bosque. **Correio Popular**. Campinas, 06 dez. 2003, Caderno cidade, p. 04.

_____. Tragédia anunciada. **Diário do Povo**. Campinas, 15 de out. 2004 p. 05.

SILVA, C.; AZEVEDO, P. Assassinato evidencia prostituição infantil. **Correio Popular**. Campinas, 04 mai. 2004, Caderno cidade, p. 05.

_____. Travesti de 16 anos é assassinado no Bosque. **Correio Popular**. Campinas 03 mai. 2004, Caderno cidade, p. 04.

SILVA, C.; INSELSPERGER, J. Bosque faz apitação para protestar contra travesti. **Correio Popular**. Campinas, 04 dez. 2003, Caderno cidade, p.04.

Internet:

CASCAIS, F. **Sexo, para que te quero?** Disponível em <http://www.rizoma.net/interna.php?id=189&secao=desbunde> Acesso em 24 jun. 2007.

GUATTARI, F. **Devir mulher.** Disponível em <http://www.rizoma.net/interna.php?id=167&secao=desbunde>. Acesso em 24 Jun. 2007.

IDENTIDADE - Grupo de Ação pela Cidadania de Lésbicas, Gays, Travestis, Transexuais e Bissexuais. **Entrevista com a travesti Denise Martins.** Disponível em <http://www.identidadecampinas.hpg.ig.com.br/> Acesso em 20/05/2003.

PARADA DO ORGULHO GLBT DE SÃO PAULO. Sexualidade, cidadania, homofobia: pesquisa 10ª parada do orgulho glbt de São Paulo - 2006. Disponível em <http://www.paradasp.org.br/modules/mydownloads/singlefile.php?cid=1&lid=21> Acesso em 20 out. 2007.

PEREIRA, H.; LEAL, I. **A homofobia internalizada e os comportamentos para a saúde numa amostra de homens homossexuais.** Disponível em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v20n1/v20n1a10.pdf> Acesso em 24 de jun. 2007.

PORTELLA, A. P. **Violência contra as mulheres, violência estrutural e violência urbana: conexões perversas.** Disponível em <http://www.cfemea.org.br/violencia/artigosetextos/detalhes.asp?IDTemasDados=26>. Acesso em 24 Jun. 2007.

WELZER-LANG, D. **A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia.** Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8635.pdf> Acesso em 24 jun. 2007.

Obras Consultadas

Livros:

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; SILVA, L. B. **Juventude e sexualidade.** Brasília: UNESCO, 2004.

BACELAR, J. A. **A família da prostituta.** São Paulo: Editora Ática. SP. 1982.

BENEDETTI, M. R. A calçada das máscaras. **Homossexualidades, cultura e política.** Porto Alegre: Sulina, p. 140 – 152, 2002.

CASTRO, M. et al. **Cultivando vida, desarmando violências:** experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situações de pobreza. Brasília: UNESCO, 2001.

CECCHETTO, F. R. **Violência e estilos de masculinidade.** 1 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. Coleção: Violência, cultura e poder.

CORDOVA, L.F. N.Iniciando a pesquisa: trajeto em busca de informantes. **Interdisciplinaridade em diálogos de gênero: teorias, sexualidades, religiões**. Florianópolis: ed. Mulheres, p. 99 - 120, 2004.

FOUCAULT, M. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Trad. Elisa Monteiro. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. Coleção: Ditos & Escritos II.

_____. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. Trad. Maria Ermantina Galvão. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. Coleção: Tópicos.

_____. **Ética, sexualidade, política**. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2006. Coleção: Ditos & Escritos V.

FRY, P.; MACRAE, E. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983. Coleção: Primeiros passos.

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. **Corpo, gênero e sexualidade**. Petrópolis: Vozes, p.28 – 40, 2003.

GREEN, J. N. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. Trad. Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. T. T. S. e G. L. Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Petrópolis: Vozes, p. 41-52, 2003.

OLIVEIRA, N. M. **Damas de paus: o jogo aberto dos travestis no espelho da mulher**. Salvador: Centro Editorial Didático da UFBA, 1994.

PARKER, R. **A construção da solidariedade: AIDS, sexualidade e política no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ABIA:IMS-UERJ, 1994.

_____. **Abaixo do equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil**. Trad. Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PERLONGHER, N. Trottoir: a territorialidade itinerante. **Revista Desvios 5**. São Paulo: Editora Paz Terra S/A. mar., p. 97 -106. 1986.

REVEL, J.**Foucault: conceitos essenciais**. Trad. Maria do Rosário Gregolin, Carlos Piovezani e Nilton Milanez. São Carlos: Claraluz, 2005.

SARAIVA, E. Transcendendo o gênero: travestis e transexuais. **Interdisciplinaridade em diálogos de gênero: teorias, sexualidades, religiões**. Florianópolis: ed. Mulheres, p. 121 - 131, 2004.

SILVA, H.. **Travestis: entre o espelho e a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SPENCER, C. **Homossexualidade**: uma história. Trad. M. Machado. Rio de Janeiro: Record, 1996.

Jornais:

AAN. Comissão quer rua fechada para afastar travestis do Bosque. **Correio Popular**. Campinas, 29 abr. 2004, Caderno cidade, p. 01.

_____. Missa de 7º dia reúne amigos de Shaiane. **Correio Popular**. Campinas, 10 mai. 2004, Caderno cidade, p. 08.

_____. Moradores do Bosque fazem protesto contra travestis. **Correio Popular**. Campinas, 15 out. 2004, p. 05.

_____. Morre no Bosque vítima de “guerra” entre os travestis. **Correio Popular**. Campinas, 15 out. 2004, Caderno cidade, p. 01.

_____. Travesti propõe atitude mais comportada. **Correio Popular**. Campinas, 12 dez. 2003, Caderno cidade, p. 01.

_____. Travesti suspeito de crime tem prisão decretada. **Correio Popular**. Campinas, 20 out. 2004, Caderno cidade, p. 01.

_____. Travestis debatem repressão policial. **Correio Popular**. Campinas 09 mai. 2005, Caderno cidade, p. 03.

_____. Vizinhaça do Bosque denuncia cliente de travesti pela Internet. **Correio Popular**. Campinas, 22 nov. 2003, Caderno cidade, p. 01.

AZEVEDO, P. Conselho propõe “fechar” Bosque contra travestis. **Correio Popular**, Campinas, 29 abr. 2004, Caderno cidades, p. 04.

_____. Travesti morto na Aquidabã é enterrado. **Correio Popular**. Campinas, 05 mai. 2004, Caderno cidade, p. 04.

AZEVEDO, P.; SILVA, C.. Travestis acusam guardas de omissão. **Diário do Povo**. Campinas, 05 mai. 2005, p. 05.

CARVALHO, L. M. **Blitz!** Na trivial interpelação de tipos "suspeitos", um espelho do estado de direito no Brasil. Piauí. Rio de Janeiro, nº 8, mai. 07, ano I. Editora Alvinegra, p.39 - 41. 2007.

DRAUZIO. Bosque protesta contra travestis. **Correio Popular**. Campinas, 06 dez. de 2003, Caderno cidade, p 02.

EDITOR. Entrevista VIP: João Pontin. **Interbairros Bosque e Proença**. Campinas, 08 jan. 2004, p. 03.

_____. Bosque gera polêmica na reunião do conselho integrado de Segurança Pública. . **Interbairros Bosque e Proença**. Campinas, abr. 2004, p. 12.

EDITOR. CRH preocupado com situação dos travestis. **Interbairros Bosque e Proença**. Campinas, mai. 2004, p. 11.

EDITOR. E-mail denúncia contra “fregueses” dos travestis circula novamente na internet. **Interbairros Bosque e Proença**. Campinas, mar. 2004, p. 07.

_____. Entrevista VIP: Cláudia Valente. **Interbairros Bosque e Proença**. Campinas, jan. 2004, p. 05,07.

_____. Entrevista VIP: Dr. Renato Lauer. **Interbairros Bosque e Proença**. Campinas, mai. 2004, p. 03.

_____. Faixas “Respeitem nossas Famílias” em nova campanha. **Interbairros Bosque e Proença**. Campinas, abr. 2004, p. 01.

_____. Respeitem nossas Famílias. **Interbairros Bosque e Proença**. Campinas, abr. 2004, editorial, p. 02

_____. SABB completa 180 dias lutando pelos interesses do Bairro Bosque e Adjacências. Editorial, **Interbairros Bosque e Proença**. Campinas, jan. 2004, editorial, p. 01

_____. Travestis no bosque. Polêmica da permanência continua acirrada. **Interbairros Bosque e Proença**. Campinas, mai. 2004, p. 06.

FARIAS, C. A. B. Travestis no Bosque. **Correio Popular**. Campinas, 06 de mai. 2004, Caderno cidade, 02.

GREGORI, E. Travestis e o Bosque. **Correio Popular**. Campinas, 12 mai. 2004, p. 03.

Justiça decreta prisão do travesti Adriana. **Correio Popular**. Campinas, 20 out. 2004, Caderno cidade, p. 07.

MARIANTE, P. T. Travestis do Bosque. **Correio Popular**. Campinas, 13 mai. 2004 p. Coluna ponto de vista, 02.

MEDEIROS, D. Impasse no Bosque. **Diário do Povo**. Campinas, 09 mai. 2005, p. 06 e 09.

NASCIMENTO, J. M.; PONTIN, J. C. Travestis no Bosque (1) (2). **Correio Popular**. Campinas, 12 mai. 2004, Coluna do leitor, p. 02.

ROCHA, S. Crise no Bosque. **Correio Popular**. Campinas, 29 nov. 2003, Caderno cidade, p. 02.

SILVA, C. "Guerra" de travestis termina em assassinato no Bosque. **Correio Popular**. Campinas, 15 out. 2004, Caderno cidade, p. 05.

SILVA, C. INSELSPERGER, J. . Moradores do Bosque fazem “apitação” hoje contra travestis. **Correio Popular**. Campinas, 04 dez. 2003, Caderno cidade, p 01.

SILVA, C. Tragédia anunciada. **Diário do Povo**. Campinas, 15 de out. 2004 p. 05.

_____. Travesti de 16 anos é assassinado no Bosque. **Correio Popular**. Campinas 03 mai. 2004, Caderno cidade, p. 04.

SILVA, C.; AZEVEDO, P. Assassinato evidencia prostituição infantil. **Correio Popular**. Campinas, 04 mai. 2004, Caderno cidade, p. 05.

SILVA, C.; INSELSPERGER, J. Bosque faz apitação para protestar contra travesti. **Correio Popular**. Campinas, 04 dez. 2003, Caderno cidade, p.04.

VALENTE, C. Assassinato no Bosque. **Correio Popular**. Campinas, 20 out. 2004, Coluna do leitor, p. 02.

Internet:

DELEUZE, G. **Désir et plaisir**. Magazine Littéraire. Paris, n. 325, oct, 1994, pp. 57-65. Disponível em <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/art07.html>. Acesso em 24 Jun. 2007.

_____. **O que é um dispositivo**. Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155-161. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/art14.html>. Acesso em 24 Jun. 2007.

GUATTARI, F. **Os oito "princípios" da esquizoanálise, por Bernardo Rieux**, 12 Out. 2005. Disponível em http://www.oestrangeiro.net/index.php?option=com_content&task=view&id=77&Itemid=51. Acesso em 24 Jun. 2007a.

LAZZARATO, M. **Lutas de "minorias" e política do desejo**. Disponível em <http://www.rizoma.net/interna.php?id=193&seção=desbunde>. Acesso em 24 jun. 2007.

PINHO, O. **Desejo e poder: racismo e violência estrutural em comunidades homossexuais**. Disponível em <http://www.libertadeslaicas.org.mx/paginas/infoEspecial/pdfArticulosDerechos/10010217.pdf>. Acesso em 24 Jun. 2007.

PRECIADO, B. **Multidões queer** - notas para uma política dos "anormais". Disponível em <http://www.rizoma.net/interna.php?id=216&seção=desbunde>. Acesso em 24 jun. 2007.

PRINS, B.; MEIJER, I. C. **Como os corpos se tornam matéria**: entrevista com Judith Butler. Revista de estudos feministas. vol.10 no.1 Florianópolis Jan. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100009
Acesso em 01 Abr. 2007.

REVEL, J. **“Uma subjetividade que jamais cessa de inventar-se a si própria”**. Disponível em http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=128. Acesso em 24 Jun. 2007.

NASCIMENTO, W. F. **Nos rastros de Foucault:** ética e subjetivação. Disponível em <http://unb.br/fé/fef/filoesco/Foucault/art02.html>. Acesso em 24 Jun. 2007.

OLIVEIRA, R. M. R. **Sexualidade, moral e direito: a exclusão dos sujeitos.** Disponível em <http://www.buscalegis.ufsc.br/arquivos/sexualidade.pdf> acesso em 15 nov. 2007.

SUSANN, J. **Teoria queer.** Trad. Ricardo Rosas. Disponível em <http://www.rizoma.net/interna.php?id=191&seção=desbunde>. Acesso em 24 jun. 2007.